



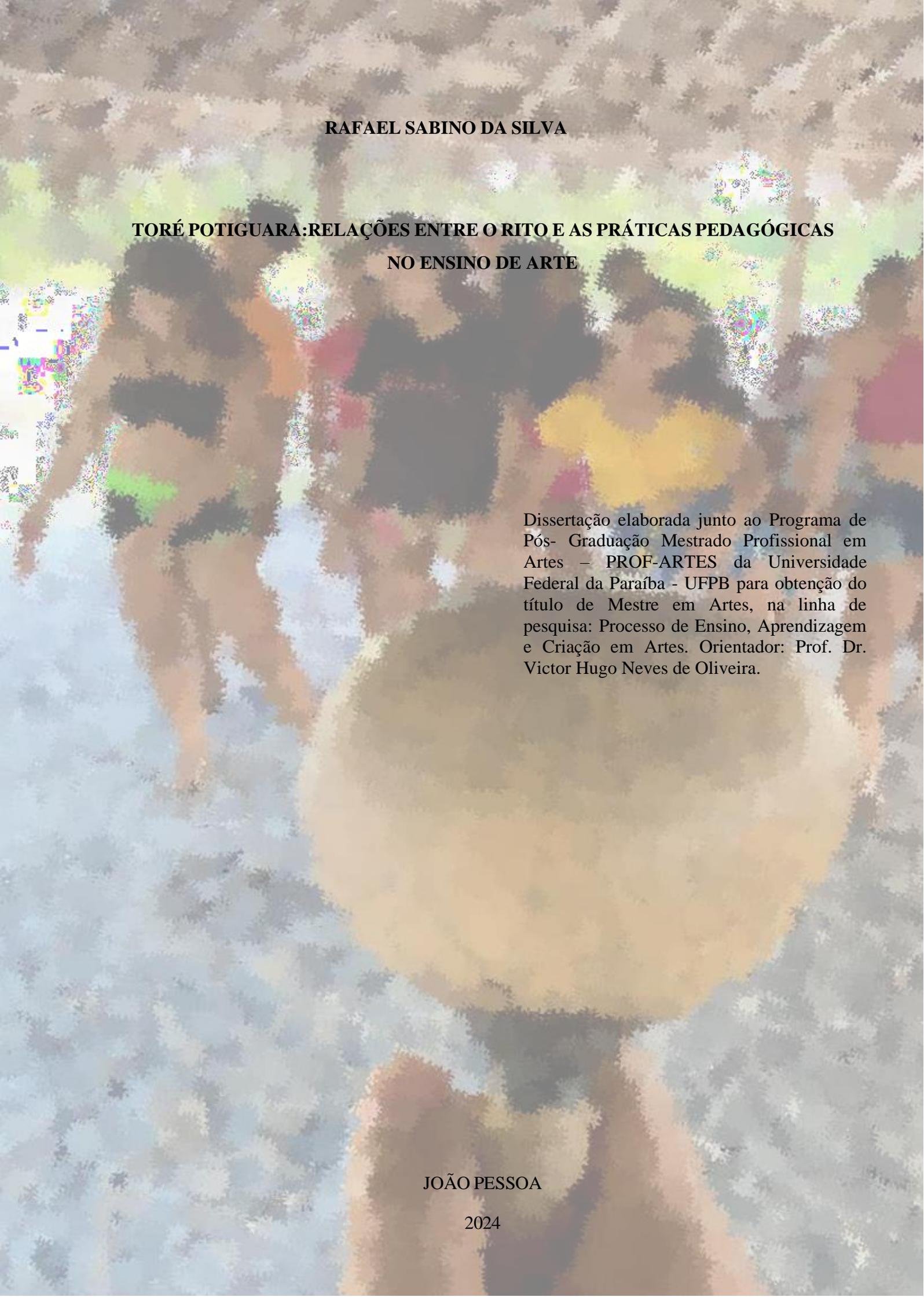
**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA**  
**CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES – CCTA**  
**PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES- PROF ARTES**

**TORÉ POTIGUARA:RELAÇÕES ENTRE O RITO E AS PRÁTICAS  
PEDAGÓGICAS NO ENSINO DE ARTE**

**RAFAEL SABINO DA SILVA**

**JOÃO PESSOA**

**2024**



**RAFAEL SABINO DA SILVA**

**TORÉ POTIGUARA:RELAÇÕES ENTRE O RITO E AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS  
NO ENSINO DE ARTE**

Dissertação elaborada junto ao Programa de Pós- Graduação Mestrado Profissional em Artes – PROF-ARTES da Universidade Federal da Paraíba - UFPB para obtenção do título de Mestre em Artes, na linha de pesquisa: Processo de Ensino, Aprendizagem e Criação em Artes. Orientador: Prof. Dr. Victor Hugo Neves de Oliveira.

JOÃO PESSOA

2024

RAFAEL SABINO DA SILVA

**TORÉ POTIGUARA:RELAÇÕES ENTRE O RITO E AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS  
NO ENSINO DE ARTE**

Dissertação apresentada ao Programa de PósGraduação  
em Artes em Rede Nacional – PROF-ARTES, da  
Universidade Federal da Paraíba, como requisito  
parcial para obtenção do título de Mestre em Artes.

Aprovada em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/2024

BANCA EXAMINADORA

---

**Prof. Dr. Victor Hugo Neves de Oliveira.(UFPB)**  
Orientador (Presidente da Banca) – Universidade Federal da Paraíba

---

**Prof. Dr. VICTOR JUNIOR LIMA FELIX, (UFPB)**  
Examinadora Externo – Universidade Federal da Paraíba

---

**Prof. Dr. Dr. GUILHERME BARBOSA SCHULZE (UFPB)**  
Examinador Interno – Universidade Federal da Paraíba



*Universidade Federal da Paraíba*  
**PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES EM REDE  
NACIONAL**

**ATA Nº 2**

Aos vinte e nove dias do mês de fevereiro do ano de dois mil e vinte e quatro, às 14h00min, na Sala de Reuniões - CCTA, instalou-se a banca examinadora de dissertação de Mestrado do(a) aluno(a) RAFAEL SABINO DA SILVA. A banca examinadora foi composta pelos professores Dr. VICTOR JUNIOR LIMA FELIX, UFPB, examinador externo à instituição, Dr. GUILHERME BARBOSA SCHULZE, UFPB, examinador interno, Dr. VICTOR HUGO NEVES DE OLIVEIRA, UFPB, presidente. Deu-se início a abertura dos trabalhos, por parte do professor Dr. VICTOR HUGO NEVES DE OLIVEIRA, presidente da banca, que, após apresentar os membros da banca examinadora e esclarecer a tramitação da defesa, de imediato solicitou a(o) candidato (a) que iniciasse a apresentação da dissertação, intitulada TORÉ POTIGUARA: RELAÇÕES ENTRE O RITO E AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NO ENSINO DE ARTE, marcando um tempo de 33 minutos para a apresentação. Concluída a exposição, o professor Dr. VICTOR HUGO NEVES DE OLIVEIRA, presidente, passou a palavra ao professor Dr. VICTOR JUNIOR LIMA FELIX, para arguir o(a) candidato(a), e, em seguida, ao professor Dr. GUILHERME BARBOSA SCHULZE, para que fizesse o mesmo; após o que fez suas considerações sobre o trabalho em julgamento; tendo sido APROVADO (a) candidato (a), conforme as normas vigentes na Universidade Federal da Paraíba. Além disso, o trabalho foi indicado por sua relevância e abrangência para publicação.

Documento assinado digitalmente  
**VICTOR JUNIOR LIMA FELIX**  
Data: 01/03/2024 19:39:27-0300  
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

**Dr. VICTOR JUNIOR LIMA FELIX, UFPB**

Examinador Externo à Instituição

Documento assinado digitalmente  
**GUILHERME BARBOSA SCHULZE**  
Data: 01/03/2024 05:50:21-0300  
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

**Dr. GUILHERME BARBOSA SCHULZE, UFPB**

Examinador Interno

Documento assinado digitalmente  
**VICTOR HUGO NEVES DE OLIVEIRA**  
Data: 23/02/2024 21:34:23-0300  
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

**Dr. VICTOR HUGO NEVES DE OLIVEIRA, UFPB**

Presidente

**RAFAEL SABINO DA SILVA**

Mestrando

## FICHA CATALOGRÁFICA

### Catálogo na publicação Seção de Catalogação e Classificação

S586t Silva, Rafael Sabino da.

Toré Potiguara : relações entre o rito e as práticas pedagógicas no ensino de arte / Rafael Sabino da Silva.

- João Pessoa, 2024.

150 f. : il.

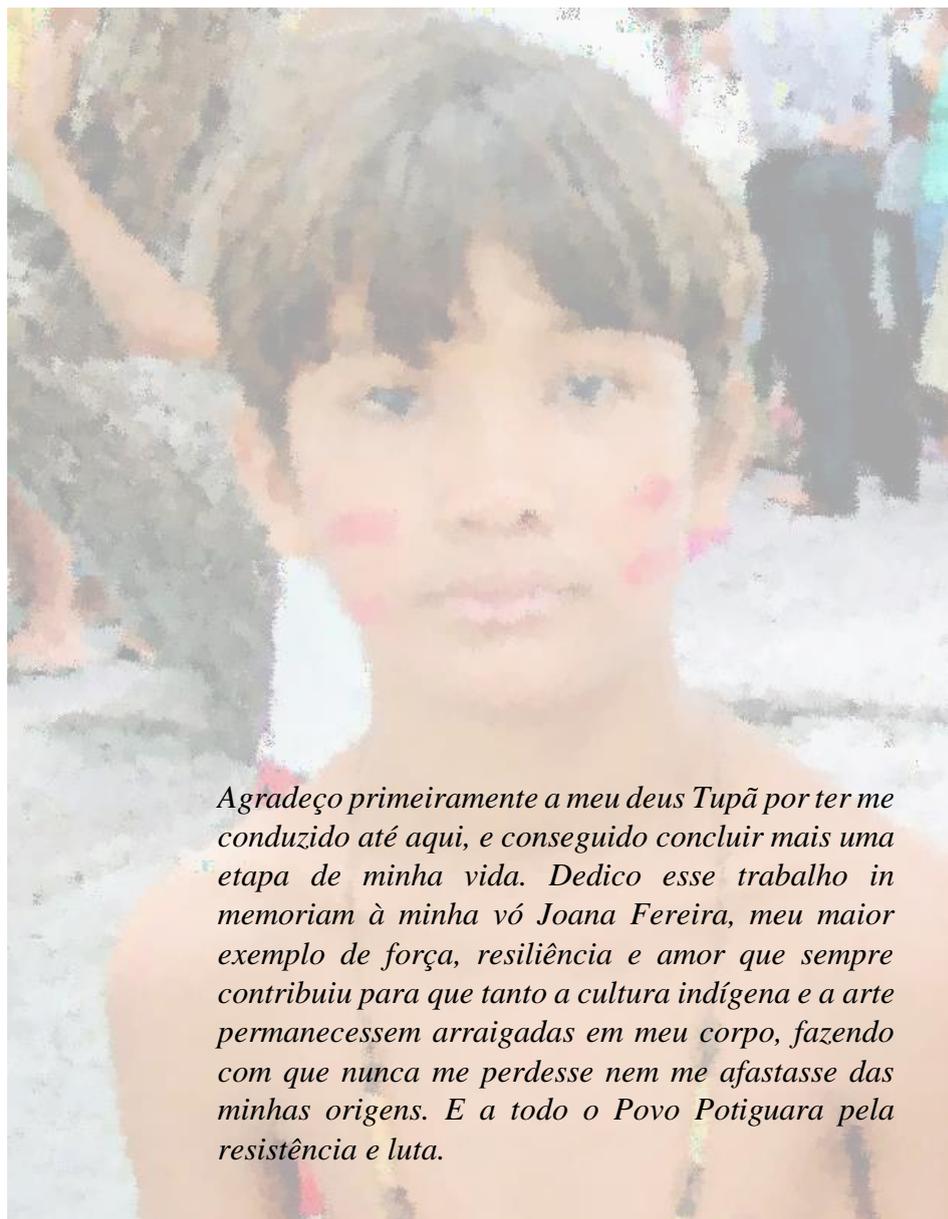
Orientação: Victor Hugo Oliveira.

Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCTA.

1. Ensino de arte. 2. Toré Potiguara. 3. Práticas pedagógicas. 4. Educação indígena. 5. Investigação em dança. I. Oliveira, Victor Hugo. II. Título.

UFPB/BC

CDU 37:7(043)



*Agradeço primeiramente a meu deus Tupã por ter me conduzido até aqui, e conseguido concluir mais uma etapa de minha vida. Dedico esse trabalho in memoriam à minha vó Joana Fereira, meu maior exemplo de força, resiliência e amor que sempre contribuiu para que tanto a cultura indígena e a arte permanecessem arraigadas em meu corpo, fazendo com que nunca me perdesse nem me afastasse das minhas origens. E a todo o Povo Potiguara pela resistência e luta.*

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus pelo dom da vida e por ter me proporcionado chegar até aqui. A meus pais por toda dedicação e paciência, contribuindo diretamente para que eu pudesse sempre trilhar caminhos honestos e dentro de nossa cultura.

Ao meu companheiro Antonio carlos por toda paciência e pelas inúmeras vezes em que se dedicou junto comigo, por sempre ter me encorajado a buscar a excelência e a superar meus próprios limites e por ser um porto seguro durante todo esse processo de elaboração de minha dissertação.

Agradecer é um ato de reconhecimento que nossos antepassados carregam como tradição. Diante de tantas dificuldades e aprendizados, o que se ressalta é o agradecer. De reconhecer que a jornada não foi um caminho solitário, mas de solidão enquanto lugar de encontros profundos. Por isso, quero ofertar graças à vida, a Deus Tupã, por me permitir alcançar mais um patamar na minha vida acadêmica.

Aos meus alunos e alunas que participaram dessa pesquisa com muita energia e entrega, gratidão por todos os nossos encontros e partilhas no qual pude aprender muito com cada um de vocês.

Ao meu amigo e orientador, Professor Doutor Victor Hugo Neves de Oliveira, por respirar amor, sensível aos sinais do aprendizado que passa pelo coração e causa mudança. O meu obrigado por ter me visto e acreditado na minha força que me move, por ter acreditado no meu projeto.

Aos Professores Drs. Guilherme Schulze e Victor Felix, por todas as contribuições oferecidas durante a etapa de qualificação. Cada um com seu olhar especialista, indicando referências bibliográficas, sugerindo novos caminhos e apresentando outros horizontes a serem trilhados nesta pesquisa, possibilitaram grandes avanços na qualificação destas análises

Ao gestor da Escola Municipal de Ensino Fundamental Antonio Azevedo Adelson Pereira, o qual autorizou que este trabalho fosse desenvolvido na escola e sempre esteve disposto a contribuir no que precisei.

Gratidão a todos os meus amigos que sempre estiveram comigo dando força e coragem, não irei citar nomes pois são inúmeros, para não esquecer o nome de algum.

## RESUMO

A presente pesquisa trata de um processo de investigação com base nos elementos constituídos no ritual do TORÉ DO POVO POTIGUARA DA PARAÍBA, tendo como objetivo estabelecer diálogos entre a prática ritual do Toré Potiguara e a investigação em dança, a partir das vivências das pessoas investigadas durante o processo. A pesquisa busca evidenciar a experiência e o fortalecimento da cultura indígena potiguara no contexto escolar, onde ainda existe um vazio em relação a esta cultura. Para tanto, o desenvolvimento dessa temática, que aborda dança, arte e cultura dos povos indígenas, se faz necessário pela luta e resistência da permanência da identidade de um povo cuja história está na base de tantas outras culturas brasileiras. A Escola Municipal Antônio Azevedo, no Município da Baía da Traição, no litoral Norte da Paraíba, foi o campo de investigação, nas turmas dos 6º e 7º anos do Ensino Fundamental, com estudantes indígenas da etnia Potiguara, com a faixa etária entre 11 e 14 anos. O projeto desenvolvido nesta escola buscou oferecer aulas sobre os elementos da dança do Toré Potiguara de forma integrada ao currículo de arte. Por meio dessa prática, objetivou-se aprofundar as relações culturais que os alunos trazem em seu corpo, por meio da vivência com o Toré no âmbito escolar, por meio do desenvolvimento de metodologias, oportunizando-os experiências culturais, sociais e históricas de um fazer artístico durante os processos de ensino e aprendizagem. Para tanto, trata-se de uma pesquisa com uma abordagem qualitativa, tendo como ferramentas questionários, discussão entre docentes e discentes, observação por meio dos discursos, entrevistas, diário de campo a partir das observações do docente e registros de aulas por meio de vídeos e fotografias. Todos esses instrumentos foram usados como meio de coleta de dados no decorrer dos encontros com o grupo focal da pesquisa.

Palavras-chave em Português: Toré Potiguara, Dança, Elementos, investigação

## **ABSTRACT**

This research deals with an investigation process based on the elements constituted in the ritual of the TORÉ DO POVO POTIGUARA DA PARAÍBA, with the objective of establishing dialogues between the ritual practice of Toré Potiguara and research into dance, based on the experiences of the people investigated during the process. The research seeks to highlight the experience and strengthening of the Potiguara indigenous culture in the school context, where there is still a void in relation to this culture. To this end, the development of this theme, which addresses dance, art and culture of indigenous peoples, is necessary due to the struggle and resistance of the permanence of the identity of a people whose history is the basis of so many other Brazilian cultures. The Antônio Azevedo Municipal School, in the Municipality of Baía da Traição, on the North coast of Paraíba, was the field of investigation, in the 6th and 7th year Elementary School classes, with indigenous students of the Potiguara ethnic group, aged between 11 and 14 years. The project developed at this school seeks to offer classes on the elements of Toré Potiguara dance in an integrated way into the art curriculum. Through this practice, the aim is to deepen the cultural relationships that students carry in their bodies, through experience with Toré at school, through the development of methodologies, providing them with cultural, social and historical experiences of doing something artistic during the teaching and learning processes. To this end, this is a research with a qualitative approach, using questionnaires as tools, discussion between teachers and students, observation through speeches, interviews, field diary based on the teacher's observations and records of classes through videos and photographs. All of these instruments were used as a means of collecting data during the meetings in the research focus group.

Keywords: Toré Potiguara, Dance, Elements, investigation

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Joana Ferreira - anciã indígena Potiguara - minha avó .....	10
Figura 2: Ritual do Toré Potiguara na aldeia São Francisco .....	21
Figura 3: Aldeias Potiguaras na Paraíba .....	22
Figura 4: Ruínas da igreja de São Miguel Arcanjo .....	27
Figura 5: Alunos na semana cultural realizando o ritual do Toré Potiguara .....	28
Figura 6: vários círculos do Ritual do Toré .....	39
Figura 7: movimentação em círculo que remete o comprimento aos indígenas no Toré.....	40
Figura 8: Da esquerda para a direita: maracá, gaita, bombo, caixa e maracá .....	43
Figura 9: seu Chico urubu em ritual dentro da furna sagrada .....	48
Figura 10: Escola Municipal Antonio Azevedo.....	53
Figura 11:: alunos do grupo focal em aula realizada no terreiro sagrado na Aldeia São Francisco .....	56
Figura 12: alunos respondendo ao questionário.....	57
Figura 13: Alunos respondendo ao questionário.....	58
Figura 14: aluna Kemily Nayane- 12 anos. Estudante do 6º ano B.....	60
Figura 15: Maria Laís Fernandes- 12 anos. Estudante do 7º ano B.....	61
Figura 16:Jullia Perreira – 12 anos. Estudante do 7º ano A .....	62
Figura 17: Ruth Vitória Barbosa – 11 anos. Estudante do 7º ano A.....	63
Figura 18: Emylaine Beatriz de lima -12 anos. Estudante do 7º ano A.....	64
Figura 19: Estudantes participando da aula sobre os aspectos simbólicos com o professor Pedro Lôbo.....	67
Figura 20: elementos simbólicos e sagrados do Povo Potiguara da Paraíba.....	68
Figura 21: Momento entre os estudantes com os elementos sagrados.....	71
Figura 22: Momento em que os estudantes se reuniram em grupos .....	72
Figura 23: Registro do primeiro grupo a se apresentar na aula (a catequização) entre os Potiguaras.....	73
Figura 24: Momento cênico onde os estudantes abordam o Ritual da Toré na aula.....	74
Figura 25: último grupo trazendo o significado de forma poética sobre os elementos.....	75
Figura 26: Estudantes relatando as suas experinecia vivenciadas durante a aula .....	76
Figura 27: Momento que finalizamos a aula com o profº convidado e todos os estudantes do grupo focal .....	77
Figura 28: Relato de Experiencia dos alunos .....	78
Figura 29: Relatos dos estudantes após vivência da aula sobre simbologia Potiguara .....	79
Figura 30: Relatos dos estudantes após vivência da aula sobre simbologia Potiguara .....	80
Figura 31: Relatos dos estudantes após vivência da aula sobre simbologia Potiguara .....	81

Figura 32: Relatos dos estudantes após vivência da aula sobre simbologia Potiguara .....	83
Figura 33: Relatos dos estudantes após vivência da aula sobre simbologia Potiguara .....	84
Figura 34: Relatos dos estudantes após vivência da aula sobre simbologia Potiguara .....	85
Figura 35: Relatos dos estudantes após vivência da aula sobre simbologia Potiguara .....	87
Figura 36: Relatos dos estudantes após vivência da aula sobre simbologia Potiguara .....	88
Figura 37: Relatos dos estudantes após vivência da aula sobre simbologia Potiguara .....	89
Figura 38: Estudantes em aula experimentando os quatros elementos da natureza.....	95
Figura 39: Aluna representando o elemento ar em seus movimentos na investigação .....	96
Figura 40: Aluna representando o elemento água em seus movimentos na investigação....	97
Figura 41: Aluna representando o elemento terra em seus movimentos na investigação....	98
Figura 42: Aluna representando o elemento fogo em seus movimentos na investigação ....	99
Figura 43: 1º Momento da aula sobre enraizando a ancestralidade todos em círculo para o momento de relaxamento. ....	102
Figura 44: 2º Momento da aula estudantes deitam e se conectam com o chão e imaginam que estão enraizados .....	103

## SUMÁRIO

RESUMO.....	
1 INTRODUÇÃO : XE POTIGUARA NESTA TERRA DE TUPÃ .....	11
2 ADENTRANDO-SE NAS MATAS: TRILHAS E VEREDAS METODOLÓGICAS .18	
2.1 O POVO POTIGUARA DA PARAÍBA: NA TRILHA DA ANCESTRALIDADE .....	23
2.2 EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA E EDUCAÇÃO INDÍGENA .....	30
3 TORÉ POTIGUARA: EXPRESSÃO ESTÉTICA E SIMBÓLICA NO CORPO .....	37
3.1 DANÇA E CORPORALIDADE.....	37
3.2 MUSICALIDADE DO TORÉ POTIGUARA .....	42
3.3 SIMBOLOGIA E RELIGIOSIDADE .....	47
4 RASTROS DO PROCESSO INVESTIGATIVO .....	50
4.1 O CHÃO DA PESQUISA .....	50
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	143
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>146</b>

## 1 INTRODUÇÃO : XÊ POTIGUARA NESTA TERRA DE TUPÃ

Meu nome é Rafael Sabino da Silva, indígena Potiguara, licenciado em Dança pela Universidade Federal da Paraíba/UFPB, pós-graduado *lato sensu* em Arte na Educação: Dança, Música e Teatro, pela Faculdade Venda Nova do Imigrante – FAVENI - (2021) e especialista em Educação Especial e Inclusiva – FAVENI (2022). Atualmente, estou cursando o mestrado em Artes na UFPB, por meio do PROFARTES. Sou natural da Aldeia Alto do Tambá, na Baía da Traição/PB, e também sou Professor efetivo de Artes na Escola Municipal de Ensino Fundamental Pedro Ramos Coutinho, do município de Sapé/PB, e na Escola Municipal de Ensino Fundamental Antônio Azevedo, do município da Baía da Traição/PB.

Minha formação inicial como artista teve origem ainda na infância. Sou Filho de potiguaras que sempre preservam esta cultura e me conduziram nas tradições indígenas, o que me possibilitou esse diálogo com os preceitos acadêmicos e profissionais.

A dança, enquanto linguagem afetiva e cultural, sempre me acompanhou desde a infância, e hoje as minhas buscas por conhecimentos acadêmicos e artísticos e meus processos criativos têm sido ampliados graças a essa base que carrego comigo. A presença de minha avó materna, Joana Ferreira, sempre foi muito forte nesse meu processo de crescimento enquanto artista, estudante e docente. Ela sempre me possibilitou participar dos Torés, das lapinhas, dos cocos de roda, das cirandas e do pastoril. Ela era velha cantadora do Toré e amante das manifestações populares nas quais eu, habitualmente, a acompanhava.

Figura 1: *Joana Ferreira - anciã indígena Potiguara - minha avó*



Fonte:Arquivo pessoal

Na busca por oportunidades acadêmicas, para além das experiências que vivi na aldeia durante a minha infância e juventude e instigado por minhas memórias ancestrais e corporais, que naquele instante eu já julgava potente para produção artística, decidi conhecer mais a fundo as várias manifestações artísticas, sobretudo a dança. Foi nela onde minha trajetória na arte teve início, por meio de um grupo na igreja da aldeia, o qual era composto apenas por meninas, e na época meu pai, por preconceito estereotípias, não me permitia participar. Diante da atitude de negação de meu pai e a vontade de fazer parte daquele grupo de dança, passei, mesmo assim, a frequentar o grupo, às escondidas, por um certo tempo.

Após três anos, fui convidado para participar de um grupo de dança, em um programa da Secretaria de Assistência Social da cidade Baía da Traição/PB. A partir de então, percebi que os caminhos estavam se abrindo e eu teria oportunidade de crescer profissionalmente na dança. Comecei a participar do grupo e frequentar os ensaios, o que me levou a percorrer um trajeto de 5 quilômetros a pé, devido a distância da aldeia em que eu morava até o centro da cidade. Apesar de toda dificuldade, sentia prazer naquilo, pois a dança sempre foi o meu desejo sem limites.

A minha passagem por este grupo de dança me possibilitou um diálogo com mais afinco entre os conhecimentos culturais da aldeia e o estudo sobre o corpo na dança. Nesta mesma época criei um grupo de danças populares, que inicialmente teve como formação uma quadrilha junina formada pelos jovens indígenas da aldeia. Nela, eu exercia o papel de coreógrafo e coordenador do grupo. E, mesmo com grandes dificuldades, conseguimos fazer nossa primeira apresentação no festejo junino da nossa aldeia, envolvidos pela fé e devoção de São João Batista, padroeiro de nossa aldeia.

A minha experiência enquanto docente teve início no ano de 2013, como facilitador no programa Mais Educação. Atuei na Escola Estadual Indígena Pedro Poti, localizada na aldeia São Francisco, na Baía da Traição/PB, onde comecei a colocar em prática o conhecimento empírico que obtive com minha avó.

Nesse período foram desenvolvidas atividades de danças populares com os alunos residentes na aldeia, devido o foco principal ser o Toré, que é a dança tradicional de nosso povo indígena. Esse ritual nos fortalece enquanto indígena, uma vez que o Toré é um ritual que faz parte das tradições ancestrais do nosso povo, sendo elo de reafirmação de nossa cultura e tradições. No ano seguinte, 2014, fui convidado para trabalhar em outra escola na aldeia Forte, também localizada na Baía da Traição/PB. Sem dúvidas alguma, foram essas experiências nesses espaços escolares que ajudaram a construir o artista e docente que habita em mim.

A participação da minha vó foi, sem dúvidas alguma, fundamental em todas as esferas do meu desenvolvimento, juntamente com a toda a vivência obtida nos ambientes da aldeia. Assim, como o passar do tempo, fui ganhando espaço e experiências que me proporcionaram desenvolver metodologias próprias na forma de coreografar, através do conhecimento que era desenvolvido entres as danças populares que eu sempre participei com minha vó, tais como coco de roda, lapinha, ciranda e pastoril.

*Dia em que minha avó me levou para dançar Toré no terreiro sagrado de São Francisco*



Fonte: Arquivo pessoal

No ano de 2014 ingressei no Curso de Graduação em Licenciatura em Dança, na Universidade Federal da Paraíba - UFPB, o que me possibilitou compreender de forma técnico-científica tudo o que diz respeito a dança, ao uso de técnicas para cenas e a elaboração de metodologias para aulas. A troca de experiência com os profissionais docentes durante o curso me abriram possibilidades para aprimoramento das práticas pedagógicas.

Ao longo da graduação pude também participar de alguns projetos como, por exemplo, o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Pesquisa Científica (PIBIC), no projeto SABERES DE MESTRES NO CORPO: EXPERIMENTAÇÕES CRIATIVAS EM DANÇA A PARTIR DE CULTURAS TRADICIONAIS, coordenado pela professora Carolina Dias Laranjeiras, em 2017, onde me tornei bolsista numa pesquisa que desencadeou no projeto de conclusão de curso e originou um solo nomeado “Reis Canindé” uma investigação em dança a partir do ritual do Toré Potiguara/PB.

Particpei de jornadas de pesquisa, cursos e congressos; ministrei oficinas dentro de instituições de ensino e na própria universidade. Realizei apresentações de performances e do Toré, além de palestras, consciente de estar criando interlocuções a partir de um lugar de fala muito importante para mim e para o povo Potiguara, abrindo espaço para o reconhecimento sobre a cultura do meu povo. Por meio da participação de trabalhos artísticos nos seguintes eventos: “Mostra Transversos Corporais” (João Pessoa 2017, “Mostra Artes em Cena (João Pessoa 2018)”, “Mostra Estadual de teatro, circo e dança (João Pessoa 2019)” e A Ponte - Itaú Cultural (São Paulo 2020), onde me permitiram contemplar, trocar experiências, saberes e a construir diferentes percepções sobre a arte e sobre a forma de ensiná-la.

Foram quatro anos e meio de busca de conhecimento e troca de saberes acadêmicos que a Universidade me proporcionou. Absorvi grandes conhecimentos nas aulas, em cada disciplina e com docente, fortalecendo a minha trajetória, enquanto profissional e artista, ganhasse visibilidade, bem como, colaborando para mudanças. Essas mudanças que têm me tornado um indígena/artista mais atuante e pensante, defensor da luta e da resistência indígena que, infelizmente, ainda precisa travar batalhas para ocupar seus espaços, preservar a sua cultura e, muitas vezes, a sua integridade física, pois são constantemente ameaçados.

Em 2019, após conclusão da Licenciatura, fui contratado para lecionar a disciplina de Artes no município de Bayeux/PB, em uma escola de um bairro periférico, em situação de vulnerabilidade social, onde os alunos se mostravam carentes de atenção no processo de ensino aprendizagem.

Durante a minha permanência naquele ambiente escolar, percebi o quanto não se dava a real importância ao componente curricular de Artes, como algo que contribuisse para a construção dos saberes interdisciplinares. Alunos relatavam a necessidade de metodologias que ultrapasse o ensinar a desenhar ou pintar. Diante dessas narrativas, procurei ampliar suas visões sobre este componente. Assim, aos poucos fui inserindo outras práticas na disciplina de arte e cultura, como movimentos e expressões corporais. Assim, nesta perspectiva, inseri a dança do Toré como forma de introduzir a linguagem da dança no componente curricular de arte, ampliando a possibilidade de se aprofundarem ainda mais no conteúdo.

Esta experiência inicial me mostrou o quanto o ensino de arte tem sido difundido sem a preocupação de apresentar a devida importância que o componente tem na construção acadêmica e social do aluno. Porém, é preciso considerar que muitos profissionais têm buscado quebrar este paradigma do ensino de Arte, mostrando a importância das quatro vertentes que conduzem a Arte, como a arte visual, a música o teatro e a dança. Mas, infelizmente, uma grande parte dos profissionais da área ainda restringe-se ao calendário comemorativo, desconsiderando a necessidade de desenvolvimento e aprofundamento dos alunos nessa área de conhecimento.

No início do ano de 2020 fui aprovado em um concurso público para professor de Arte na cidade de Sapé/PB. Assumi o cargo de professor do ensino fundamental, anos finais e, a partir daí, dei início efetivamente ao desenvolvimento de aulas de arte, buscando sempre fazer uso das mais diversas linguagens artísticas. Enquanto artista-docente busco compartilhar saberes adquiridos durante minha formação acadêmica, saberes da/na dança, do/no corpo, da/na arte.

Com isso, pretendo continuar desenvolvendo trabalhos e projetos voltados para implantação da dança como uma forma potente e reguladora de emancipação corporal no ensino regular entendo que ela, a dança, é importante no processo de aprendizagem cognitiva.

Diante do exposto e reforçando minhas raízes, esta pesquisa, por vezes, terá sua escrita apartada do academicismo e da formalidade. Serão momentos em que me posicionarei usando a linguagem que a mim foi ensinada, a linguagem potiguara.

No primeiro capítulo será apresentado uma introdução a partir da vivência e da aproximação do pesquisador com o pesquisa, sua trajetória no campo artístico, profissional e enquanto indígena Potiguara da Paraíba.

No segundo capítulo será feito um recorte histórico do povo Potiguara da Paraíba. Para tal propósito, iniciaremos um breve contexto histórico do povo indígena potiguara, abordando a conjuntura social, sua cultura, suas lutas e a resistência deste povo e seus processos, como também iremos tratar sobre percursos e trilhas metodológicas que

contruimos durante a pesquisa. Apresentaremos também uma discussão a respeito do entendimento sobre Educação Escolar Indígena e Educação Indígena, visto que ainda há, de certa forma, compreensões equivocadas no sentido de situar tais termos como sendo sinônimos. A Educação Indígena envolve as culturas e os conhecimentos de cada povo, que são passados dos mais velhos para os mais novos no cotidiano, de acordo com a realidade e a vivência de cada comunidade. Já, a Educação Escolar Indígena está relacionada à criação de escolas voltadas especificamente para esses povos, respeitando suas línguas, tempos próprios, culturas e especificidades em geral.

No terceiro capítulo iremos explicar sobre os aspectos da dança, musicalidade e simbologia no corpo. Sempre foi muito forte para o povo Potiguara as canções entoadas durante o Toré, as letras das músicas trazem muita religiosidade e fé, não apenas no Toré mas em toda comemoração ou ritual vivido. Neste capítulo será evidenciado os aspectos musicais presente na cultura do povo indígena, bem como as danças e como o corpo se comporta durante os ritos, algumas simbologias que se fazem presentes também serão expostas bem como a religiosidade e a ancestralidade do povo.

O quarto capítulo enfatizará o processo investigativo junto aos discentes envolvidos na pesquisa. Durante o processo, será sempre importante criar relações entre o que os alunos experimentam nas aulas e suas vivências enquanto indígenas potiguaras. O processo investigativo, as inquietações, os questionamentos e descobertas bem como os resultados estarão dispostos neste tópico.

*Apresentação do processo criativo “Reis canindé” percuso artistico do pesquisador*



Fonte: Arquivo pessoal

## 2 ADENTRANDO-SE NAS MATAS: TRILHAS E VEREDAS METODOLÓGICAS

O trabalho intitulado *Toré Potiguara: relações entre o rito e as práticas pedagógicas no ensino de arte*, concentrado na linha de pesquisa “Processos de ensino, aprendizagem e criação em artes” do Curso de Mestrado do Programa Profissional em Artes – PROFARTES do Centro de Comunicação Tecnologia e Arte da Universidade do Estado da Paraíba – UFPB, foi desenvolvido na Escola Municipal de Ensino Fundamental Antônio Azevedo, nas turmas do 6º ano A e 7º ano A, do turno da manhã do ensino Fundamental II, com estudantes indígenas da etnia Potiguara e também não indígenas. A escola está localizada no perímetro urbano do Município de Baía da Traição, no litoral Norte da Paraíba, a qual tem uma população com cerca de 9.224 mil habitantes, sendo 7.922 indígenas, correspondendo a 86,64%, colocando a cidade na sétima posição de cidades brasileiras com o maior percentual de pessoas indígenas residentes no país, segundo os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)-(2022).

Esta pesquisa teve como ponto de partida um processo de criação realizado durante a minha Licenciatura em Dança na Universidade Federal da Paraíba (2018). O processo criativo foi intitulado “Reis Canindé”, a partir do qual desenvolvi uma investigação para a criação de um solo por meio de movimentações relacionadas ao ritual do Toré Potiguara/PB. Nesta perspectiva, o mestrado desperta em mim a necessidade de pesquisar o ritual do Toré e estudar mais sobre a minha própria cultura enquanto jovem potiguara e artista docente da minha comunidade indígena.

Deste modo, busco no mestrado profissional, o desenvolvimento de outros modos de fazer artísticos que possam colaborar na formação e entendimento do que, verdadeiramente, é arte e como ela, seja enquanto processo criativo ou formativo, é importante no desenvolvimento cognitivo das pessoas. Assim sendo, o desenvolvimento desse tema de pesquisa gera desejo de um aprofundamento na investigação sobre a Dança do Toré nas aulas de arte, levando ao compartilhamento de diversas formas de prática, criação e a teoria sobre o Toré. Com este trabalho, também, tenho o objetivo de compreender o corpo dos alunos e alunas que dançam o Toré, a partir de sua expressividade, em relação à ritualidade inserida nesta prática religiosa e sagrada.

É importante entender que os primeiros estudos e pesquisas sobre o Toré foram realizados em 1938, durante a Missão de Pesquisa Folclórica do Departamento Municipal de Cultura de São Paulo, coordenado pelo então diretor Mário de Andrade, que tinha como objetivo fazer um levantamento das manifestações folclóricas do Norte e Nordeste do Brasil. Estiveram na Paraíba, mais especificamente na aldeia São Francisco e na cidade de

Baía da Traição/PB (CARLINI, 1994). A equipe fez vários registros utilizando-se de recursos como diário de campo, fotografia, filme, registro em disco e, pela primeira vez, documentou-se o Toré Potiguara<sup>1</sup> (BARCELLOS, 2012, p. 284).

Amorim (1970) e Azevedo (1986), Moonen e Maia (1992), Oliveira Filho (2004), Barreto (2005), e Barcelos (2005), produziram estudos e pesquisas acerca do Toré, mostrando sua importância e representatividade, além de descrever formas, ações e ritos praticados no território Potiguara. No entanto, tais estudos apontam dados sobre o Toré, sem apresentar quase nenhum material que aborde os aspectos lúdicos, sagrados, musicais, corporais e cênicos. Tais estudos preferiram tratar o Toré a partir da perspectiva da economia potiguara, os processos sócio-político, a demarcação de suas terras, bem como aculturação étnico-racial. Assim, evidenciar o rito do Toré Potiguara neste trabalho é, sem dúvida, muito relevante, uma vez que trabalhos como este divulgam e ajudam na valorização da cultura indígena, muitas vezes invisibilizada pela sociedade.

Acredito que pesquisas como essas dão visibilidade aos povos indígenas e/ou originários. Uma vez que somos, muitas vezes, rotulados como selvagens, incapazes de produzir saberes acadêmicos.

Uma inquietação, enquanto pesquisador, é a compreensão e a reflexão sobre a movimentação corporal realizada no Toré Potiguara, sua estrutura, símbolos e caráter étnico-religioso. Estes elementos vêm sendo transmitidos, de geração em geração, exigindo um estudo preciso, principalmente, por aqueles que estão interligados por laços de ancestralidade. Com este propósito, meu objeto de estudo é a dança do Toré Potiguara, ritual sagrado da cultura tradicional de um povo milenar. Assim, busco experimentar as relações a partir do corpo, ancestralidade e simbologia representadas nos corpos de alunas, que são indígenas potiguaras, e lidam com esse processo de cultura em seu dia a dia nas aldeias nas quais residem.

Este trabalho busca estabelecer diálogos entre a prática ritual do Toré Potiguara e a investigação, tanto do ensino quanto da criação, em dança. Para isso, é necessário o entendimento acerca do processo histórico sobre o povo Potiguara e o Toré. É fundamental, igualmente, compreender os aspectos simbólicos, espaciais e temporais relacionados às corporalidades constituídas no ritual do Toré Potiguara e também

---

<sup>1</sup> Acervo de Pesquisas Folclóricas de Mário de Andrade.

identificar no corpo do criador em dança, novas possibilidades de expressão a partir de elementos desta tradição.

Sendo indígena, membro de uma comunidade e praticante do Toré Potiguara, percebo que os ritmos das músicas deste ritual seguem uma mesma pulsação, sendo ela firme e guiada na dança pelo pé que impulsiona e segue a batida que se dá pelo bombo ouaté mesmo pelo maracá (instrumento típico dos povos indígenas) que também é responsável pela pulsação. As sonoridades desses instrumentos e a pulsação são observadas e sentidas tanto no ritmo das músicas do Toré quanto no corpo de quem dança. Esse pulso dá forma à nossa estrutura corporal e auxilia na execução da movimentação no ritual. A descrição acima está inserida no ritual do Toré e a partir dessas informações busco experimentar no corpo dos estudantes no grupo focal <sup>2</sup>, com a intenção de dialogar com a prática existente, que é o ritual, e assim, desenvolver novas formas de experimentações artísticas pelo fazer artístico/criativo de cada estudante.

O Toré não se resume apenas a uma expressão cultural, uma dança para a nação Potiguara. Ele é muito mais que isso: tem sido afirmação do povo. Nele busca-se o consolo para momentos tristes e força para enfrentar os combates. O Toré também é dançado para celebração, reverenciar a Mãe Terra e homenagear alguém ou, até mesmo, em momentos de luto.

O Toré é uma manifestação lúdica e íntima do povo indígena do Nordeste, além de emblemática, definida pelos indígenas como tradição, união e brincadeira. Ele é atualmente uma prática conhecida e presente na maioria das coletividades que reivindicam a identidade indígena (Farias *et al.*, 2017, p.43).

A sustentação desta pesquisa baseia-se por meio dos estudos, leituras e práticas em dança com atenção voltada para as inúmeras possibilidades do corpo, por meio de memórias ancestrais dos estudantes envolvidos na pesquisa. Essas ações corporais, carregadas de significações, trazem para o presente e se reconfiguram por meio da arte e do movimento criativo através das pessoas estudantes, criando referência e ideia de metáforas corporais que estarão presentes na dança do Toré Potiguara.

Diante do exposto a pesquisa tem como objetivo desenvolver aulas sobre os

---

<sup>2</sup> Grupo focal é a forma de reunir os alunos e alunas para o processo de investigação, onde foram coletadas as impressões sobre os processos investigativos sobre o Toré e seus elementos sagrados.

elementos da dança do Toré Potiguara de forma integrada ao currículo de arte, ou seja, buscar o fortalecimento da cultura por meio das práticas do Toré, e assim, compreender como o processo de ensino/aprendizagem contribui para a construção de um processo prático investigativo em dança dos estudantes, para ser incluído assim, tais experiências no processo pedagógico do ensino regular da disciplina de arte, como meio de conhecimento corporal e cultural.

Por meio das práticas realizadas em aula desenvolveremos metodologias que contribuirão na busca em aproximar a realidade destes alunos e suas vivências culturais com a sala de aula, oportunizando possibilidades igualitárias às pessoas discentes.

O campo da pesquisa sobre o Toré ainda é bastante deficiente, tendo em vista a escassez de pesquisas, livros e artigos disponíveis produzidos por indígenas que vivenciam o Toré enquanto pesquisa acadêmica e dissertam sobre sua história, processos de criações ou possíveis metodologias de ensino.

Os caminhos da investigação surgiram de forma coletiva em discussão com os estudantes, na perspectiva de partilhar o que era a pesquisa e qual caminho iríamos percorrer. Foi necessário, antes de tudo, uma contextualização sobre o povo Potiguara, essa ocasião é muito relevante para o caminho da pesquisa, pois era o início do processo com os estudantes indígenas e não indígenas daquela instituição.

Muitos não tinham conhecimento da história dos Potiguaras, apenas sabem executar a dança do Toré e cantar as músicas. Mas a história passa por desconhecida porque o assunto às vezes não é evidenciado na escola ou até mesmo na comunidade. Foi importante esse primeiro contato com os estudantes do grupo focal sobre o assunto abordado “conhecendo sua própria história”, o que tornou a pesquisa mais potente, pois os membros do processo buscam conhecer e entender sua história e evidenciam com mais veemência este lugar de resistência e de permanência de identidade.

Os caminhos percorridos da pesquisa se apresentam da seguinte forma: inicialmente os estudantes responderam um breve questionário com algumas perguntas sobre a cultura indígena Potiguara (questionário será anexado). Em seguida deu-se início as aulas de investigação prática, buscando diálogo com os elementos constituídos no Toré. O percurso teve como base de construção uma história vivida e a relação de cada estudante com a singularidade presente no Toré, os momentos de aprendizados passados pelos pais e parentes na aldeia foram importantes para esta construção investigativa.

Por se tratar de uma pesquisa participante com uma abordagem qualitativa, tem

como ferramentas: questionários, discussão entre os discentes e docentes, observação por meio dos discursos, entrevistas, diário de campo a partir das observações do docente, registros de aula por meio de vídeos e fotografias. Esses instrumentos foram usados como meio de coleta de dados no decorrer dos encontros no grupo focal da pesquisa.

## 2.1 O POVO POTIGUARA DA PARAÍBA: NA TRILHA DA ANCESTRALIDADE

*Figura 2: Ritual do Toré Potiguara na aldeia São Francisco*



Fonte: arquivo pessoal (2019)

Potiguara<sup>3</sup> é o nome dado aos povos de língua tupi, indígenas que, no século XVI, habitavam o litoral do Nordeste Brasileiro, precisamente entre as cidades de João Pessoa, na Paraíba, e São Luís, no Maranhão. Atualmente os Potiguaras estão localizados, territorialmente, no litoral norte do estado paraibano, especificamente entre as cidades de Rio Tinto, Marcação e Baía da Traição. Seu território é formado por 32 aldeias e sua população chega a aproximadamente 20 mil indígenas (IBGE 2022). Segundo dados do etnomapeamento “Cardoso e Guimarães (2012)” desde a chegada dos colonizadores, há mais de 500 anos, os potiguaras são o único povo indígena que permanece no Nordeste, desde os primórdios, no mesmo território, ocupando 33.757 hectares recentemente demarcada.

Acerca da realidade apresentada, vale reforçar que os Potiguaras constituem uma das maiores populações indígenas do Nordeste, de acordo com Palitot; Albuquerque (2002), Moonem e Maia (1992), Vieira (2012), Barcellos (2012ab). Os remanescentes são ainda “o único povo indígena que continua a habitar o litoral brasileiro, dos milhões que povoavam a costa” (Moonem; Maia, 1992, p. 8). Diversos outros povos indígenas do Nordeste estão neste processo de retomadas em busca de reconhecimento e de assegurar seu território a exemplo dos parentes Tabajaras da Paraíba.

<sup>3</sup> Segundo historiadores o termo POTIGUARA quer dizer: comedores de camarão, comedores de bosta ou mascadores de fumo.



Variantes do nome Potiguara encontrados em documentos históricos são: Potygoar, Potyuara, Pitiguara, Pitagoar, entre outros. Não há acordo sobre o significado do nome, que normalmente é traduzido como “pescadores de camarão” ou “comedores de camarão”. Este último significado, hoje é conhecido por toda reserva indígena potiguara e é por ele que seu povo se entende.

O Povo Potiguara faz parte da família da língua tupi. Atualmente, falam o idioma português e estão reavivando o tupi na educação escolar indígena. A língua tupi foi usada até aproximadamente 1750, quando, a partir de então, os Potiguaras foram proibidos de falar seu idioma, sob imposição dos jesuítas que os ensinaram a falar o português. Com isso, o tupi é hoje disciplina ensinada nas escolas indígenas potiguaras, numa tentativa de revitalizar essa marca identitária tão importante da cultura potiguara.

Os Potiguaras tiveram também um importante papel na guerra da conquista da Paraíba em 1575, período da fundação da vila de Nossa Senhora das Neves, a atual cidade de João Pessoa, em 1585, onde impuseram forte resistência ao domínio português. Os holandeses, por sua vez, ocuparam, por um determinado período, parte do Nordeste, conviveram por muitos anos com os potiguaras de maneira harmoniosa. (Barcelos, 2014, p. 63).

Mesmo assim, durante o processo de reconquista dos territórios ocupados pelos holandeses, o povo potiguara dividiu-se em dois grupos e assim geraram conflitos entre si, um liderado por Pedro Poti, apoiando o lado dos holandeses, e o outro liderado por Felipe Camarão, apoiando os portugueses. Durante esse conflito os holandeses junto com Pedro Poti foram derrotados pelos portugueses no comando de Felipe Camarão. Com isto, os Potiguaras que estavam com os holandeses, foram duramente castigados pelos portugueses (Barcelos, 2014).

Segundo Palitot (2005), a chegada desses invasores promoveu guerras contínuas contra os potiguaras com o objetivo de enganá-los, roubando suas terras, prendendo e vendendo os nativos como escravos. Como os portugueses se denominavam donos das terras, entravam em aldeias, saqueavam e destruíam as roças, obrigando os indígenas a trabalharem como escravos, dizendo que tudo era feito em nome de Deus e que esta era uma forma de transformá-los em cristãos.

A igreja era responsável pelo processo de catequização e aldeamentos dos indígenas, seu objetivo era converter os índios remanescentes, torná-los cristãos mansos

para serem explorados. Vários indígenas foram agrupados em aldeias missionárias, por todo o litoral da Paraíba. Com isso, durante a extinção dos aldeamentos houve o apagamento da presença indígena. E foi justamente nestas aldeias que se deu o processo civilizatório dos Potiguaras, junto aos jesuítas que assim catequizavam os indígenas.

Nessa perspectiva, cria-se um modelo de colonização baseado na relação entre dominador e dominado, onde o primeiro passaria a influenciar na conduta e na formação do segundo, usando como mecanismo de controle: a exploração. A invasão do catolicismo em nossa cultura foi fortemente agressiva, deixando marcas históricas até os dias de hoje. O cristianismo também se faz presente com suas doutrinas, entendidas por quem não as segue, rigorosas, e que tem afastado cada vez mais o nosso povo de sua cultura. A igreja católica, no contexto atual, tem uma relação de respeito com os rituais dos Potiguaras, como, por exemplo, respeitam a prática do Toré durante festividades como a festa de São Miguel Arcanjo, na qual foi intitulado pelos potiguaras o protetor desta reserva indígena Potiguara. Já os protestantes de algumas aldeias são proibidos de praticar os rituais, a exemplo do Toré, onde os evangélicos não participam por questões da doutrinação religiosa, pois passaram a acreditar que a dança do Toré é ofertada a “deuses”, o que o protestantismo nega, tanto na dimensão existencial quanto a cultural.

Com isso, temos visto indígenas deixando de dançar o Toré por conta de sua religiosidade, conseqüentemente, crianças que não participam dos rituais e movimentos na escola e em espaços de lutas, por conta da imposição da ideia colonizadora de que essas “crenças”, como muitos intitulam, são práticas abomináveis. Este discurso tem afastado o povo cada vez mais de suas raízes.

As perversidades cometidas pela Igreja Católica para garantir o controle dos povos torna evidente que havia um “conchavo” (interesses particulares) entre política e religião. Ao passo que a igreja tenta justificar os seus atos em nome da cruz para a manutenção da ordem e da doutrina cristã, até então dominante.

“Assim, grupos que se opusessem ao domínio português, se tratassem mal os padres e os colonos em geral, [...], podiam ser combatidos em Guerras Justas.” (Moonem; Maia, 1992, p. 30). Reduzidos a simples aldeamentos, muitos indígenas decidiram não resistir para não perder a vida.

É importante lembrar que a visão dos colonizadores era de um mundo extremamente eurocêntrico. Do ponto de vista europeu, o indígena precisava conhecer o Deus dos brancos. “Os relatos das viagens, por seu caráter eminentemente etnocêntrico

já atado, fundam uma antropologia ou geografia condizente com o olhar do europeu conquistador convencido de sua superioridade.” (Silva, 2003, p. 58).

Os padres católicos reprimiam toda e qualquer manifestação indígena e os obrigavam a seguir rigorosamente o catolicismo. Com esses aldeamentos, ocorreu a primeira mistura homogeneizadora. A partir desse trabalho de aldeamento, o catolicismo incorporava seus interesses como a mão-de-obra indígena, a perda da língua materna e a repressão dos costumes tradicionais, além de incentivar legalmente os casamentos mistos davam abertura para os portugueses tomarem posse das terras dos aldeamentos.

Essas missões foram denominadas Vilas de Índios e a muitas delas eram dadas nomes de santos. Como nas aldeias dos Potiguaras, sendo algumas das primeiras, a Vila de São Miguel e a Vila de São Francisco, ambas na Baía da Traição. Além disso, foram criadas as aldeias Preguiça e São Miguel, hoje vila de Monte Mór e Baía da Traição, respectivamente. Foi nessas aldeias que se deu o processo dito civilizador dos potiguaras (Palitot, 2005, p. 20).

De acordo com Barcelos (2014) entre nós potiguaras ainda existe continuamente interferência da igreja dentro de nossa cultura, pois os ensinamentos religiosos, especificamente os católicos, predominam em nosso meio, fazendo com que os costumes e ritos do Toré, da jurema e da lua cheia seja algo que ainda esteja um pouco distante da realidade de muitos potiguaras.

Quando os portugueses aqui (no Brasil) chegaram, uma das principais ferramentas de controle dos indígenas era a imposição religiosa. A conversão ao catolicismo foi realizada com veemência, prova disso é que hoje a religiosidade do povo Potiguara gira, em sua maioria, em torno de religiões cristãs (catolicismo e protestantismo). Muito embora outras práticas religiosas ancestrais, que veneram entidades, também façam parte de suas realidades.

Devido à repressão da igreja, os rituais de veneração aos “encantados” (índios que desapareçam de forma misteriosa) foram deixados de ser praticados durante o período de catequização. As transformações culturais foram sentidas pela descentralização e proibição dos costumes e rituais como o Toré e as práticas religiosas ligadas à Jurema, ao mesmo tempo assimilava-se letras e musicalidade do culto católico a essas práticas mais antigas.

[...] a planta da jurema sempre foi tratada pelos “troncos velhos” como símbolo de ancestralidade, como elemento essencial para o ritual Toré. Ela era responsável pela harmonização, sintonia dos que participavam do ritual e seus ancestrais. A planta se transformava em bebida, que representava a força e beleza da índia cabocla. (Souza, 2011, p. 2).

À Jurema foi atribuída a ideia de magia e, popularmente, ficou conhecida, pejorativamente, como catimbó (prática apontada como sendo de ligação com entidades e seres considerados do mal), sendo fortemente combatida pela igreja católica. A Jurema nada mais do que uma prática religiosa representativa dos índios do Nordeste, sendo, para a maioria dos Potiguaras, uma planta da flora com princípios medicinais. E a Jurema, enquanto atributo religioso, vem sendo retomado por alguns indígenas das aldeias.

Apesar disso, é interessante ressaltar que a maioria dos Potiguaras estão ligados à religião católica. Praticamente em todas as aldeias há igrejas católicas com devoção a santos escolhidos pela própria comunidade, sob coordenação da Paróquia de São Miguel Arcanjo, da Baía da Traição/PB.

Algumas igrejas mais antigas, como a de São Miguel e a de Nossa Senhora dos Prazeres, são símbolos históricos, étnicos e territoriais que nos levam ao período de colonização. Com vínculos fortes, principalmente pelos troncos velhos (pessoas mais velhas que são consideradas anciãs), a maioria com devoção árdua a São Miguel, chamado de padroeiro dos Potiguaras. No início do século XVIII, em 9 de maio de 1703 uma carta Régia determinou aos Potiguaras que construíssem uma igreja na Baía da Traição mencionando os próprios índios para a sua construção. Hoje a igreja de São Miguel Arcanjo encontra-se em ruínas na aldeia São Miguel, na tentativa de uma possível restauração pelos órgãos competentes do Estado da Paraíba e da cidade da Baía da Traição, porém, é que a intenção do IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) era tomar esse patrimônio.

*Figura 4: Ruínas da igreja de São Miguel Arcanjo.*



Fonte: Eduardo Alvim

São Miguel Arcanjo hoje é considerado um anjo guerreiro. Ao mesmo tempo, no imaginário indígena, o santo é um índio guerreiro que se tornou santo após morrer e ser enterrado no local onde se encontra a igreja em ruínas. O santo representa a luta desses indígenas em garantir seus interesses e direitos desde o início da colonização até os dias atuais. O padroeiro dá nome não somente à igreja, mas também à aldeia conhecida como aldeia Vila São Miguel, localizada na cidade de Baía da Traição. Assim como São Miguel Arcanjo foi, nós, enquanto comunidades indígenas, também podemos nos considerar guerreiros. Buscamos autonomia e garantia de direitos, inclusive de nos manifestar culturalmente conforme nossos costumes. As crianças, que um dia serão continuidade de nosso povo, merecem acreditar que somos sim fortes, sobretudo, quando se trata do afeto que temos enquanto povos ligados a manifestações cultural, social e também econômica.

## 2.2 EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA E EDUCAÇÃO INDÍGENA.

*Os invasores proibiram os nossos parentes de falar sua própria língua. Massacraram, espantaram e mataram muitos potiguaras. Tomaram nossas terras e roubaram nossas riquezas, mas não roubaram nossa dignidade, nosso sangue e nossa cultura. (Isaias Potiguara, 2012).*

*Figura 5: Alunos na semana cultural realizando o ritual do Toré Potiguara*



Fonte: arquivo pessoal 2022

Para falar de educação escolar indígena é sempre importante lembrar que ela é um processo amplo, contínuo, que acontece ao longo da vida de um povo, que vem se consolidando sobre passos lentos, durante uma história de muita luta. Em diversos momentos coletivos os povos indígenas têm afirmado que a educação escolar indígena é um grande desafio. Um dos principais desafios é refletir a organização curricular por meio dos saberes e costumes de um determinado povo.

Os povos nativos, antes dos portugueses, se estabelecerem nas terras brasileiras, possuíam um sistema social próprio e bem peculiar, além disso tinham uma forma de educar seus filhos para serem capazes de sobreviver no seu meio e dar prosseguimento ao a esse processo social. Por isso, tais práticas sociais são base das distinções estabelecidas entre aquilo que compreendemos como educação indígena e educação escolar indígena.

A educação indígena refere-se aos processos próprios de transmissão dos conhecimentos dos povos indígenas, isto é, refere-se à maneira como os povos indígenas compartilham seus conhecimentos e modos de viver em sociedade, repassando isso as gerações futuras. Por sua vez, a educação escolar indígena no Brasil passa a ser uma atribuição de grande desafio para os povos indígenas, afinal diz respeito aos modos utilizados para transformar a antiga escola colonizadora e branqueada em uma escola que promoverá as culturas de identidades, das línguas, das tradições e de conhecimentos e de

valores. Esses direitos assegurados na lei representam uma importante conquista histórica dos povos indígenas e de seus colaboradores, resultado de muita luta e sacrifício.

Vale salientar a importância dos movimentos e organizações na efetivação desta conquista, junto também aos professores e lideranças indígenas, onde a persistência e união foi fundamental para o estabelecimento dos direitos deste coletivo.

Dessa maneira, compreendemos que a Educação Indígena circunda as culturas e os conhecimentos de cada povo, que são passados entre os mais velhos para os mais novos no seu cotidiano, assim, de acordo com a realidade e a vivência de cada comunidade. Já a Educação Escolar Indígena está direcionada à criação de escolas voltadas especificamente para esses povos, respeitando suas línguas, tempos próprios, culturas e especificidades em geral (Luciano, 2006, p. 129-130).

É necessário entender que a Educação Indígena surge a partir da sua amplitude e ao mesmo tempo das suas especificidades, aspectos que envolvem tanto os rituais, quanto as práticas do cotidiano das aldeias. Estas práticas são repassadas entre as famílias e dos mais velhos para os mais novos, pois, cada dimensão da cultura tem sua importância e os conhecimentos precisam ser difundidos para que as novas gerações possam dar prosseguimento à identidade cultural dos povos indígenas que seja preservada.

Desta forma, podemos tratar a Educação Indígena como um conjunto de processos em que os conhecimentos são transferidos e produzidos informalmente pelos próprios indígenas, através de suas ligações socioculturais e as histórias que são vivenciadas pelo povo e que são transmitidas de geração em geração (Silva, 2019).

Simas e Pereira (2012, p. 50) salientam que a educação escolar implantada nas comunidades indígenas desde o período da colonização teve como objetivo integrar os povos indígenas aos costumes eurocêntricos. Logo, os processos de transmissão, os valores, costumes, bem como os conhecimentos ensinados são do colonizador, do branco. É importante perceber que esse tipo de educação visa silenciar ou apagar a identidade indígena, imergindo os povos indígenas no sistema social 'nacional', no qual todos falem a mesma língua e se apropriem do mesmo sistema econômico, social e cultural, numa idealizada rede hegemônica de valores e de condutas.

A educação escolar indígena é um fortalecimento de nossa cultura, com ela o ritual do Toré está mais visível em nossas escolas, nossos alunos estão mais participativos com as práticas de nosso povo. Tudo isso através da educação escolar indígena, na busca de resistência estamos sendo protagonista de uma história que tentaram apagar de nosso povo. A educação escolar indígena ultrapassa de nossas salas de aulas, vai além de um conhecimento padrão que nos foi imposto pela educação tradicional brasileira, tudo isso lutamos por uma educação de qualidade que nos dê suporte.

A educação não indígena <sup>5</sup>, ou para o indígena, não corresponde, portanto, aos anseios dos povos originários; afinal, por meio dela, os sujeitos deixam de dominar as atividades e as condutas necessárias para viver na sua comunidade nativa. Com isto percebemos o quanto a educação tem uma estrutura colonial fortemente infiltrada em nosso povo, e lutamos por uma educação que valorize nossos costumes, valores e nossa cultura, defendemos a categoria educação escolar indígena.

Quais conhecimentos entram na escola? O que é considerado relevante? Quais disciplinas são mais valorizadas? Vale ressaltar que no Brasil, desde o século XVI, a oferta de educação escolar aos povos indígenas esteve pautada numa perspectiva integracionista (Bonin, 2012). Em décadas recentes, foram surgindo diferentes experiências de organização escolar indígena em várias regiões do Brasil, respeitando as culturas e projetos de vida destes povos. Entretanto, falta ainda um investimento mais específico e voltado para a educação escolar indígena. A educação ainda é muito marcada pela escassez de recursos, imposição de programas, desrespeito às decisões/culturas indígenas. Há ainda um déficit de investimentos na qualificação dos profissionais/professores indígenas. Apesar de tantos desafios, os povos indígenas assumem a escola como instituição importante e necessária, mas justificam a sua existência no anseio de que ela possa contribuir com suas lutas mais amplas.

Os povos indígenas qualificam a escola como formadora de guerreiros, específica e diferenciada, e delimitam sua função: escola para aprender a ler um documento a serviço da comunidade, uma escola indígena, escola para formar os próprios advogados, médicos, enfermeiros, professores e assim ir construindo profissionais com a identidade indígena. A escola precisa estar inserida na luta pela terra, escola na retomada, escola para aprender a língua que nos foi tirada.

É imprescindível a luta por garantia destes objetivos estabelecidos pelos povos indígenas junto a constituição de 1988 onde os povos indígenas conseguiram vários direitos, e uma atenção específica, respaldada nas diferentes culturas, e isso vem acontecendo, com várias ênfases e intensidades há mais de vinte anos. As leis que resguardam o direito a um tratamento diferenciado nos processos de escolarização são resultados de lutas, travadas pelos povos indígenas do Brasil e por uma rede de aliados.

---

<sup>5</sup> A Educação Indígena envolve as culturas e os conhecimentos de cada povo, que são passados dos mais velhos para os mais novos no cotidiano, de acordo com a realidade e a vivência de cada comunidade.

Quando surge a constituição federal em 1988 a escola indígena passa a ter a missão inversa da antiga “escola para índio” a de contribuir para a continuidade histórica dos povos indígenas, étnicas, cultural e fisicamente (Baniwa,2013).

A Constituição Federal de 1988, lei mais importante que rege o estado brasileiro, afirma que a educação é um direito público, sendo responsabilidade do estado a sua oferta gratuita. Deste modo, o poder público não pode se desviar da responsabilidade de uma educação gratuita e de qualidade, inclusive às comunidades indígenas, para as quais a lei assegura, também, um tratamento diferenciado. A constituição reconhece em relação aos indígenas, no artigo 231, “sua organização social, costumes, línguas, crenças, e tradições” e no artigo 210, 2º “a utilização de suas línguas maternas e processos próprios de aprendizagem” (Bonin, 2012, p .36).

Para compreender mais a educação escolar indígena no Brasil, é necessário analisar as legislações brasileiras para visualizar seu cenário histórico de construção e de relevantes conquistas, principalmente na legislação escolar, nos planos e programas de ensino e nos conjuntos das organizações educativas.

De acordo com o Parecer 14/99 do Conselho Nacional de Educação,

...todos os povos indígenas, independentemente da instituição escolar, possuem mecanismos de transmissão de conhecimentos e de socialização de seus membros e que a instituição da escola é fruto histórico do contato desses povos com segmentos da sociedade nacional. Assim, é preciso distinguir claramente dois termos: educação indígena e Educação Escolar Indígena. (Brasil, 1999, p. 3).

Mas o que significa a utilização de processos próprios de aprendizagem dos povos indígenas quando se trata de educação escolar? Sugere-se que a escola terá que se aplicar em cada localidade, visto que somente poderá levar em conta as maneiras próprias de educar se for incorporada e transformada pelas pedagogias indígenas. Aprender é um modo permanente, que acompanha as etapas de vida de cada pessoa, a educação, por isso, é vista de forma abrangente e vinculada à vida de cada pessoa inserida no cotidiano da comunidade.

De acordo com a reflexão proposta por Bonin (2012)

Nas diferentes concepções de educação dos povos indígenas, a escola se insere tendo um lugar específico, mas não sobreposto às práticas pedagógicas mais amplas. Por essa razão, os modos de organização curricular e as práticas escolares precisam ser construídas de maneiras variáveis, respondendo às necessidades e anseios de cada povo indígena e alicerçada em suas distintas maneiras de pensar e de fazer educação. (Bonin, 2012, p. 37).

Assim, reitero que os povos indígenas possuem espaços e tempos educativos próprios, dos quais participam as pessoas, as famílias, as comunidades, sendo a educação assumida como responsabilidade coletiva. O direito à educação manifestada em suas diferentes maneiras refletem como a efetividade de políticas identitárias destitui-se de processos organizativos e participativos dos povos indígenas em território brasileiro retomado. Legislações e ações de políticas públicas demandam uma mobilização permanente de educadores indígenas.

É importante ressaltar que esse direito à educação está assegurado aos povos indígenas no texto constitucional. Além de tudo, a Constituição responsabiliza o Estado pela proteção e pelo direito às culturas e tradições indígenas (Artigo 210), o que implica em uma atitude respeitosa dos próprios órgãos governamentais na afinidade com estes povos e no recebimento de suas demandas.

Dão-se também aos povos indígenas todos os direitos conquistados que a lei garante, que é somente reparação histórica diante do que sempre nos foi negado. Estabelecidas em lei tais como: participação em programas de capacitação continuada de professores, acesso aos níveis mais elevados de ensino, atendimento aos discentes por meio de programas suplementares de material didático, transporte, alimentação, assistência à saúde, elaboração de projetos pedagógicos, regimentos, participação em conselhos e instâncias representativas, afirmadas no princípio da gestão democrática do ensino, entre outras.

A Constituição Federal elaborou uma virada investigativa que alterou consideravelmente as relações do Estado com os povos indígenas, e essa mudança de concepção exigiu que se reestruturassem as leis específicas sobre educação para torná-las compatíveis com os princípios mais gerais. Assim, o direito indígena a uma educação escolar diferenciada, específica, intercultural, bilíngue vem sendo regulamentado, desde 1988, por meio de vários textos legais, apresentados a seguir.

No ano de 1991 surge um decreto presidencial de nº. 26/91 que retirou da Fundação Nacional do Índio (FUNAI) a responsabilidade exclusiva de conduzir processos de educação escolar em comunidades indígenas. A incumbência em coordenar essas ações passou a ser do Ministério da Educação, enquanto que a realização das políticas foi concedida aos estados e municípios, cumprindo o princípio federativo que confirma a autonomia a cada um dos sistemas educacionais.

Ainda em 1991, foi reproduzida a portaria interministerial 559/91, determinando que a educação escolar indígena deixasse de ter caráter integracionista, de acordo com o

que previa o estatuto do índio/Lei nº 6.001/73 e passasse a ser administrada pelo reconhecimento da multiplicidade cultural e linguística dos povos indígenas e pelo direito a eles garantidos de viver de acordo com as suas culturas e tradições.

Existe uma luta histórica e uma conquista importante do movimento indígena quanto ao seu protagonismo na implantação da Educação Escolar Indígena, mesmo tendo a permanência de desafios educacionais para esta população. No início dos anos 2000 as conquistas aprofundam o debate sobre a gestão escolar indígena, com a inclusão da agenda indígena nos Planos Nacional e Estaduais de Educação com o protagonismo da Comissão Nacional de Professores Indígenas e das duas Conferências Nacionais de Educação.

A educação escolar indígena passou por diversas transformações ao longo dos anos e possui um papel essencial para a formação dos povos. Assim, nesse sentido, a construção de escolas nas aldeias tem a função de fortalecer a luta dos povos indígenas por uma educação escolar indígena de qualidade, pautada nos princípios de uma democracia participativa e comunitária. Neste sentido

a suposta “ruptura” entre a fase da escola como instrumento de conquista a conquista da escola. A escola como instrumento de dominação e submissão dos povos indígenas, com as consequências de aculturação e imposição dos valores culturais hegemônicos, foi e está sendo ainda pouco a pouco substituída pelo projeto de escola específica como direito social de cidadania, sendo “reapropriada” pelos povos indígenas, de modo a lutar contra essa imposição eurocêntrica que vem desde a colonização do Brasil (Paladino, 2001, p. 35).

É importante destacar que a educação escolar indígena é um processo comunitário, construído conjuntamente entre o docente, a família e o povo, não simplesmente o ensino da escola. No Brasil, as políticas públicas estão tentando adaptar a educação indígena comunitária à Educação Escolar Indígena formalizada institucionalmente, mas ainda está no caminho de conseguir se livrar dos cânones da imposição da educação brasileira nacional. Simas e Pereira afirmam que:

É por meio também dessa educação escolar indígena que os povos indígenas do Brasil continuam mantendo a sua alteridade sociocultural e, ao mesmo tempo, aprendem o que é a cultura da sociedade envolvente, sendo, por isso, intercultural, uma vez que não se apaga uma ou outra cultura, mas se tenta estabelecer um diálogo entre elas. É consensual que o contato não pode ser negado, logo, não dá para os nativos recusarem essa relação com a sociedade não indígena. (Simas, Pereira, 2012, p. 54)

No que se refere à dimensão comunitária, afirmo que as comunidades indígenas deve participar de maneira mais próxima do ensinar, melhorando, desta maneira, o processo de educação dos povos indígenas. Tais medidas podem desencadear em uma autonomia assertiva no processo educacional. Quando falamos da dimensão intelectual nos referimos ao fato de que a criança indígena no processo escolar, deve ser direcionada a se desenvolver em dois ambientes culturais: o indígena e o não indígena, ela precisa construir sua identidade indígena e ao mesmo tempo, aprender que é preciso dialogar com as outras culturas que lhe rodeiam, sem ignorar aspectos de suas raízes e ancestralidade. Por isso, no currículo escolar deve estar previsto o trabalho com a diversidade cultural, sendo mostradas as diferenças socioculturais, linguísticas e históricas de cada povo.

É importante destacar que essa prática educativa visa, portanto, uma atenção especial ao outro, no sentido que de nenhuma cultura ou etnia seja entendida como melhor que a outra, o que ainda tem desencadeado um pensamento separatista dos povos originários e não originários. Assim, é importante destacar que toda a pluralidade cultural, não deveria ser restrita ou de pouco acesso nas escolas indígenas “nacionais”.

É importante ressaltar que, somente com lutas e articulações dentre outras esferas de poder, é que os povos indígenas poderão fazer com que os sistemas de ensino repensem sobre o processo de ensino/aprendizagem voltado para os povos indígenas. Foi um avanço a criação da categoria escola indígena, mas ainda hoje, existe algumas comunidades indígenas em que as escolas continuam a ser enquadradas na categoria de “escola rural”. E não se trata apenas de modificar o nome, mas de estabelecer outras relações.

A Educação Escolar Indígena passou por muitas fases, hoje a legislação já lhes garante uma educação intercultural, onde se busca o respeito aos costumes e crenças como meios de manutenção de valores, agregando o conhecimento científico e os saberes culturais fora da aldeia. Diante de um mundo globalizado, faz-se necessário que o indígena tenha acesso a essa legislação, o que lhe garantirá meios de lutar e defender seus interesses e até mesmo a sua existência como povo, passando a uma convivência de respeito à cultura de cada um.

Diante desse contexto, posso dizer que temos avançado na garantia de direitos ao constatarmos que a temática da Educação Escolar Indígena, passa por um processo de afirmação de seus valores, suas vivências e seus conhecimentos, os quais têm sido constantemente reafirmados, especialmente nos meios acadêmicos. Cada vez mais estão imbuídos pela temática, buscando reafirmar o papel do professor indígena, nesse contexto.

### 3 TORÉ POTIGUARA: EXPRESSÃO ESTÉTICA E SIMBÓLICA NO CORPO

Sempre foi muito forte para o povo Potiguara, as canções entoadas durante o Toré e as letras que trazem muita religiosidade e fé, não apenas no Toré, mas em toda comemoração ou ritual vivido. Neste capítulo, explanarei os aspectos musicais presentes na cultura do povo indígena Potiguara, bem como as danças e como o corpo se comporta durante os ritos, algumas simbologias que se fazem presentes também serão expostas bem como a religiosidade e a ancestralidade do povo.

#### 3.1 DANÇA E CORPORALIDADE

Ao falar sobre Toré Potiguara é importante uma breve contextualização sobre este ritual para melhor entendimento sobre os aspectos simbólicos, sagrados, espaciais, temporais e estéticos desta dança que faz parte de uma tradição cultural de um povo guerreiro.

[...] Originalmente, o toré seria uma prática ancestral de contato com os antepassados e os seres espirituais e protetores da natureza, uma forma de homenagear os santos padroeiros, a união e a alegria dos índios. O toré representa aquilo de mais precioso na cultura potiguara[...] (Palitot, 2005, p. 174).

O Toré é um ritual que faz parte das tradições ancestrais dos potiguaras, sendo elo de reafirmação de sua cultura e de suas tradições e, na maioria das vezes, é praticado nas festas religiosas ou sociais, na alegria, na tristeza e na luta, tendo todo um enfoque político, social e religioso.

O Toré é uma manifestação lúdica e íntima dos povos indígenas do nordeste, além de emblemática, definida pelos indígenas como tradição, união e brincadeira. Ele é atualmente uma prática conhecida e presente na maioria das coletividades que reivindicam a identidade indígena. (Farias etc al., 2017, p.43).

Nós enquanto povo Potiguara temos nossos costumes e modo de viver expressos na musicalidade, na dança, na coreografia, nas vestimentas e pinturas corporais. Cada grupo étnico busca suas particularidades conservando sua identidade, embora haja troca de experiência e diálogos entre outros povos de diferentes etnias.

Ao dançar o Toré, demonstramos força em defesa dos nossos direitos, buscando retomar a identidade cultural na sobrevivência de nossas terras. Tem a finalidade de fortalecer o indígena ou a comunidade em seu território possibilitando nos encontrar, criar e recriar nossos costumes e valores. Nossa própria língua materna é entoada durante os rituais sagrados.

O ritual do Toré apresenta-se como símbolo que se tornou a identificação e a autenticidade dos Potiguaras. Através da dança os descendentes indígenas resgatam a cultura de seus pais, ao mesmo tempo, inauguram uma ação eclética de sentidos e significados, congregando aspectos da política, das religiões, mitos, rituais, danças, músicas, fundamentos da língua tupi, expressões de luta que garantem a existência e o reconhecimento da etnia. (Souza, 2017, p. 59).

O Toré para o povo Potiguara da Paraíba é um ritual sagrado e através dele foi possível a unificação das aldeias e o fortalecimento das conquistas de demarcação das terras Potiguara, um movimento que se iniciou nos anos 2000, e até hoje continua. O Toré está presente nos momentos de retomada territorial, no qual se faz necessário esse ritual na certeza de integrar forças e resistência nos momentos de lutas. Conforme Nascimento (2017, p. 81) “a demarcação da reserva indígena integra um movimento dos povos indígenas do Nordeste”. Historicamente, desapropriados, os Potiguaras ainda lutam por integrar hectares de terras que ficaram de fora da demarcação original de seu território.

Silva (2019) comenta que:

O Toré representa um ritual de afirmação e resistência dos Potiguaras, quando se dança o Toré demonstramos que estamos firmes e resistentes na luta por nossos direitos, reforçando os seus significados e atribuindo novos sentidos às práticas antigas. É também uma forma de afirmar que estamos lutando por nossa terra e por nossa maior riqueza: a afirmação étnica. A realização do Toré nas últimas décadas vem se mostrando como uma das prioridades da vida Potiguara, mobilizando toda a comunidade indígena em torno de seus interesses étnicos (Silva, 2019, p. 24).

Neste sentido, o povo Potiguara busca rememorar suas raízes de forma que sua cultura não se perca, passando aos seus sucessores tudo aquilo que aprenderam com os índios mais velhos, anciãos. Esse rito vem se repetindo durante as gerações, no intuito de não deixar se esvaírem os nossos costumes.

O ritual do Toré Potiguara obedece a uma determinada ordem e sua estrutura espacial é formada por vários círculos. No centro encontramos os tocadores, os cantadores, os caciques e pajés e anciões, com a presença destes indígenas forma-se o círculo central, como a célula principal do ritual do Toré. É ali onde surge toda a energia que é reverberada para todos os outros círculos que são formados por crianças, jovens e adultos.

Não existe quantidade de círculos definidos, durante o ritual ele vai sofrendo alterações. Segundo, Barcelos (2012, p. 287) “a força do círculo é conhecida há séculos, e é um poderoso símbolo de unidade e totalidade”. Para Barreto (2005), dançar em círculo é estar junto mantendo uma só energia, é respirar em conjunto, e conspirar um verdadeiro sentimento de comunhão, de coletividade e cooperação entre um e outro indivíduo.

A espacialidade do Toré vai acontecendo de forma bem espontânea, a partir dos círculos que se formam na medida em que as pessoas entram, daí por diante vai formando inúmeras rodas que reverberam entre todos que estão presentes. O Toré tem a seguinte regra: só é executado no sentido anti-horário um formato que já vem sendo executado de geração em geração. Não se dança de outra forma. Percebo que esse sentido já se estabelece organicamente, quando se dança os círculos giram para o lado correto sem ter comando nenhum.

Existe um momento que, de acordo com a música, a coreografia muda, passa a ser dançada em forma de uma marcha, os participantes apenas caminham com uma intensidade no corpo que vai ocorrendo de forma lenta com o ritmo musical, e assim levantando o pé, que vai na frente, esse caminhar se dá de forma mais lenta e compassada sempre obedecendo o ritmo dado pelos instrumentos neste momento. Quando cantam, “Os caboclos lá da aldeia cessando areia<sup>1</sup>”, modificam imediatamente o passo, todos voltam-se para o centro da roda girando rapidamente dando saltinhos, com o tronco curvado e os joelhos bem flexionados, os braços fazem o movimento como se estivessem cessando a areia do mar. Essas gestualidades dos braços remetem ao trabalho em busca do marisco.

A expressão catar marisco faz menção as pessoas que se curvam dando a ideia de que estão cavando o chão. A coreografia mencionada acima não se vê mais com frequência nos rituais do Toré. Geralmente, os parentes da aldeia São Francisco são os que mais realizam as variações de padrões de movimento da dança. A dança, em sua originalidade, é realizada com vários movimentos e gestos, como por exemplo, cumprimentar o vizinho da direita e da esquerda enquanto dança e marchar de forma lenta. Porém algumas aldeias não utilizam os passos conforme prescreve o ritual.

Algumas não fazem o cumprimento, outras não fazem a marcha lenta. Entre os Potiguaras, o ritual do Toré apresenta-se como momento singular da espiritualidade em que entram em comunhão com deus Tupã. Esse momento acontece quando inicia o ritual, todos os indígenas se prostram diante do chão deixando conduzir pelos espíritos que ali rodeiam. No momento em que se ajoelham diante da mãe terra, se permite o grande momento do Toré. Assim também pedindo ao pai Tupã a sua grande proteção sobre todo o povo Potiguara. Em seguida se reza o Pai nosso na língua tupi (língua materna dos Potiguaras) em silêncio e a partir daí começa o ritual. Quando todos envolvidos estão em sua intimidade pessoal, o círculo central aciona o maracá, em seguida a batida do bombo, alguns minutos depois todos irão ficando de pé para assim começar a dançar o ritual.

---

<sup>1</sup> O termo cessando a areia vem da movimentação que é dançada no Toré onde remete ao cessar o marisco no mar, nisto a movimentação está inserida na dança do Toré.

Cada vez que é dançado o Toré, estamos pedindo proteção ao Deus Tupã para que possamos alcançar um futuro melhor para nós e para nossos parentes. Assim também a proteção da mãe natureza pela terra sagrada. Para os Potiguaras a união e a coletividade do povo para o Toré é algo que traz força e fortifica ainda mais a luta e resistência, um exemplo desta união está presente em umas das pinturas corporais dos Potiguaras, a colmeia das abelhas, representatividade de coletividade, força, e união. Da mesma forma que as abelhas precisam uma das outras para produzir sua colmeia, os Potiguaras tendem a se manter sempre em coletividade.

*Figura 6: vários círculos do Ritual do Toré*



Fonte: Lauro Padilha

A coreografia se dá de acordo com a canção entoada no momento, assim como as danças que mudam de figura (passos) de acordo com as canções entoadas. O nosso Toré Potiguara da Paraíba, é diferente de todas outras etnias do Nordeste, ele é dançado do início ao fim sem nenhum contato físico, nunca se abraçam e não se dão as mãos:

Para os Potiguaras, a dança faz parte do ritual religioso do Toré. É uma das confraternizações de luta do povo, simbolizando o sofrimento e as perseguições vividas. Ao dançar e cantar, é despertado os espíritos dos ancestrais e seres encantados, pedindo mais condições de sobrevivência e resistência ao Deus Tupã. Sendo uma prática religiosa, o Toré traz resistência e sinais de etnicidade assim como uma referência de luta dos Potiguaras. (Barcelos, 2014 p. 282)

Cada vez que é dançado o Toré, estamos pedindo proteção ao Deus Tupã para que possamos alcançar um futuro melhor para nós e para nossos parentes. Assim também a proteção da mãe natureza pela terra sagrada.

Assim como para os Potiguaras a união e a coletividade do povo para o Toré é algo que traz força e fortifica ainda mais a luta e resistência, um exemplo desta união está presente em umas das pinturas corporais dos Potiguaras, a colmeia das abelhas, representatividade de coletividade, força, e união, da mesma forma que as abelhas precisam uma das outras para produzir sua colmeia, os Potiguaras tem isto como exemplo mantendo sempre a coletividade ente si, com isto os indígenas mantém força e lutam pela sua reafirmação.

A folha da jurema é pintado em partes do corpo com tintas extraídas do fruto jenipapo (planta que fez a tinta). A pigmentação preta produz pinturas que permanecem sobre a pele durante quinze dias. Acredita-se que a folhagem grafada nos braços e pernas atrai força, além de ser símbolo da etnia Potiguara. Assim como as pinturas existem as vestimentas que faz com que deixe os indígenas bem arrumados com seus determinados trajés deixando-se bem caracterizados, usa-se nos rituais as seguintes vestimentas que são para nós chamamos de trajés: a saia que é feita da embira de jangada, uma planta nativa que encontra-se na mata, existe todo um processo para a produção da saia estima-se um mês para ela ficar pronta, um trabalho que requer um bom tempo.

*Figura 7: movimentação em círculo que remete o comprimento aos indígenas no Toré.*



Fonte: Arquivo pessoal

Existe os colares que são feitos de várias sementes que encontram na própria aldeia, esses colares fazem complemento com esses trajes. O cocar que é colocado na cabeça, e que é feito com penas de pássaros nativos da reserva potiguara, esse coca é algo muito representativo para o povo Potiguara cada índio tem seu cocar, mais existe uma hierarquia enquanto a isso, os caciques e pajés usam os maiores cocas com penas belíssimas e existe um detalhe as penas do meio são grandes e simboliza o poder de liderança deste povo, essa pena diz que aquele pessoa tem uma grande importância diante deles. Esses são os trajes que os Potiguaras usam durante seus rituais.

### 3.2 MUSICALIDADE DO TORÉ POTIGUARA

O aspecto musical do ritual do Toré Potiguara está relacionado a uma grande variedade cultural, que faz ligações e referências aos elementos sagrados e simbólicos da natureza, aos ancestrais, construindo elos com os encantados<sup>2</sup>. As canções demonstram e narram a luta deste povo na conquista e reafirmação por sua existência e direito de suas terras nos dias atuais.

Os instrumentos usados habitualmente no ritual do Toré Potiguara são: caixa, bombo, gaita e o maracá. Já nas cadernetas da Missão de Pesquisa Folclórica, nos primeiros registros do Toré Potiguara, os instrumentos eram quase os mesmos, com exceção da privona, instrumento este com sonoridade aguda.

*Figura 8: Da esquerda para a direita: maracá, gaita, bombo, caixa e maracá.*



Fonte: Elias Medeiros. (2018)

<sup>2</sup> Entidades espirituais definidos como seres imortais que habitam em locais específicos como a mata, os mangues e as águas, definidos pela virtude da invisibilidade e/ou faz referência a um homem que já não habita mais entre o povo Potiguara, mas sempre será lembrado e immortalizado pelo seu legado (Barcelos, 2012).

Os instrumentos mencionados acima fazem com que o Toré tenha mais harmonia enquanto se canta e dança, de modo que haja uma sincronidade rítmico- corporal mais profunda no momento em que se dança. Entretanto, o Toré não só acontece com a utilização desses instrumentos; existem rituais do Toré que são apenas cantados, sem nenhum instrumento presente. Como membro ligado à ancestralidade indígena e atuante neste ritual, penso, que nesse caso, não tem a mesma intensidade de quando é ritualizado com todos os instrumentos. Porém, a escolha desta ou daquela estrutura musical dependerá da finalidade e necessidade do momento ali vivenciado. Ainda que, aparentemente, não seja possível identificar uma razão determinante para o uso dos instrumentos, a presença dos tocadores, contribui para instaurar uma harmonia rítmica, dando coesão ao grupo.

*Sou tupã, sou tupã, sou potiguara.  
Sou potiguara nesta terra de tupã,  
Tem uma arara, caraúna e xexéu.  
Todo pássaros do céu, quem me deu  
Foi tupã, sou tupã, sou potiguara(...)*

Esta música do Toré refere-se à vivência e aos costumes nesta terra, agradecendo em forma de canção ao deus Tupã. Ela é um exemplo de como no ritual do Toré existe um grande diálogo de força, união, harmonia e presença espiritual a partir da musicalidade. O cantar e tocar geram um *estado de presença*, manifestado pela sinergia entre aqueles que dançam e cantam, os tocadores e os demais.

Por *estado de presença* entendo que este lugar de estar presente depende do si mesmo como você permanecer enquanto organização de estrutura corporal e mentalmente, ou seja não dançar só por dançar, é deixar que todo seu corpo e mente esteja de fato em um lugar que deixa-se acessar outros lugares que possa me levar a estado de presença em algum movimento que foi acessado por alguma memória que assim possa gerar alguma coisa a partir deste “estado de presença” esse conceito é discutido por Laurence Louppe (2007), com um maior aprofundamento, neste sentido entende-se que:

[...] Presença aqui não no sentido de *estar presente*, mas no de *ter presença* ou *estar no presente*. [...] a presença depende de um tipo de *usagem de si mesmo*, [...] portanto, há vários modos de estar em cena e produzir qualidades a partir de estar, seja em termos estéticos, seja em termos de preparação que dependem do tipo de experiência pela qual o sujeito passou [...] (Laranjeira, 2015, p. 598-599)

A relação estabelecida com a música faz gerar uma presença corporal de maior expressividade, sinto um fluxo de estados quando ouço as letras que acessam lugares e me levam para um certo estado que não se estrutura, mas se organiza, fazendo com que aconteça movimentos que não dispostos como sequências coreográficas e sim transitoriedade processual.

Se trata de estar em movimento marcado pela musicalidade que ajuda a ir para esse lugar de presença. As músicas do Toré Potiguara reiteram a ligação e importância dos antepassados, buscam ritualisticamente o elo com os encantados da mata. Neste sentido, Barcelos (2014), corrobora a minha observação:

[...] as letras do Toré têm uma grande variedade. Algumas fazem referências às coisas da natureza, aos animais, aos ancestrais, aos encantos de luz, à cabocla da jurema, à luta pela terra, aos santos do catolicismo, Nossa Senhora, a Jesus Cristo, enfim há uma grande fértil imaginação na sua criação. (Barcelos, 2014. p, 292).

O canto, a seguir, faz referências claras aos santos católicos:

*Salve, o sol e salve a lua.*

*Salve São Sebastião. Salve*

*São Jorge guerreiro*

*Com a sua proteção.*

Quando é cantado, o Toré, as letras de suas canções revelam situações do cotidiano dos Potiguaras, narrando histórias de luta, afirmação e resistência, como também, algumas delas, estão dirigidas a reivindicar direitos, exaltando a coragem e necessidade de manterem-se unidos e combativos.

Segundo (Palitot, 2005, p.199) as canções do Toré são originárias tanto de um acervo tradicional da memória coletiva, como de composições mais recentes realizadas pelos Potiguaras, o que incluem também algumas traduções para o Tupi.

As músicas que são compostas refletem a experiência tanto de quem a produz quanto da vida dos indígenas no geral, atribuindo nas letras as vivências na luta por resistir na terra e o valorizar-se enquanto indígena. Ouvi em conversas com minha avó que as canções do Toré eram muitas vezes reveladas através de sonhos quando entravam em contato com os seus antepassados.

A entrevistada a seguir relata que essas canções do Toré recentemente estão tendo influências de outras culturas. Outros assuntos estão interferindo nas músicas e fugindo da realidade que os potiguaras vivem.

Atualmente alguns Potiguaras estão criando novas músicas do Toré, que ao seu ver não estão próximo com a realidade e convivência dos Potiguaras, criam as músicas com outros sentidos, esquecendo de agradecer a Deus Tupã, não fazem mais referência à mãe terra, à água, ao sol, às matas, aos cabocos velhos entre outros que circundam nossa cultura. Eu quando estou nestes Toré que cantam essas músicas que as

vezes nem conheço, eu danço sem frescura, mas para mim não me toca em nada, não chega a atravessar em mim a sensação daquela música de poder vivenciá-la e trazer ela para minha realidade enquanto Potiguara, as canções que estão sendo produzidas precisam ter mais sentido e significado. Danço por respeito mais não sou de acordo com isso. (Nilda, MAR. 2019)

A força, a coragem e os votos do batismo Potiguara são lembrados neste cântico:

*Oh mãe deus oh reis dos mares (2x)*

*Oh mãe de deus minha mãe soberana (2x)*

*Oh mãe de deus olha aqui meus curumim (2x)*

*Eu sou morubixaba ela é cunhatain (2x)*

São canções onde suas origens se perderam no tempo; meus informantes, assim como familiares, não conseguem dar pistas de onde iniciou esta forma de entoar versos cantados e acompanhados pelos instrumentos musicais. Obviamente, pertencem à tradição oral e integram os valores da cultura imaterial de nosso povo.

Existe uma finalidade para cada instrumento. Por isso, é necessário entender cada um deles: o bombo e a caixa são instrumentos de percussão parecidos com tambor. Porém, o bombo possui um som mais grave, enquanto a caixa um som mais agudo. Esses instrumentos são produzidos pelos próprios Potiguaras, facilitando o manuseio no ritual. Esses instrumentos são tocados no centro do círculo principal do Toré onde também se encontram as figuras importantes deste ritual caciques pajés entre outros.

Em alguns rituais, quando se tem a presença da gaita, a sonoridade inicial é dada por ela, digamos que ela é responsável pela introdução das músicas, o toque da gaita confere leveza e harmonia. A gaita é um instrumento de sopro feito de taboca, planta nativa encontrada na região, matéria prima dos potiguaras. Ela pode ser feita também de cano PVC, com quatro furos em sua parte central.

Dentre todos os Potiguaras da reserva indígena apenas um senhor chamado seu Zé Bitu sabe tocar as músicas do Toré na gaita, o tocador é residente na aldeia Cumarú. Sabendo da dificuldade e por questões de saúde seu Zé Bitu se ofereceu a ensinar a uma criança chamada Jailson residente na aldeia São Francisco, que hoje já é um jovem casado. Jailson com sua disponibilidade e dedicação junto a seu Zé Bitu aprendeu a tocar e hoje ele está envolvido em todos os Torés.

Durante a minha infância minha avó Joana tinha o grande desejo que eu aprendesse a tocar a gaita, com isso ela pediu para seu Zé Bitu fazer uma pra mim. Eu como sempre fui uma criança traquina no primeiro dia que minha vó me deu a gaita eu sem saber usá-la acabei quebrando e deixei sem sair som nenhum. Vó ficou chateada comigo e tomou a gaita de mim, essa tentativa de que eu pudesse aprender a tocar não obteve êxito. Existia um grande problema seu Zé Bitu não tinha tempo de me ensinar, ele morava distante e isso dificultava todo o processo.

O maracá pode ser feito de cuia de cabaça (planta rasteira que tem certa semelhança com a melancia), ou com quenga de coco seca, seu cabo é feito de madeira, são colocadas sementes dentro para que o som aconteça. Esse instrumento é utilizado por várias pessoas independente de sexo ou até mesmo idade, diferente dos outros instrumentos que já foram mencionados acima. Bombo, gaita e caixa são tocados por pessoas específicas, por já estarem há um bom tempo participando do ritual. Percebe-se que o maracá é diferente na questão do manuseio, todos os indígenas envolvidos na roda do Toré podem utilizá-lo.

Seu manuseio requer habilidade do dançador ou dançadora que são, ao mesmo tempo, percussionista/cantadores e coro (homens, mulheres e crianças que respondem aos versos). O som vibrante por ele é produzido é fator determinante na comunicação com os encantados (Arcanjo, 2003 p. 86)

É com esse instrumento que o cacique ou pajé anuncia o momento de parar a música no Toré para poder iniciar outra e todos que dançam repetem o mesmo gesto de chacoalhar o maracá de forma espontânea. A sensação que tenho quando estou dançando o Toré com meu maracá é de que já sinto o momento quando a música irá acabar, isso contagia todos ali presentes.

O uso do maracá pode ser diferente entre os povos indígenas do Nordeste. Para os Pipipã de Pernambuco o maracá aparece em maior quantidade quando dançam o Toré, já para os Xukuru de Ororubá sua presença é menos intensa, não é tão usado. Sabe-se que o maracá é instrumento simbólico sagrado de todos os povos indígenas do Nordeste e que possui grande visibilidade na dança do Toré (Arcanjo, 2003).

Ouvi muito minha avó falar que existe uma ordem das músicas para que de fato aconteça o ritual de forma completa. Ela me falava que era preciso ter muito cuidado pois o ritual é coisa séria, é importante fazer a abertura e o encerramento. Existe uma serenidade muito profunda no momento de entoar as músicas para que aconteça tudo de

forma correta, minha avó dizia que quando começavam a cantar as músicas fora da ordem, ela não sentiu nada durante o ritual, os encantados e ancestrais não chegaram nem perto deles ficava algo vazio. Vó dizia, “dancei por dançar o Toré este dia”.

### 3.3 SIMBOLOGIA E RELIGIOSIDADE

*Figura 9: seu Chico urubu em ritual dentro da furna sagrada*



Fonte: Arquivo pessoal

*Tava sentado na pedra fina*

*O rei dos índios, mandei chamar.*

*Caboca índia, índia guerreira,*

*Caboca índia do Juremá.*

*Com meu bodoque eu sacudo a flecha,*

*Com minha flecha vou atirar,*

*Caboca índia, índia guerreira*

*Caboca índia do Juremá.*

(Cântico que alude à Cabocla Índia do Juremá, encantada da floresta)

Diante das músicas executadas no Toré Potiguara é notória a presença da simbologia e religiosidade, presentes a todo instante. Essas músicas estabelecem um contato imprescindível com os ancestrais indígenas de forma adequada para que se abra os canais para haver comunicação com os elos encantados e sagrados que circundam os

indígenas em determinados momentos. Para os Potiguaras a Jurema pode representar uma planta com finalidades medicinais, uma bebida de uso típico dos rituais como também entidade espiritual presente nas matas.

As músicas que são cantadas no Toré possuem seus donos espirituais, os índios antigos que as compuseram. Quando essas músicas são cantadas eles se aproximam da roda dos dançadores e buscam se comunicar com os médiuns presentes, essa proximidade faz alguns índios começarem a sentir fortes emoções e em casos mais extremos chegam a se manifestar, isto é, a incorporar esses espíritos. Essa capacidade mediúnica faz algumas pessoas se afastarem do Toré, mesmo sendo índios, pois tem medo da exibição e da vergonha que isso possa causar. (Palitot, 2005, p. 202)

Os símbolos que aparecem no Ritual do Toré Potiguara são elementos que fazem parte da dimensão religiosa presente no convívio dos indígenas que tem influência também das práticas do cristianismo.

Segundo Palitot (2005) a primeira música do Toré Potiguara mostra que o Ritual do Toré é uma brincadeira cristã:

*Quem pintou a louça fina,  
Foi a flor da maravilha (bis)  
Pai e filho, Espírito Santo  
Filho da virgem Maria (bis)*

Sua narrativa mostra um pedido de benção e a proteção de Deus e ao ser cantada todos os índios fazem o sinal-da-cruz com as mãos tocando cabeça e parte superior do tronco. Esse gesto invoca também a proteção divina de Tupã e os encantados em seu meio, pois o cristianismo e a espiritualidade anterior a sua chegada estão juntos no Toré e na devoção aos santos católicos presentes nas aldeias. Palittot (2005, p. 200-201) aponta a maneira particular como o catolicismo é praticado pelos Potiguaras:

A relação entre o sobrenatural e a ancestralidade indígena é tão forte que o próprio São Miguel é tido como um índio de carne e osso que faleceu, foi enterrado e alguns dias depois sua cova rachou, aparecendo a imagem do santo, essa imagem original era viva, sendo feita de nenhum material inerte, como gesso ou madeira. Tanto que segundo nos relatos, uma índia curiosa, e duvidando da vida da imagem, espetou São Miguel com uma agulha fazendo com que o sangue começasse a escorrer. Também nos foi narrado que a imagem está atualmente guardada na igreja da aldeia São Francisco, pois o antigo templo da Vila São Miguel ruiu há uns 20 anos, não é o santo original e sim uma imagem similar mandada de Roma, onde estaria localizado São Miguel. (Palittot, 2005 p. 200-201)

Diferentemente de tempos atrás, quando havia grande controle religioso exercido pela Igreja Católica e pelos patrões como a família Lundgren (donos das fábricas de tecido onde os indígenas trabalhavam), as relações entre a jurema sagrada e o Toré se encontram mais evidentes. Essa guerra de maus tratos e genocídio ela veio até no século 20 com os Lundgren eles eram altamente repressores, matavam os indígenas para que os costumes e os nativos se extinguissem e eles pudessem dominar todo território Potiguara.

Atualmente o indígena Isaias Marcolino residente na aldeia Lagoa do Mato vem resgatando o ritual da Jurema e alguns dos ritos ligados a esta prática religiosa, repressores antigamente. Ele vem retomando a Jurema e o ritual da lua cheia, praticado todo último sábado de cada mês. Portanto é importante perceber que há a articulação para a retomada de costumes passados, para que não sejam esquecidos, mesmo com toda problemática que existe dentro das comunidades Indígenas Potiguara causada pela não aceitação de alguns desses rituais por parte de indígenas cristãos.

Muitos evangélicos são abertamente contrários, devido ao seu próprio preconceito, ignoram a presença da Jurema sagrada, ao considerá-la um ato de catimbó, feitiçaria e macumba. Esses indígenas não aceitam outras práticas religiosas a ponto de muitos pastores pregarem contra o Toré. Apesar disso, poucos evangélicos alegam que, não dançam o Toré, mas o respeitam e acham muito importante realizá-lo para manter a resistência do nosso povo.

## 4 RASTROS DO PROCESSO INVESTIGATIVO

### 4.1 O CHÃO DA PESQUISA

“A escola que a gente quer é a escola do prazer, aquela que a gente pode vir todos os dias. E nunca sinta vontade de ir embora. Não queremos uma escola que só tenha mais cadeira, quadro-negro e giz, mas sim uma escola da experiência, da convivência e da clareza. Se um dia alguém trazer um peixe que foi pescado no riacho perto de nossa casa ele seria nosso objeto de estudo” (RCNEI, 2005).

A intenção principal da pesquisa foi a investigação do ritual do Toré Potiguara da Paraíba, buscando analisar/investigar no corpo dos sujeitos do processo, a simbologia das canções, a dança, sua estrutura, e as metáforas corporais<sup>3</sup> que estão envolvidas neste ritual. A pesquisa é realizada na Escola Municipal de Ensino Fundamental Antônio Azevedo na cidade de Baía da Traição/PB. Essa escola recebe alunos de várias aldeias do município, sendo sua grande maioria de pessoas indígenas que totaliza a população em cerca de 7.992 indígenas e a população não indígena é de 1.232 no território Potiguara de Baía da Traição. O fato de a escola estar situada na área urbana não quer dizer que ela não seja considerada uma escola indígena, e segundo dados do IBGE (2022) vale resaltar que a Baía da Traição é a sétima cidade com a maior presença indígena no Brasil.

A instituição escolar segue todo um calendário específico que tem como modelo as escolas indígenas localizadas nas aldeias ao redor do seu território. Além de buscar superar essas dicotomias, historicamente postas, pretendemos contemplar uma concepção de currículo que permita ao aluno da Escola Municipal de Ensino Fundamental Antonio Azevedo interagir com as diversas áreas de saberes pedagógicos, adotando a pesquisa como forma de articular e aprofundar temas de interesse numa perspectiva de associação entre teoria e prática, como fontes de produção de novos conhecimentos, como também, contemplar a Educação Escolar Indígena.

A Escola Municipal Antônio Azevedo no Município da Baía da Traição no litoral Norte da Paraíba. Rua Osvaldo Trigueiro, 285, Centro - Baía da Traição – PB. CEP: 58.295-000. A Escola Municipal, foi iniciada sua construção na gestão do Prefeito Sr. João Padilha (1962 a 1965), porém foi concluída na gestão do Prefeito Sr. Oscar Gerônimo Freire (1966 a 1969). As primeiras atividades dessa unidade de ensino foram iniciadas no ano de 1967 com apenas duas salas de aula onde existia exclusivamente a educação infantil (preliminar), não contendo a figura do gestor escolar.

Logo, as mencionadas salas de aula estavam sob a responsabilidade das educadoras Sra. Marinete Gomes de Queiroz e Sra. Célia Maria de Amorim, primeiras professoras dessa unidade de ensino. A primeira Gestora Escolar foi a Sra. Rosilda Barbosa na gestão do prefeito Sr. José Barbosa da Silva. Vale salientar que a primeira Secretária Municipal de Educação foi a Sra. Maria do Rosário Serrano Borges no ano de 1983, na gestão do prefeito Sr. José Máximo Sobrinho.

Antônio Ruviano de Azevedo nasceu na Baía da Traição, aos 17 de setembro de 1882, filho de Francisco Ruviano de Azevedo e de Ana Eufrazina de Azevedo. Fez seus primeiros estudos na cidade de Mamanguape, transferindo-se depois para o Recife. Posteriormente, regressou à Paraíba, fixando residência em João Pessoa, onde exerceu relevantes cargos públicos, inclusive no Palácio da Redenção, no governo do Presidente Solon de Lucena.

Era um amante das letras, destacando-se na imprensa. Deixou publicados vários trabalhos, entre os quais se destacam: “Cruz de Ouro”, “Harpa” e “Hasternus”. Escreveu vários poemas; num deles exalta sua terra natal. Faleceu no Recife, no dia 06 de novembro de 1922. No ano de 1989 iniciou-se o Curso Técnico em Contabilidade, ministrado pelos professores: Roberto Rosendo, Othília, Ribamar, Manoel Neves, Severino Miguel, Vasconcelos, Tida, Naldo, entre outros. Três salas iniciaram esse curso, sendo a conclusão das turmas pioneiras em 1990.

A instituição tem como gestor atual o senhor Adelson Francisco dos Santos, que está na gestão escolar desde de 2017. As modalidades de ensino ministradas na escola são: Ensino Fundamental I: 3º ao 5º ano; Ensino Fundamental II: 6º ao 9º ano; Ensino Fundamental I e II da EJA: Ciclo I, Ciclo II, Ciclo III e Ciclo IV); Educação Especial; Educação Escolar Indígena. Fiz esse breve levantamento sobre a instituição, porém não obtive muitas informações, a gestão atual da escola relatou que infelizmente não existe muitos dados sobre a mesma, as pessoas que poderiam informar alguns dados históricos já tinham falecido, e o PPP (Projeto Político Pedagógico) da escola apenas obtinha as informações que pude citar a cima. Vale ressaltar que é necessário esse apanhado histórico a partir do território da pesquisa, o chão de onde vai surgir os entrelaçamentos do processo investigativo artístico, para melhor entendimento e reconhecimento do chão da pesquisa.

---

<sup>3</sup> Assim a explica Dominice (2015) metáfora é muito mais ampla e importante do que uma figura de linguagem: ela antecede a própria linguagem. As metáforas afetam o indivíduo nos processos mais básicos que acompanham a vida, tais como pensar, imaginar, organizar o movimento e se expressar corporalmente.

*Figura 10: Escola Municipal Antonio Azevedo*



Fonte: arquivo pessoal (2023)

A partir de agora vamos mergulhar nos caminhos que trilhamos durante os rastros da investigação. É necessário e importante ressaltar quem são os principais sujeitos da pesquisa, este trabalho foi desenvolvido, nas turmas dos 6º e 7º anos do Ensino Fundamental II, com estudantes indígenas da etnia Potiguara da Paraíba, com a faixa etária entre 11 e 14 anos. Fiz uma roda de conversa com esses alunos e alunas dialogando sobre a pesquisa, lancei a proposta e algumas alunos aceitaram participar da pesquisa que totaliram entre 15 estudantes sendo 10 meninas e 5 meninos. os interessados assinaram uma lista mostrando interesse em participar, posteriormente foi assinado pelos pais o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido autorizando formalmente a participação dos e das estudantes, assim como, foi assinado pela gestão escolar o Termo de Anuência para que o projeto pudesse ser desenvolvido na escola no horário regular das aulas do componente curricular de arte.

Durante a pesquisa, sempre busco criar relação entre o que os alunos experimentam nas aulas e as vivências deles enquanto indígenas Potiguaras. Para alguns alunos que são indígenas potiguaras a compreensão sobre o Toré é bem próximo de suas vivencias, uma vez que a dança do Toré já vem sendo executada em alguns momentos nas aldeias.

É de extrema importância que os estudantes tenham um contato mais aprofundado com o Toré que nao seja apenas nas aldeias, e assim desmistificar o pensamento de que o Toré é uma dança ritual que deve ser realizada apenas em ocasiões específicas do Povo Potiguara, e que seja visto como um ritual que de fortalecimento da nossa identidade, entre os lugares onde estamos inseridos, tais como nas escolas, universidades nas praças, ruas e etc.

O Toré pode ser, e é, tão potente quanto outras formas de movimentar o corpo. Inserir estas danças práticas pedagógicas é afirmar que é possível mesclar cultura e educação. Desta forma o Toré pode ser vivenciado dentro do contexto (disciplinas) escolar, buscando interdisciplinaridade com os componentes curriculares.

Foram realizados laboratórios de investigação no corpo, na qual irei descrever a baixo mencionando a cada aula, no decorrer desta investigação com o intuito de estruturar um roteiro para um formato final a ser apresentado. Porém, percebi que os discentes estavam seguindo outro caminho de investigação segundo o qual seria mais importante investigar os elementos constituídos no Toré Potiguara e acessar mais os lugares relacionados com as memórias afetivas de suas vivências. A tentativa de deixar fluir os experimentos foi mais interessante do que pensar em estruturar um formato final com os envolvidos na pesquisa para finalização do mestrado, conversamos entre eles e decidimos apenas investigar e deixar que o corpo respondesse aos nossos questionamentos a partir de cada vivência. Nisto apenas registrar as impressões e relatar como se deu cada aula sobre os aspectos que estávamos pesquisando.

O conjunto de aulas e experimentações me possibilita entender mais esta prática enquanto investigação cênica a partir também dos direcionamentos dados pelo decorrer das aulas que fomos seguindo. Porém, vale ressaltar a importância da aprendizagem da movimentação do Toré, as canções contidas no ritual as simbologias e as metáforas e também as metáforas que surgiram ao longo do processo. Foi necessário dialogar com as pessoas alunas sobre o processo criativo que eu, enquanto universitário, realizei no final do curso de Licenciatura em Dança na Universidade Federal da Paraíba - UFPB, e como foram as etapas deste processo. Assim, as investigações de algumas ações foram disparadoras para a criação dos discentes.

De acordo com o exposto, trago em meu corpo minha técnica de dança a partir do Toré Potiguara, que danço há muito tempo, mesmo sem técnica específica vinda do universo da dança cênica ou atributos adquiridos no decorrer do curso de licenciatura em Dança. Fui, gradativamente, agregando em minha dança rastros de técnicas adquiridos que puderam ser somados à minha experiência anterior com o Toré durante o processo criativo, tendo a consciência de que as disciplinas cursadas na Graduação me fizeram entender que um corpo não se move apenas por se mover, sempre há uma intenção, objetiva ou subjetiva, verdades ou vivências contidas no corpo de cada pessoa bailarina e que são construídas ou desconstruídas durante o processo de formação.

Com isso, todo o processo teve base de construção em uma história vivida desde criança por mim, momentos de aprendizados passados pela minha vó Joana e rituais em minha Aldeia commeu povo, e que foi transformado e reelaborado com o passar do tempo e os estudos adquiridos.

#### 4.2 OS CABOCOS DA ALDEIA CESSANDO AREIA

*Figura 11:: alunos do grupo focal em aula realizada no terreiro sagrado na Aldeia São Francisco.*



Fonte: Arquivo pessoal (2022)

##### 4.2.1 1ª aula: introduzindo a pesquisa entre o chão e a ancestralidade

Nosso primeiro encontro, realizado no dia 01 de agosto de 2022, foi bem sucinto. Direcionamos uma conversa sobre como seria a proposta da pesquisa, expliquei o intuito e qual a finalidade deste processo em uma visão geral. Fiz um breve resumo do que seria um mestrado e qual o impacto na vida do docente e discentes e também da escola com essa pesquisa. É importante pensar em vários pontos positivos que a pesquisa contribui para nosso meio. A valorização da nossa cultura no meio acadêmico, as pesquisas universitárias ganhando visibilidade, a resistência em nossas falas em permanecer em nossos espaços. Como também protagonizar a nós indígenas e não indígenas aproximando o Toré no processo de ensino/aprendizagem, que é um dos objetivos principais desta pesquisa. De uma maneira geral, a pesquisa objetiva uma valorização do Povo Indígena Potiguara, visibilizando esse povo que já sofreu e ainda sofre por manter viva sua cultura, seus costumes e a preservação de seu território.

Logo após a introdução sobre a pesquisa, compartilhei com os discentes um simples questionário para que eles respondessem ( figura 12 e 13). Com esse questionário fiz um apanhado, uma espécie de levantamento, sobre quem era indígena e quem não eram. Fiz algumas perguntas sobre a cultura indígena Potiguara e a prática do Toré. O propósito destas perguntas foi fazer uma introdução ao assunto que iríamos pesquisar durante todos os nossos encontros. No início das aulas fiz um convite para os alunos do 6° e 7° anos, o propósito seria trabalhar com os discentes de todas as turmas da escola do turno da manhã. Porém a quantidade de pessoas alunas é muito grande e por esse motivo o trabalho foi realizado apenas com duas turmas.

*Figura 12: alunos respondendo ao questionário*



Fonte: arquivo pessoal (2022)

Este primeiro encontro foi de grande valia tanto para as pessoas alunas quanto para mim, enquanto pesquisador, pois alguns alunos mesmo sendo indígenas Potiguaras ainda desconheciam algumas coreografias do Toré referentes à cultura Potiguara, como também algumas questões históricas.

Ouvir os alunos foi, portanto, extremamente necessário para alinhar o trajeto da pesquisa e percorrer com suas necessidades de aprendizagem no processo de investigação artística. As aulas posteriores foram pensadas a partir do que conversamos e refletimos, e nesta perspectiva elaborei aulas que pudessem responder às nossas expectativas. Buscando assim uma educação indígena que possibilite a formação de seres críticos capazes de desenvolver práticas artísticas que propiciem de tal maneira uma experiência autônoma no pensamento crítico nos processos dos estudantes.

*Figura 13: Alunos respondendo ao questionário*



Fonte: arquivo pessoal (2022)

Uma das intenções da pesquisa é fazer as pessoas estudantes experienciarem as movimentações do Toré, em suas criações artísticas e como esses movimentos podem colaborar e desenvolver uma consciência corporal mais presente para o dia a dia das pessoas estudantes e ainda, como poderiam colaborar no processo de aprendizagem de outros componentes. Foram realizados laboratórios no decorrer da investigação (no qual irei apresentar a cada aula, a baixo) com o intuito de revisitar as memórias corporais e as simbologias a partir dos elementos do Toré, e aproximar essa manifestação das práticas pedagógicas. Foi estruturado um roteiro para a realização das aulas de experimentação. A construção do roteiro de aulas começa a ser pensada a partir de ideias e questionamentos que surgem ao longo dos encontros com o grupo focal ao longo dos primeiros contatos.

Nos nossos primeiros encontros, após análise do questionário que os alunos responderam, realizamos um levantamento com os estudantes sobre os aspectos simbólicos e históricos do Povo Potiguara a partir de algumas revisões bibliográficas que consultamos. Assim, também foram feitas pesquisas sobre as poéticas das canções e seus aspectos sagrados, como sobre as metáforas corporais envolvidas no ritual, na qual estávamos direcionado a investigação, pensar sobre esses elementos e em seguida começar a experimentar no corpo dos sujeitos envolvidos no processo investigativo. Durante todo o processo a investigação corporal assumiu um papel fundamental para os desdobramentos coreográficos do corpo das pessoas estudantes. Durante esta fase das experimentações foram abordadas formas distintas de iniciação do movimento para a criação do processo.

Em seguida exponho alguns relatos do que os estudantes responderam no questionário que foi direcionado para eles no nosso primeiro encontro.

Figura 14: aluna Kemily Nayane- 12 anos. Estudante

Questionário Exploratório

Nome Kemily Nayane Soares Santana

Idade 12 Turma 6ºB"

Você conhece algum indígena? SIM  NÃO ( )

Você é indígena? SIM  NÃO ( )

Caso você seja indígena escreva qual sua etnia.  
Potiguara.

Você conhece ou já ouviu falar sobre o povo indígena potiguara?  
SIM  NÃO ( )

Caso conheça, o que você sabe sobre o povo indígena potiguara?  
Eles dançam toré, usam tinturas de falom tupi.

Para você, o que é ser uma pessoa indígena?  
representar sua etnia.

Você conhece alguma coisa sobre a cultura indígena? Escreva o que você conhece?  
dançar toré e se pintar.

Você conhece alguma pintura indígena potiguara? Caso saiba escreva abaixo.  
A folha da juruma e a comua.

Você sabe o que é Toré? Caso saiba escreva abaixo o que é.  
dança indígena.

Você já participou de alguma apresentação artística? Caso sim diga como foi.  
Já participei de várias e sempre amei.

Fonte: Arquivo pessoal (2022)

Figura 15: Maria Laís Fernandes- 12 anos. Estudante do 7º ano B

Questionário Exploratório

Nome Maria Laís Fernandes de Melo

Idade 12 Turma 7º B

Você conhece algum indígena? SIM (X) NÃO ( )

Você é indígena? SIM (X) NÃO ( )

Caso você seja indígena escreva qual sua etnia.  
Potiguara

Você conhece ou já ouviu falar sobre o povo indígena potiguara?  
SIM (X) NÃO ( )

Caso conheça, o que você sabe sobre o povo indígena potiguara?  
Que o povo indígena potiguara participa da ritual do Toré  
na pintura

Para você, o que é ser uma pessoa indígena?  
Ser uma pessoa indígena para mim é ser uma pessoa  
privilegiada nas diversas coisas

Você conhece alguma coisa sobre a cultura indígena? Escreva o que você conhece?  
Dança, pintura, ~~trajes~~ trajes e culinária

Você conhece alguma pintura indígena potiguara? Caso saiba escreva abaixo.  
A falta da juçema, cambira e trançado.

Você sabe o que é Toré? Caso saiba escreva abaixo o que é.  
O Toré é uma dança ~~na~~ sagrada

Fonte: Arquivo pessoal (2022)

Figura 16: Emylaine Beatriz de Lima -12 anos. Estudante do 7º ano A

Questionário Exploratório

Nome Emylaine Beatriz de Lima

Idade 12 Turma 7ªA

Você conhece algum indígena? SIM  NÃO ( )

Você é indígena? SIM  NÃO ( )

Caso você seja indígena escreva qual sua etnia.  
Potiguara

Você conhece ou já ouviu falar sobre o povo indígena potiguara?  
SIM  NÃO ( )

Caso conheça, o que você sabe sobre o povo indígena potiguara?  
Muitas coisas ↓

Para você, o que é ser uma pessoa indígena?  
É ser uma pessoa guerreira.

Você conhece alguma coisa sobre a cultura indígena? Escreva o que você conhece? As pinturas e as nossas roupas

Você conhece alguma pintura indígena potiguara? Caso saiba escreva abaixo.  
Eu conheço a folha da juruma e a camaieira!

Você sabe o que é Toré? Caso saiba escreva abaixo o que é.  
Sei, o toré é uma dança!

Você já participou de alguma apresentação artística? Caso sim diga como foi.  
Sim, foi muito bom

Fonte: Arquivo pessoal (2022)

### 4.3 2º AULA: TODOS OS PASSÁROS DO CÉU QUEM ME DEU FOI TUPÃ: ASPECTOS HISTÓRICOS E SIMBÓLICOS DO POVO POTIGUARA

Levando em conta os nossos primeiros encontros com o grupo focal de acordo com o que foi surgindo nas aulas anteriores, convidei o professor indígena Potiguara Pedro Lôbo dos Santos<sup>4</sup> para ministrar uma aula sobre os aspectos simbólicos e históricos do Povo Potiguara, o professor convidado pesquisou as seguintes áreas: Formação de Professores(as) Indígenas; Educação Escolar Indígena; Ensino de Artes nas Escolas Indígenas; Cultura e Protagonismo Indígena; Políticas Educacionais Indígena; Organizações Não Governamentais (ONGs) e Educação Popular.

Esta aula foi muito importante, pois alguns alunos desconheciam a história do seu próprio povo Potiguara, uns não sabiam nem o que significava a palavra “POTIGUARA” termo já explicado e mencionado anteriormente. Com isto, fez-se necessário aprofundar este diálogo com as pessoas estudantes para melhor entendimento sobre os Potiguaras. A condução da aula foi fantástica o convidado trouxe caminhos estratégicos que levaram os alunos e as alunas a voltarem no tempo e com sua imaginação conhecer essa história que faz parte da vida de cada indígena que ali estava presente, e os alunos que não são indígenas tiveram a oportunidade de adentrar nesta história do Povo Potiguara.

A aula introduzida pelo professor Pedro Lôbo com os alunos e alunas do grupo focal, tem uma enorme importância do reconhecimento de nossa identidade através dos aspectos históricos e simbólicos do nosso Povo Potiguara, a temática abordada enfatiza a rica história e cultura do Povo originário desta terra, em especial o meu povo Potiguara que tem uma trajetória marcada de grandes lutas para permanecer em seu território sagrado.

---

<sup>4</sup> Pedro Lôbo dos Santos - Doutorando em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Paraíba (PPGE/UFPB). Mestre em Educação pela Universidade Federal da Paraíba (2021). Possui graduação em Educação Artística pela Universidade Federal da Paraíba (2004) e Especialização em Psicopedagogia Institucional (2011) e em Arte, Educação e Sociedade (2012) pelo Centro Integrado de Tecnologia e Pesquisa (CINTEP). Professor Indígena da etnia Potiguara na Educação Básica dos municípios de Baía da Traição e Mataraca no estado da Paraíba. Pesquisador com interesse nas seguintes áreas: Formação de Professores(as) Indígenas; Educação Escolar Indígena; Ensino de Artes nas Escolas Indígenas; Cultura e Protagonismo Indígena; Políticas Educacionais Indígena; Organizações Não Governamentais (ONGs) e Educação Popular. Atualmente, é membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Popular, Serviço Social e Movimentos Sociais (GEPEDUPSS/UFPB).

Iniciei nosso encontro agradecendo ao convidado pela disponibilidade em somar com nossa pesquisa, tendo em vista que dá vez e voz aos nossos parentes é reafirma cada vez mais nosso lugar de fala e evidenciar nossas experiências de vida e compartilhar nossos saberes entre nosso povo. Ao iniciar a condução da aula Pedro Lôbo pediu que os alunos e alunas se colocassem em círculo para que assim todos pudessem visualizar melhor cada um que estivesse ali presente, em seguida ele explanou para os alunos como seria a estrutura da aula, explicando de forma bem objetiva e compreensível para melhor entendimento dos estudantes, o professor estruturou a aula da seguinte forma:

- compreender a cultura e história do Povo Potiguara da Paraíba;
- explorar os aspectos simbólicos presentes na cultura Potiguara;
- Analisar o impacto histórico e as transformações enfrentadas pelo Povo Potiguara ao longo do tempo;
- Uma reescrita da leitura de mundo a partir das vivências e do corpo/território dos adolescentes indígenas do grupo focal;
- impactos da colonização na cultura indígena Potiguara;
- Relações dos aspectos simbólicos e históricos trazidos no corpo dos estudantes em cena.

Dando continuidade ao relato sobre essa aula, pude observar cada detalhe entre os estudantes e o professor ao executarem o trajeto que foi percorrido durante a aula, me recolhi no recanto da sala e fiquei registrando todos os momentos que foram acontecendo ali. Fiz registros de vídeos e fotografias como também pude escrever várias impressões que pude observar. O professor após ter explanado o caminho que a aula iria seguir, ele pede proteção ao deus Tupã para conduzir essa aula com sabedoria. Em seguida cantou um trecho do Toré,

*Oh mãe deus oh reis dos mares (2x)*

*Oh mãe de deus minha mãe soberana (2x)*

*Oh mãe de deus olha aqui meus curumim (2x)*

*Eu sou morubixaba ela é cunhatain (2x)*

Como a aula foi direcionada aos aspectos simbólicos e históricos do Povo potiguara, o professor convidado trouxe para expor com os estudantes e assim introduzir durante a aulas

algumas simbologias que faz referências a estes elementos simbólicos do Povo Potiguar. É importante trazer para essa aula a historicidade sobre nosso Povo através destas simbologias envolvidas em nosso dia a dia. A partir daí foi distribuído na sala de forma aleatória como mencionado anteriormente elementos que fazem parte de nossa cultura, e que a partir destas representações simbólicas o ministrante foi trazendo narrativas que em muitos dos casos vão desconstruindo alguns conceitos, que a escola de certa forma de uma maneira colonizadora ainda repassa para nossos estudantes.

O professor pediu para que os estudantes deitassem sobre o chão e fechasse os olhos, e assim, pudessem mergulhar em sua narrativa (na história que ele contava) que iria levar os alunos e alunas para esse lugar de rememorar em sua imaginação a história que aqui neste solo aconteceu. Esse momento foi um momento que misturou o lúdico com o real de nossa história que vai sendo sempre contada de geração em geração. Na imagem a seguir iremos visualizar o momento que o professor convidado convida os estudantes a deitar e fazer uma espécie de relaxamento e após esse momento ele começa a viajar na história do seu povo, usando de forma lúdica a imaginação e vivenciando um grande acontecimento que marcou a vida do Povo Potiguar.

*Figura 17: Estudantes participando da aula sobre os aspectos simbólicos com o professor Pedro Lôbo*



Fonte: arquivo pessoal (2022)

Então, a partir daí a condução da aula começa a trazer um caminho de forma mais lúdica, mas com um forte elemento simbólico, representações simbólicas que construíram o imaginário do nosso Povo Potiguara e os impactos que tiveram mediante a história, elementos estes que foram representados por: barcos, crucifixo, maracá, saia do Toré Potiguara, terra do solo Potiguara, a madeira de nossas árvores, a imagem de São Miguel Arcanjo (protetor do Povo Potiguara), nosso cocar de palha, colar, um cesto de cipó, e uns livros que trazem a nossa história mesmo sendo contada por uma não indígena. Na imagem a seguir iremos visualizar estes elementos simbólicos que fizeram parte do processo de investigação sobre os aspectos e simbologia dos Potiguaras.

*Figura 18: elementos simbólicos e sagrados do Povo Potiguara da Paraíba*



Fonte: Arquivo pessoal (2022)

A partir daí Pedro Lôbo, começa a trazer essa narrativa utilizando estes símbolos para que os estudantes possam ter esse contato com a história, e na perspectiva de fortalece-los enquanto estudantes indígenas potiguaras, ele vai mencionado cada símbolo ali exposto no círculo. Seguindo o fluxo da historicidade a aula começa a trazer a partir da oralidade do convidado a utilização destes elementos relacionando com a história do nosso povo.

Durante a condução dada pelo professor ministrante da aula, ele traz para os estudantes esses relatos de início sobre a história, e ao mesmo tempo faz questionamentos aos estudantes, se o Brasil foi descoberto ou invadido? Então diante dessa indagação vamos trazer também à tona a fala e o que pensam os estudantes a respeito do “descobrimento” do Brasil. Foi trazido também a questão das navegações que para nosso Povo eram pequenas embarcações como canoas, e quando viram aquelas naus, navios se aproximando então de certa forma houve um impacto enorme com essa chegada do novo. Pedro Lôbo relata em sua fala que nosso Povo já vivia aqui antes da invasão cultivando e retirando da natureza tudo que era necessário para sua subsistência.

Um dos elementos que foi bem evidenciado na aula foi o maracá, a fecha, a saia que é dançada no ritual do Toré, a cruz como marco inicial da catequização do nosso Povo que de certa forma não podemos apagar de nossa história, como também a partir daí o silenciamento dentre os deuses que nossos ancestrais cultuavam prevalecendo assim, a religião católica e a partir daí os invasores usar da língua tupi para catequizar, através dos curumins eles conseguiram catequizar os nossos antepassados.

E com essa catequização chegamos até a imagem de São Miguel Arcanjo que é o grande padroeiro do nosso Povo Potiguara que no mês de setembro todo território Potiguara está em festa, mediante o culto e a devoção que os nossos ancestrais já mantinham e que atualmente de certa forma revitalizada permanece essa devoção a São Miguel aqui no nosso Território.

A contar com toda essas narrativas, foi importante mencionar a relevância também de nosso solo, da nossa terra que é mãe que dela que brota a vida, o professor Lôbo relata em sua fala durante a aula que *“a terra para nós indígenas ela tem essa grande potência e esse grande valor”* é muito potente ouvir um indígena Potiguara falar de nossa própria história com propriedade reforçando nossa resistência e identidade. Seguindo nesta perspectiva da ancestralidade e historicidade, a fala de Pedro vai sendo guiada para a importância do nosso CORPO, o corpo-território, mesmos sendo jovens estudantes mediante a faixa etária entre 10, 11, e 12 anos adolescentes.

Esses jovens já trazem no corpo toda uma marca de ancestralidade, de histórias e de todo o território, deste aí começa a estingar neste lugar de vivência antes e após a frequentarem as escolas, com isso começamos a ouvir relatos e experiências de vida surgindo de cada um estudante que ali se fazia presente com seus questionamentos e inquietações a partir deste momento de uma rica e potente relação com a experiência vivenciada ali neste solo sagrado. É possível identificar esse entrelaçamento de narrativas entre os saberes partir da historicidade no que afirma Cardoso;

Por fim, o Potiguara marca o passado em termos de anos, mas também no tempo histórico expresso por meio da memória de eventos ou fenômenos passados. Por exemplo, é raro ouvirmos "em 1960 ocorreu.", mas sim "na época em que.?. Esta temporalidade está associada as trajetórias particulares de cada indivíduo e de cada família, mas há uma identidade quanto a eventos que envolvam o povo Potiguara, como nos descritos no capítulo anterior. O passado está, muitas vezes, registrado na paisagem, seja na arquitetura, em um marco do território, na casa de um antigo morador, na luta étnica, em um rio ou um ambiente transformado pelo processo produtivo. (Cardoso, 2012, p.53).

Em um segundo momento os alunos são convidados a despertar desta viagem que eles adentraram mediante a sua imaginação e condução do professor convidado, que por sinal traz em sua narrativa uma força e energia ancestral muito potente fazendo com que mergulhássemos totalmente nesta proposta de ir para outro lugar acionado nosso imaginário. Os estudantes foram convidados a pegar um elemento simbólico que estava presente, e traziam a partir destes símbolos memórias afetivas sejam vividas com os pais, com os avôs ou com irmão e parente, e neste entrelaçar de saberes vão se constituindo enquanto Povo trazendo a tona uma nova história contada a partir de nos que tanto tempo ficamos invisibilizados e que em tantos outros momentos falavam por nós.

Pedro Lôbo afirma em sua fala dizendo assim: *“É um novo avivamento, eu diria que seja uma reescrita de vida como o próprio Paulo Freire fala, a leitura de mundo”*. Desta forma estamos fazendo uma nova reescrita a partir da história de nosso povo.

Na imagem a baixo podemos adentrar neste campo visual e perceber um pouco como os alunos desenvolveram a proposta da aula, temos o momento em que o professor Pedro Lôbo pede aos estudantes para se aproximar dos elementos estéticos e sagrados para que eles pudessem manter um contato mais real com essa materialidade, ao tocar e visualizar, quais impressões, sentimentos e sensações iriam causar em cada um deles, após todo um percurso já traçado até ali.

*Figura 19: Momento entre os estudantes com os elementos sagrados*



Fonte: Arquivo pessoal, 2022.

Neste próximo momento irei trazer o que os alunos desenvolveram depois de ter este contato com os elementos sagrados, foram divididos em grupos de quatro para trazerem juntos aos colegas e professores ali presente uma representação do que o corpo poderia demonstrar, alguma encenação ou até mesmo um momento de se expressar a partir da fala. Lôbo deixou eles bem à vontade para pensar no que eles quisessem apresentar, porém teria que esta ligado aos símbolos sagrados que foram envolvidos na aula. Os estudantes participantes se reuniram-se durante 15 minutos para pensar no que eles iriam trazer para compartilhar com os colegas e os professores, em especial o convidado Pedro Lôbo. Irei relatar o que puder visualizar enquanto assistia cada demonstração que foi desenvolvida por eles. Eles poderiam trazer para sua apresentação os elementos simbólicos que o professor convidado compartilhou entres eles, Pedro Lôbo deu total liberdade para usar os matérias na cena.

*Figura 20: Momento em que os estudantes se reuniram em grupos*



Fonte: Arquivo pessoal (2022)

Esse momento representa o protagonismo de cada um destes estudantes indígenas e não indígenas que tem autonomia e determinação para desenvolver suas próprias ideias através do que foi investigado na aula, isso faz parte deste processo de criação artística na escola, lugar esse onde os nossos alunos devem se sentir livres e autônomos de sua própria história. Era nítido no olhar de cada um deles a empolgação e importância de estar ali participando deste momento tão rico.

Todas as apresentações dos estudantes trouxeram em sua estrutura as referências usadas na aula direcionadas pelo professor convidado, era muito claro que eles conseguiram entender todo o percurso durante sua narrativa, que o professor trouxe na aula. vamos a partir de agora apreciar os trabalhos executados por eles a, iremos descrever e apresentar alguns registros a seguir:

**O primeiro grupo:** fez uma passagem da catequização entre os indígenas potiguara, e os costumes que foram sendo deixados por conta desta imposição do cristianismo que ia contra alguns costumes do nosso povo. Ficaram duas alunas sentadas no chão representado duas indígenas, daí surge um padre que saía catequizando e com ele vinha acompanhando

duas indígenas que já tinha passado por esse processo de catequização, vinha tentar catequizar os outros indígenas que estavam em seu solo sagrado realizando um ritual. Nisto o catequizador com um crucifixo passa rodeando os indígenas que estavam ao chão, eles levantam e saem juntos na tentativa de disseminar o cristianismo entre os demais indígenas pela aldeia a fora. Eles nomearam a cena de a catequização.

*Figura 21: Registro do primeiro grupo a se apresentar na aula (a catequização) entre os Potiguaras*



Fonte: Arquivo pessoal (2022)

*Somos a continuação de um fio que nasceu há muito tempo atrás. Vindo de outros lugares.... Iniciado por outras pessoas... Completado, remendado, costurado e... continuado por nós. De forma mais simples, poderíamos dizer que temos uma ancestralidade, um passado, uma tradição que precisa ser continuada, costurada, bricolada todo o dia (MUNDURUKU, 2002, p. 41).*

**O segundo grupo:** enfatizou para os colegas os costumes do nosso povo Potiguara usou em sua ação cênica o ritual do Toré e algumas movimentações da dança, usaram todos os símbolos que foram trazidos para a aula, no qual representavam esse ritual, usaram a saia, maracá, cocar de palha os colares e um cesto de cipó. Os estudantes pediram para colocar um fundo musical com sons da natureza, saíram em fileiras até o meio da sala formaram um círculo e se ajoelharam, começaram a se vestir com os elementos sagrados, um pegou o maracá e começou a cantar e tocar um trecho do Toré conhecido e originário do Povo Potiguara, *Sou tupã, sou tupã, sou potiguara. Sou potiguara nesta terra de tupã, tem uma arara, caraúna e xexéu. Todos pássaros do céu, quem me deu foi tupã, sou tupã, sou potiguara(...)* na sequência outra aluna que tinha colocado a saia saiu ao redor dos outros estudantes, fazendo uma movimentação livre que remetia a simbologia dos pássaros no céu, ela usava os braços e saltitava como se estivesse no ar. Em seguida para finalizar cada um se posicionou em um determinado lugar da sala e vão deitando aos poucos e silenciando e finalizando.

*Figura 22: Momento cênico onde os estudantes abordam o Ritual da Toré na aula*



Fonte: Arquivo pessoal (2022)

Para finalizar as apresentações o **terceiro grupo** traz apenas uma fala bem poética apresentado alguns símbolos que elas escolheram, neste grupo as meninas que estavam compondo essa experimentação cênica decidiram pegar alguns daqueles elementos que estavam ali e começaram a andar pela sala, falando em voz alta o que cada um daquela símbolos representavam para cada uma. Trouxeram a saia do Toré, um cesto de palha, um livro sobre a história dos Potiguaras, um colar e um chapéu de palha. O entrelaçamento das falas entre elas foram bem interessante cada um começava a falar sobre um elemento, daí outra aluna já saía com um poema sobre outro elemento que era o cesto de palha no qual ela mencionava a mata de onde surge a matéria prima para confeccionar aquele artesanato e por fim elas falam em uma só voz “ *seremos sempre resistência, viva o Povo Potiguará*”.

*Figura 23: último grupo trazendo o significado de forma poética sobre os elementos*



Fonte: Arquivo pessoal (2022)

Ao assistir e apreciar o fazer artístico de cada grupo envolvido na proposta de apresentação de um resultado final da aula a partir de um laboratório de experimentação cênica com base no que foi estudado, o convidado vai direcionando as coordenadas finais que seria agora um último momento, ele entregou aos estudantes uma folha de papel em branco para que cada um deles escrevessem suas impressões e reações que tiveram no decorrer da aula, a intenção é de acionar nos alunos todas as questões que foram vivenciadas naquele momento a partir de todo o percurso desde do início até o último segundo daquela experiência. Posteriormente ele pede para que ficassemos em círculo como no início da aula para que além da parte escrita dos estudantes ele também queria ouvir de alguns estudantes o que ficou de importante para cada um naquela aula, quais impactos enquanto estudantes e

jovens indígena aquele momento poderia somar na construção de um ser mais crítico e criativo para ao longo de suas vidas.

*Figura 24: Estudantes relatando as suas experinecia vivenciadas durante a aula*



Fonte: Arquivo pessoal (2022)

Pedro Lôbo fez um momento final após o momento da escrita, em que os estudantes também teria um breve tempo para falar um pouco o que cada um achou da aula, trazendo para o compartilhamento de todos as experiências e impressões que cada um daqueles alunos e alunas indígenas tiveram ao participar daquela aula. E a partir de das falas que cada um ia trazendo nos iamovendo o estilo de vida o modo de viver e os saberes experienciais partilhados naquela manhã, alinhado a tudo isso o sentir, o pensar, o querer, o agir e a comunicação de cada estudante. Desta maneira percebemos que desde pequeno enquanto Potiguara nos temos que estar por inteiro, temos que ser por inteiro sempre presentes e não fragmentados. E assim, através desta transformação social podemos chegar até nossos estudantes.

Nesta perspectiva na memória histórica desta ancestralidade destes antepassados de lutas, no qual precisamos estar exercitando essa memória histórica para que de fato

possamos ter essa reescrita de mundo. Um mundo hoje que nossos estudantes vivem aqui na Baía da Traição em nosso território Potiguara não é igual ao dos seus pais no passado, desta forma estamos vendo visivelmente essas mudanças e essas sensações do corpo território de cada estudante trazido a partir de suas falas e da suas contribuições em nossa aula. A manhã vivida pelos alunos/alunas e professores foram de experiências ímpares. De tudo isso o que mais me impactava era poder acompanhar o crescimento de cada estudante neste processo enquanto alunos(as)/indígenas.

*Figura 25: Momento que finalizamos a aula com o prof<sup>o</sup> convidado e todos os estudantes do grupo focal.*



Fonte: Arquivo pessoal (2022)

Segue abaixo os registros dos estudantes onde cada um relata suas impressões a respeito da aula.

Relatos dos estudantes após vivência da aula sobre simbologia Potiguara

Figura 26: Relato de Experiência dos alunos

Hoje eu fiz no meu dia do potiguara  
 Hoje eu tirei uma aula muito boa muito mesmo  
 nessa aula eu fiz uma apresentação muito legal  
 que me fez refletir um pouco sobre a minha  
 cultura e sobre como eu tenho que mudar meus  
 pensamentos em questão da minha vergonha de  
 falar sobre a questão de eu ser indígena  
 eu amo o ritual do Terê por isso não perei  
 uma dança eu acho que eu gosto da minha  
 cultura porque eu danço desde pequena mesmo  
 talvez seja porque eu também sou neto de  
 ex cacique e prima do cacique morto!  
 nessa aula refleti muito sobre o passado  
 dos nossos povos indígenas ♡ ♡ ♡

Fonte: Arquivo pessoal (2022)

Figura 27: Relatos dos estudantes após vivência da aula sobre simbologia Potiguara

Hoje foi muito legal agente aditar no Chão  
 e jogar no Colocar no lugar dos Potiguara  
 e dos Portugueses o Professor falou muito conhecido  
 como meu tio e o Professor Raphael não  
 muito legal e agente se dividio em  
 grupo de quadro Pessoas de e meu grupo  
 fizemos a Parte que o Padre e os Potiguara  
 deu comida para os Potiguara que tinha  
 Possendo necessidade que morava. <sup>Não</sup> <sup>oka</sup>  
 e quando eu aditei e flechei o olho e  
 me Coloquei no lugar dos indios quando  
 tio Pedro contou uma historia Para todo mundo  
 e foi isso adorei muito obrigado a todos A. Saia  
 o Koka e o maraka e o Ourisifiro a Cruz  
 Lilura

---

Raphael Victoria candidato do nascimento 19/09/22  
 Prof: tio Pedro! Prof: Raphael. Kurmo! 10 ano 4-

fim

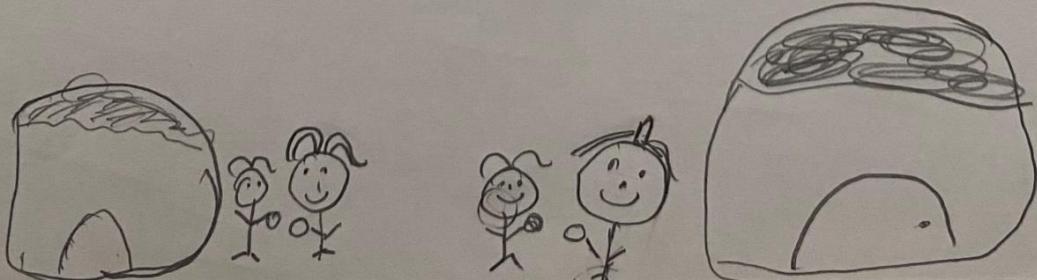
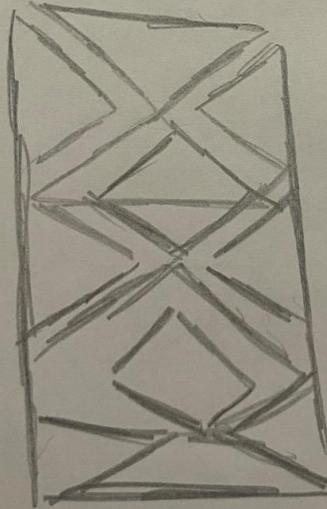


Figura 28: Relatos dos estudantes após vivência da aula sobre simbologia Potiguará

hoje a aula foi muito boa, foi minha primeira aula e eu gostei muito meu nome é João e esse foi meu primeiro contato mais profundo com a história das meus ~~antepassados~~ antepassados, no começo da aula a gente sentou e conversou bastante e depois discutimos e pensamos muito e nós apresentamos e foi muito legal e agora estou falando um pouco sobre a aula um tanto diferente e no dia 3 de novembro de 2022 estamos indo para João Pessoa e estou muito feliz para se apresentar a nossa cultura indígena agora eu vou fazer um desenho de uma das nossas pinturas.



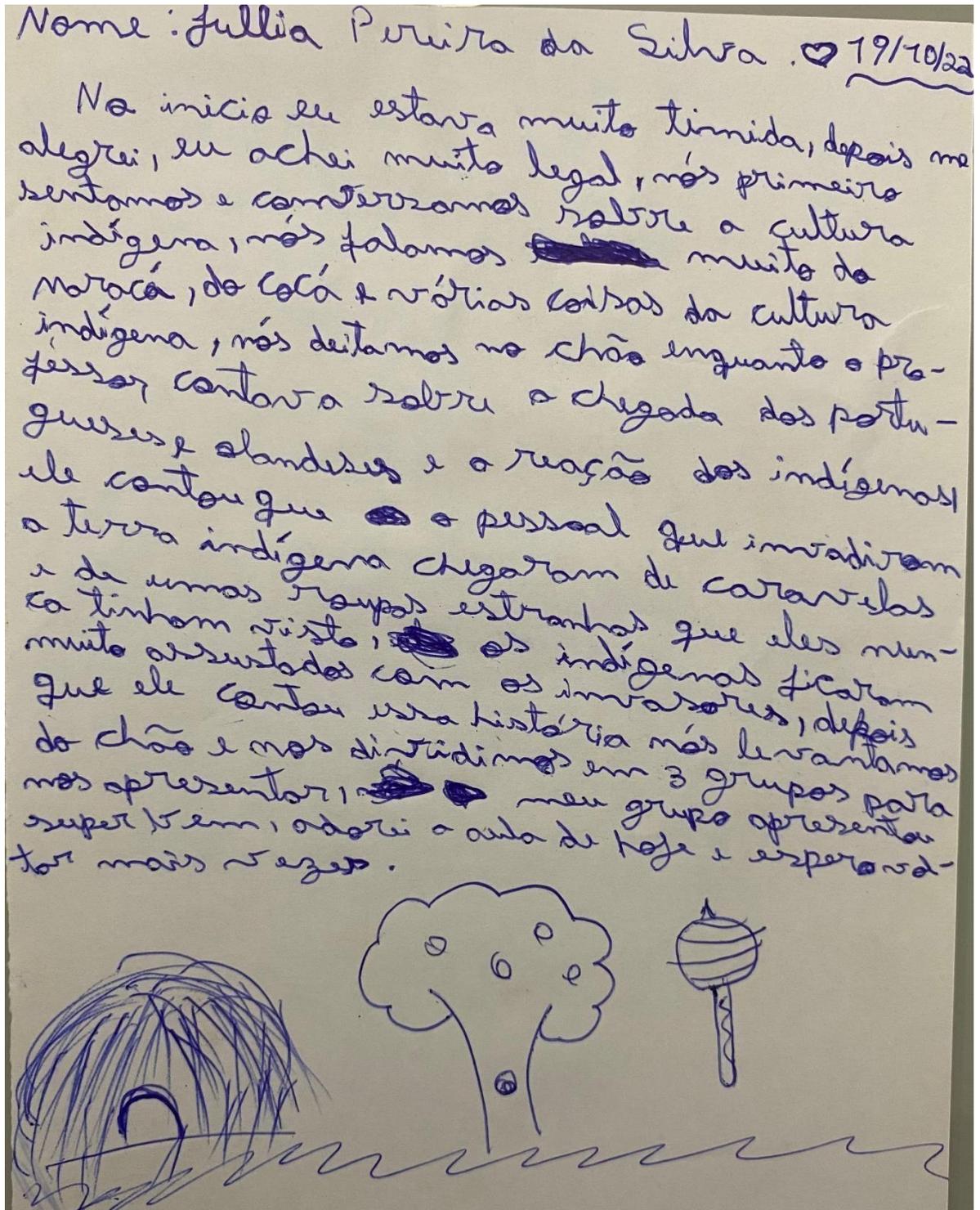
19/10/22 Maria João

Figura 29: Relatos dos estudantes após vivência da aula sobre simbologia Potiguara

Foi super legal, assim que chegamos  
 começamos a falar sobre os materiais  
 indígenas, gostei muito quando ficamos  
 deitados imaginando que estávamos  
 no tempo em que os portugueses  
 chegaram. Foi uma vibe tão boa  
 me imaginar no meio de uma floresta  
 fazendo tudo que amo, depois de tudo  
 isso <sup>a gente</sup> dividio uns grupos de quatro  
 e criamos apresentações lindas. Foi muito  
 divertido, as apresentações dos outros grupos  
 estavam muito legais, ainda estou pensando  
 sobre as histórias que contaram, me imaginei  
 no lugar delas, as músicas me ajudaram a  
 pensar bastante e imaginei o qual bom  
 iria ser se as coisas ainda fossem  
 assim, existiria menos poluição e etc. gosto  
 do quanto evoluímos, mas amo mais  
 ainda saber que algumas coisas ainda  
 existem.

Kemilly Nayomi Soares Soutana 19/10/22

Figura 30: Relatos dos estudantes após vivência da aula sobre simbologia Potiguará



Fonte: Arquivo pessoal (2022)

Figura 31: Relatos dos estudantes após vivência da aula sobre simbologia Potiguará

Eu achei muito legal quando a gente  
 entrou na sala aí a gente ouviu o pro-  
 fessor falar sobre a cultura indígena  
 no xab táca esquite Táca Petiguará  
 PB, aí nos deitamos no chão aí  
 nos ficamos ouvindo música e ouvindo  
 o professor falar sobre os costumes  
 que acontecem antigamente aí nos  
 ficaram os olhos despaí nos olhando  
 eu fiquei com muito sono mais fui  
 bom, depois eu fiz um grupo de  
 quatro meninas nos apresentamos  
 duas vez porque a primeira não ficou  
 boa e mim estrei logo mais esqueci  
 da peça boa de mais, eu confesso que  
 tô muito nervosa e muito, mais deu  
 certo. depois nos falamos um pouco  
 que a gente fez. eu tô com um  
 cola e um amarelo mas tô muito  
 bonita mais vale a pena, aí gente  
 acabou mais um pouco mais da cul-  
 tura indígena e também nos agora tô

Fonte: Arquivo pessoal (2022)

Figura 32: Relatos dos estudantes após vivência da aula sobre simbologia Potiguara

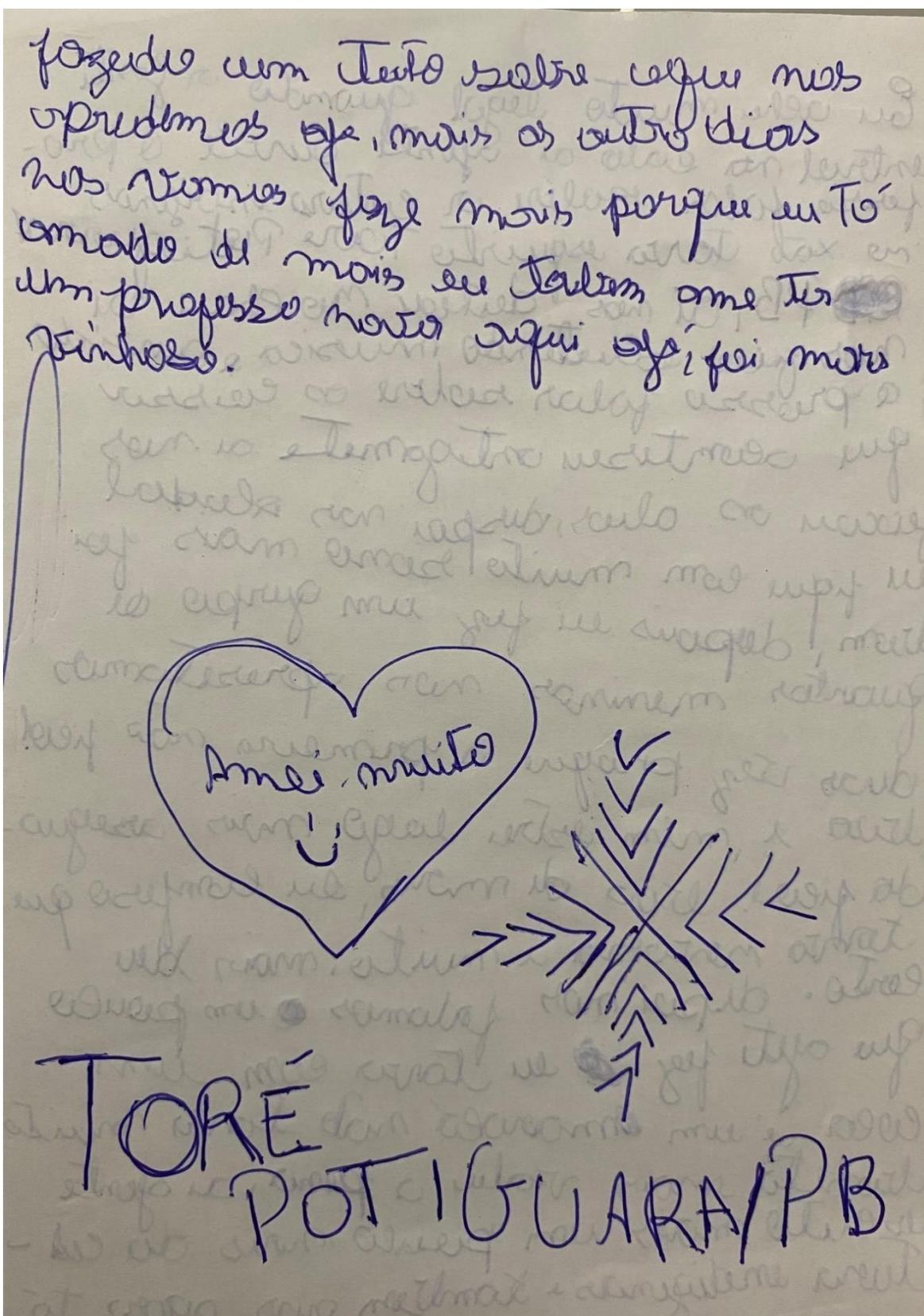
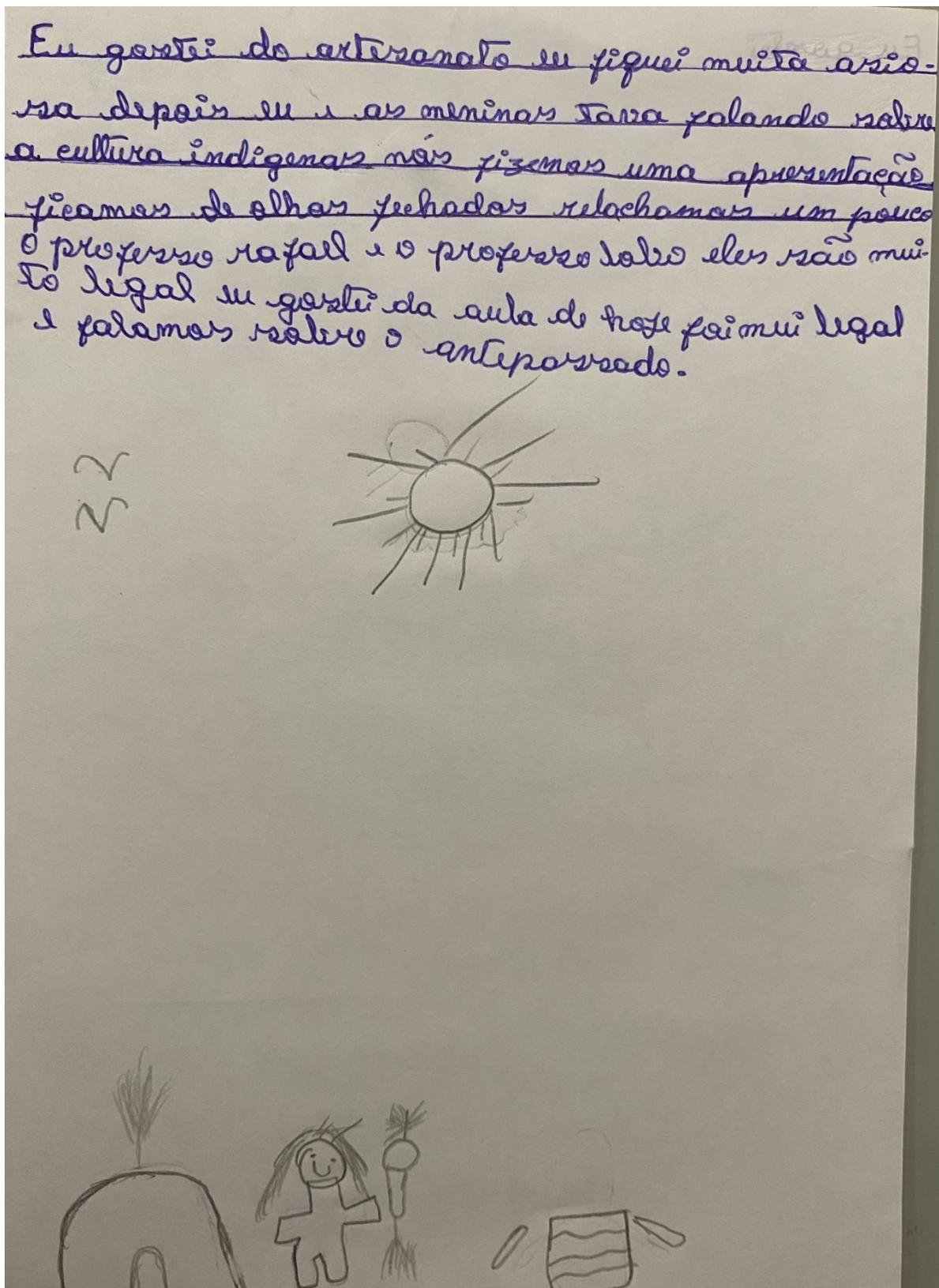
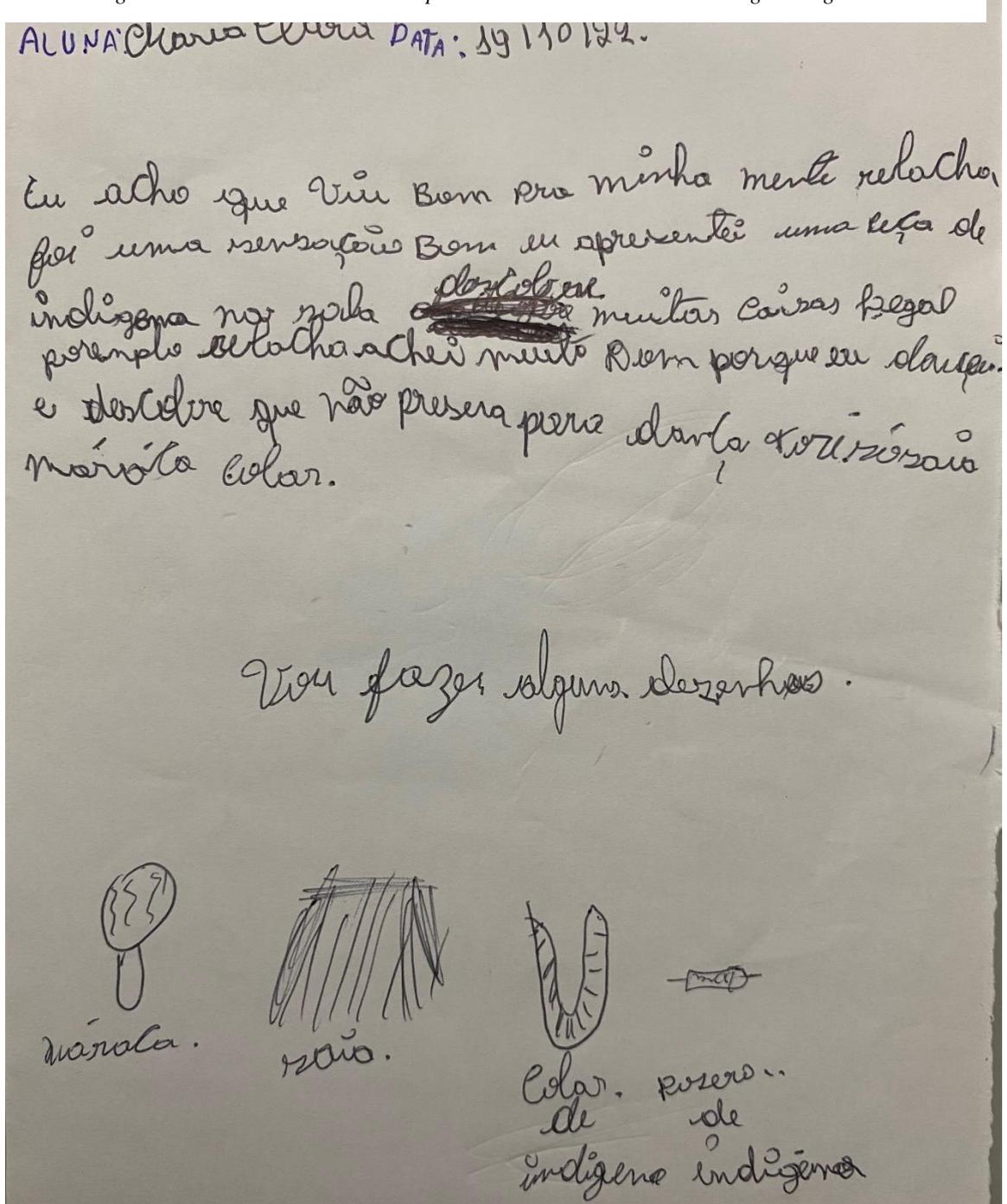


Figura 33: Relatos dos estudantes após vivência da aula sobre simbologia Potiguara



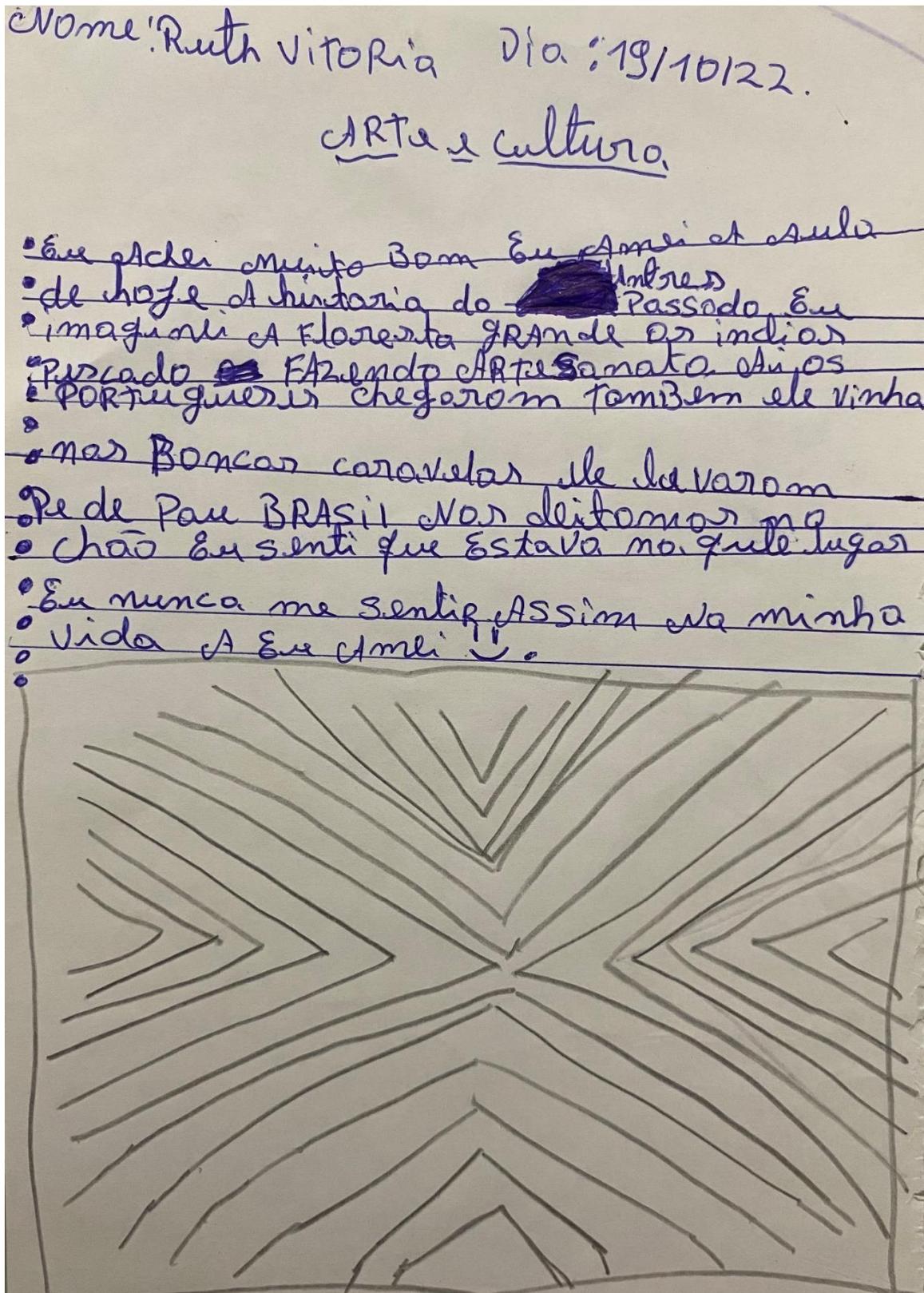
Fonte: Arquivo pessoal (2022)

Figura 34: Relatos dos estudantes após vivência da aula sobre simbologia Potiguara



Fonte: Arquivo pessoal (2022)

Figura 35: Relatos dos estudantes após vivência da aula sobre simbologia Potiguara



Fonte: Arquivo pessoal (2022)

#### 4.4 3º AULA: OS QUATROS ELEMENTOS DA NATUREZA (TERRA, ÁGUA, FOGO E AR): DANÇANDO COM OS QUATROS ELEMENTOS POTIGUARAS

No dia 26/10/2022 em uma quarta-feira desenvolvemos a aula com o tema: os quatro elementos da natureza, com o intuito de fortalecer esses elementos que estão sempre presentes nos rituais e dia a dia do Povo Potiguara. A aula explorou os seguintes elementos: **Terra, Água, Fogo e Ar**. A condução da aula aconteceu na praia que fica atrás da escola Antonio Azevedo, pedi para que os estudantes viessem com roupas confortáveis que iríamos fazer uma aula que precisaríamos de estar bem a vontade.

Pensando na importância de realizar esta aula, vale salientar, que para nós Potiguaras esses componentes tem uma importância fundamental em nosso convívio tanto no dia a dia, quanto em nossos momentos de rituais, eles estão entrelaçados em nossa ancestralidade enraizados em nosso chão, em nosso ar, em nosso fogo e em nossa água. Fazendo com que nada nos separe deste elo que a natureza contruiu em nos. Desta maneira, foram trazidos diversos significados no qual cada estudante pode entender a proposta da aula e expressar no seu corpo de forma livre a partir de cada elemento da natureza, a investigação dispõe de inúmeras possibilidades de criações sobre a relação entre o ser humano e o ambiente em que habita cotidianamente.

A seguir, vou dissertar e trazer a estrutura da aula sobre os quatro elementos da natureza Potiguara, explorando cada elemento individualmente. E apresentar como foi conduzido a aula.

##### **Objetivos da aula:**

- Compreender a relação dos Potiguaras com os quatro elementos da natureza;
- Explorar a expressão corporal através da dança, e incorporar os elementos Terra, Água, Fogo e Ar em movimentos de dança;
- Promover a consciência corporal e a conexão com a natureza através da dança.

##### **Materiais necessários:**

Música Potiguara tradicional ou música de fundo que represente a natureza.

Roupas confortáveis para dançar.

**Estrutura da Aula:****Introdução:**

Apresentei a cultura Potiguara e sua conexão com a natureza.

Expliquei os quatro elementos da natureza (terra, água, fogo e ar) e como eles são importantes na vida Potiguara.

**Aquecimento:**

- Realizei exercícios de aquecimento para preparar o corpo para a dança.
- Incluímos alongamentos suaves e movimentos circulares para os ombros, quadris e tornozelos

**- Dança da terra:**

Iniciei com a dança que representa o elemento "terra". Os movimentos devem ser firmes e conectados à terra.

Use movimentos inspirados na natureza, como imitar árvores, plantas ou animais terrestres.

**Dança da água:**

Avancei para a dança que representa o elemento "água". Os movimentos devem ser fluidos e suaves.

Direcionamos os alunos a incorporar movimentos que evocam ondas, rios e criaturas aquáticas.

**Dança do fogo:**

Continuei com a dança que representa o elemento "fogo". Os movimentos devem ser energéticos e vibrantes.

Incluímos movimentos que remetam ao calor, à chama e à energia do fogo.

**Dança do ar:**

Terminei com a dança que representa o elemento "ar". Os movimentos devem ser leves e etéreos.

Exploramos movimentos que imitam o vento, aves em voo e a sensação de liberdade.

**Discussão e reflexão:**

Conversamos com os alunos sobre suas experiências na dança dos elementos. Discuta a importância de honrar e respeitar a natureza, assim como o nosso Povo Potiguara fazem.

**Encerramento:**

Momento de compartilhar com os colegas o que cada grupo experimentou na elaboração da sequência de movimentos.

Encerre a aula com um momento de gratidão pela natureza e pela cultura Potiguara.

Dê a oportunidade para os alunos compartilharem suas reflexões finais.

Recebemos os alunos com uma saudação calorosa e uma breve explicação sobre a cultura Potiguara e sua conexão com a natureza. Fizemos um círculo bem próximo do mar já começando a ter esse contato com esses elementos, apresentei os quatro elementos: Terra, Água, Fogo e Ar, e explique sua importância na cosmovisão Potiguara. Fiz uma pergunta se todos sabiam quais eram esses quatro elementos, a maioria já tinha algum conhecimento sobre. Fiz uma breve explicação sobre esses elementos começando pelo elemento TERRA.

Terra (Yby): A nossa terra é vista como a base de toda a vida. Para nós Potiguara, a terra é o sustento físico e espiritual de sua comunidade. acreditamos que dela vêm os alimentos, as plantas medicinais e os minerais essenciais para a sobrevivência. A terra é reverenciada como a mãe que nutre e protege a todos. A terra representa a estabilidade, a produtividade, a fertilidade e a conexão com a mãe terra, e pode simbolizar para nós Povo Potiguara a resistência, identidade e prosperidade. Em seguida falamos sobre a ÁGUA.

Água (Ynã): A água é considerada sagrada e essencial para a vida. Ela não apenas sustenta o Povo Potiguara, mas também é fundamental para rituais de purificação e cura. A água é vista como a fonte da vida e a conexão entre os seres humanos e os espíritos da água, que habitam rios, lagos e oceanos. Água simboliza a fluidez, a emoção e a intuição do nosso povo, que nos conduz para o caminho da perseverança e da luta. Para os antepassados e segundo a minha avô Dona Joana ouvi muito ela dizer que a água é associada a purificação, cura e renovação. Prosseguimos falando sobre o FOGO.

Fogo (îandê): O fogo é visto como um elemento purificador e transformador. Ele é usado nos rituais para purificar o ambiente e afastar energias negativas em nosso incensos. Além disso, o fogo é essencial para a preparação dos alimentos e, portanto, desempenha um papel crucial na vida cotidiana dos Potiguara. Fogo representa a energia, a paixão e a transformação, também pode simbolizar a iluminação, a criatividade e a motivação. Este

elemento também pode representar uma grande ameaça para nosso povo, pode representar a destruição, quando fora de controle pode destruir nossas matas. Por fim falei sobre o AR.

Ar (Hãhãhãe): O ar é considerado o elemento que conecta todas as coisas vivas. É a respiração da vida e também está associado à comunicação com os espíritos e aos sonhos. O nosso Povo Potiguara acreditam que o vento carrega mensagens dos antigos e que é possível obter orientação espiritual através da observação dos movimentos do ar. Este elemento simboliza a mente, a comunicação a liberdade, que possuímos enquanto seres humanos e também indígenas Potiguaras a condução do ar nos faz ir na direção que nos foi destinado. O ar também representa nosso intelecto, é associado a respiração e a vida. É importante pensar a importância do ar limpo para a sustentação da atmosfera para a melhor condição da vida humana.

Aula dos quatro elementos da natureza entre os Potiguara é uma prática ancestral que faz parte da rica cultura indígena. Os Potiguara, assim como muitos outros povos indígenas, possuem uma profunda conexão espiritual com a natureza e acreditam que os elementos da terra, água, fogo e ar desempenham papéis essenciais em sua cosmologia e na manutenção do equilíbrio do mundo. Os quatro elementos da natureza entre os Potiguara não apenas ensinam sobre a importância destes elementos em suas vidas, mas também transmite conhecimentos sobre como viver em harmonia com a natureza e respeitar os recursos naturais. É uma prática que ajuda a manter viva a cultura e a espiritualidade Potiguara, que enfrenta desafios devido à pressão externa e à perda de territórios.

É importante reconhecer a importância de preservar e respeitar a sabedoria indígena, como a aula dos quatro elementos, pois ela não apenas enriquece nossa compreensão da relação entre os seres humanos e a natureza, mas também oferece lições valiosas sobre a preservação do meio ambiente e a busca por um mundo mais equilibrado e sustentável.

Em seguida após a contextualização dos quatro elementos da natureza no qual fizemos toda uma associação com nossa cultura Potiguara entrelaçando esses saberes que existe entre nosso povo, dividimos os estudantes em quatro grupos e cada um deles ficaram com um elemento, pedi para que cada um deles procurassem algum lugar da praia e tentasse se conectar com cada elemento que foi escolhido e dividido entre os grupos. Coloquei um fundo musical, e conduzi um aquecimento leve para preparar o corpo para a dança,

enfocando a respiração profunda e a mobilidade articular com sons da natureza e cada grupo começou a se movimentar de forma livre e espontânea, buscando movimentações que remetesse aos elementos propostos na aula.

Como professor condutor da aula pude observar como os estudantes iam se envolvendo com a aula, pedi que enquanto eles e elas estivessem buscando experimentar movimentações acerca dos elementos direcionei que os estudantes fizessem relações com os aspectos simbólicos do Toré que já tínhamos estudados na aula anterior e associassem com esses elementos trazendo tudo para o experimentar no corpo.

Era nítido a exploração dos elementos que os estudantes traziam no corpo, fazendo referência com a água, a terra, o ar e o fogo. Dei 15 minutos para esse momento de exploração de movimentos com base nos elementos já citados algo que combine todos os movimentos explorados em uma sequência de dança que represente harmonia entre os quatro elementos. Após esse momento pedi para que cada grupo elaborasse uma sequência de movimentos a partir do que foi experimentado. E em seguida compartilhar com os demais colegas. Logo começamos a partilhar com os colegas as suas criações a partir das experimentações e indicações que tivemos durante todo o roteiro da aula. foi fantástico de ver cada momento ali vivenciado os grupos trouxeram varias sequências com base nos quatro elementos da natureza. Encerramos a aula com uma breve reflexão sobre a experiência e a conexão com os elementos Potiguara, convidando os alunos a compartilharem seus sentimentos e pensamentos.

Em uma aula sobre os quatro elementos da natureza Potiguara, é importante destacar como esses elementos estão entrelaçados com a espiritualidade e a cultura desse povo indígena. Além disso, é fundamental respeitar e valorizar a perspectiva Potiguara em relação à natureza e promover uma compreensão mais profunda da conexão entre os seres humanos e o ambiente natural. Isso pode ajudar a promover o respeito pela cultura indígena e a conscientização sobre a importância da preservação ambiental. sendo também uma maneira envolvente e educativa de explorar a cultura Potiguara e sua relação com os elementos da natureza. Ressignificar os movimentos da dança de acordo com a vivência e habilidades cotidiana dos alunos, e promova o respeito e a apreciação pela rica herança cultural dos povos Potiguaras.

Em uma aula sobre os quatro elementos da natureza Potiguara, é importante destacar como esses elementos estão entrelaçados com a espiritualidade e a cultura desse povo indígena. Além disso, é fundamental respeitar e valorizar a perspectiva Potiguara em relação à natureza e promover uma compreensão mais profunda da conexão entre os seres humanos e o ambiente natural. Isso pode ajudar a promover o respeito pela cultura indígena e a conscientização sobre a importância da preservação ambiental. Sendo também uma maneira envolvente e educativa de explorar a cultura Potiguara e sua relação com os elementos da natureza. Certifique-se de adaptar os movimentos de dança de acordo com a idade e nível de habilidade dos alunos, e promova o respeito e a apreciação pela rica herança cultural dos Potiguaras.

Vejamos abaixo os registros dos estudantes nos momentos de investigação do processo de criação artística.

*Figura 36: Estudantes em aula experimentando os quatros elementos da natureza*



Fonte: Arquivo pessoal (2022)

*Figura 37: Aluna representando o elemento ar em seus movimentos na investigação*



Fonte: Arquivo pessoal. 2022

*Figura 38: Aluna representando o elemento água em seus movimentos na investigação*



Fonte: Arquivo pessoal (2022)

*Figura 39: Aluna representando o elemento terra em seus movimentos na investigação*



Fonte: Arquivo pessoal (2022)

*Figura 40: Aluna representando o elemento fogo em seus movimentos na investigação*



Fonte: Arquivo pessoal (2022)

#### 4.5 4º AULA: ENRAIZANDO A ANCESTRALIDADE NO CORPO

A aula realizada no dia 02 de novembro de 2022 teve como tema: Enraizando a Ancestralidade no corpo, o qual objetivou revisitar as heranças que estão enraizadas em nosso corpo a partir de uma perspectiva da ancestralidade indígena Potiguara, que vem sendo acionada nos corpos dos estudantes a partir das investigações artísticas do grupo focal. A aula abordou, também, a importância da conexão entre os povos indígenas e suas raízes ancestrais, destacando o corpo como um território sagrado que carrega a história, espiritualidade e identidade cultural.

Explorando a cosmovisão indígena, discutiu-se a visão do corpo como parte integrante da natureza e a necessidade de preservar práticas tradicionais de cuidado, como rituais de purificação e pinturas corporais. Apesar dos desafios históricos, a resistência indígena foi ressaltada, assim como os esforços para o reconhecimento e valorização de suas culturas. Uma atividade prática proporcionou aos participantes uma vivência simbólica da conexão com a ancestralidade, seguida por uma discussão reflexiva sobre a incorporação dessas práticas na vida cotidiana. Foi elaborado um roteiro para a realização da aula, a partir da proposta de sua estruturação foi dado prosseguimento nas atividades.

Enraizar a ancestralidade no corpo Potiguara é uma prática multifacetada que abrange dança, arte corporal, alimentação e linguagem. É uma jornada contínua de conexão com as raízes, um compromisso em manter viva a chama da sabedoria transmitida pelos antigos. Por meio dessas expressões tangíveis e intangíveis, os Potiguaras encontram uma maneira única e profunda de preservar e celebrar sua herança ancestral.

A seguir pode-se observar a proposta de aula que foi elaborada para realização de investigação no grupo focal, sobre o enraizamento da ancestralidade a partir das vivências de cada estudante no seu convívio cultural e ancestral.

**Introdução:****Contextualização Histórica:**

- Contextualização da importância da ancestralidade na identidade indígena Potiguara;
- Explicação breve da história e diversidade dos povos indígenas;
- Destaque sobre a importância da relação com a terra e a conexão espiritual.

**- Corpo como território ancestral:**

- Abordamos a visão indígena do corpo como um território que carrega a história e a espiritualidade;
- Discutimos a importância de manter essa conexão para preservar a identidade cultural.

**- Práticas tradicionais de cuidado com o corpo:**

- Apresentamos práticas tradicionais de cuidado com o corpo, como rituais de purificação, tatuagens, pinturas corporais, etc;
- Destacamos a relação dessas práticas com a espiritualidade e a conexão com os antepassados.

**- Cosmovisão indígena:**

- Exploramos a cosmovisão indígena e como ela influencia a relação com o corpo e a ancestralidade;

- Discutimos sobre a interconexão entre todos os elementos da natureza e como isso se reflete no corpo indígena Potiguara.

**- Resistência e reconhecimento:**

- Abordamos os desafios enfrentados pelo povo indígena Potiguara na preservação de suas tradições;
- Destacamos iniciativas de resistência e esforços para o reconhecimento das culturas indígenas.

**-Atividade Prática:**

- Direcionamos uma atividade prática, como uma cerimônia simbólica, pintura corporal ou prática de meditação que permita aos participantes experienciar a conexão com a ancestralidade que estão enraizadas em nosso corpo e no nosso território.

**- Discussão e Reflexão:**

- Momento de socialização entre os estudantes para que os demais compartilhem suas experiências e reflexões a partir da vivência na atividade realizada;
- Promovemos a discussão sobre como podem incorporar essas práticas em suas próprias vidas e convívio na sua realidade cultural e ancestral;
- Incentivamos os participantes a continuarem explorando e respeitando suas raízes ancestrais.

Iniciamos a aula conversando sobre a ancestralidade que cada um carrega em suas raízes enquanto indígenas Potiguaras, reforçando entre eles as heranças que estão enraizadas

em nossos corpos e nossa história vinda dos nossos antepassados e que já tiveram uma história construída em nossa terra. Na condição de ministrante fiz inicialmente um relaxamento com os estudantes, pois na aula anterior percebi que estavam agitados, assim, iniciei fazendo um relaxamento para que pudéssemos iniciar as atividades com mais concentração e tranquilidade.

Tive de fazer algumas alterações no direcionamento da aula a partir do que estava planejado na estrutura que elaborei para a execução da investigação. A proposta do relaxamento era para um momento que iria ser proposto no meio da aula, com a mudança de planos usei o relaxamento para darmos início. Assim, busquei introduzir o tema da aula no relaxamento, pedindo para que todos os participantes se espalhassem pela sala e ocupassem um determinado espaço, coloquei um fundo musical com sons da natureza para que eles fossem se conectando com a proposta de relaxar e deixar o corpo/mente focar no que iria ser investigado naquele momento.

Fui dando os comandos para o relaxamento pedi para que eles fechassem os olhos e se conectassem com os pés bem firmes no chão, como se estivessem enraizados naquele lugar. Como nossa aula era sobre enraizando a ancestralidade, busquei fazer uma reflexão sobre os nossos antepassados que passaram por essa terra e deixaram suas raízes que somos nós. Cada estudante ali presente tem em seu corpo a herança de marcas da ancestralidade enraizadas em sua história a partir de seus pais, avós entre outros que fazem parte deste ciclo familiar.

A herança cultural é fortemente presente na vida dos estudantes, quando acionamos esses lugares de memória e afetividade rememoramos vários gatilhos que vêm fortalecer a vivência cultural que cada um deles tiveram durante seu percurso de vida até aqui. Esse relaxamento fez com que esse lugar fosse acionado em cada estudante. Nesse sentido, busquei ir conectando os laços familiares de momentos da infância que cada um vivenciou. Após esse momento direcionei os alunos para que eles fossem deitando no chão e refletissem sobre o que eles entendem sobre suas heranças culturais e ancestrais, tendo em vista que fiz uma breve contextualização anteriormente para que eles pudessem se situar do assunto.

*Figura 41: 1º Momento da aula sobre enraizando a ancestralidade todos em círculo para o momento de relaxamento*



Fonte: Arquivo pessoal (2022)

Figura 42: 2º Momento da aula estudantes deitam e se conectam com o chão e imaginam que estão enraizados



Fonte: Arquivo pessoal (2022)

A aula "Enraizando a Ancestralidade no Corpo" foi um espaço dedicado à exploração e celebração das conexões entre o corpo e as raízes ancestrais. Essa abordagem busca integrar práticas culturais, espirituais e corporais para promover uma compreensão mais profunda da herança cultural e ancestral de cada indivíduo envolvido na pesquisa.

Durante a aula, os participantes puderam experimentar uma combinação de atividades físicas, práticas de consciência corporal, rituais e reflexões que visam reconectar-se com as tradições e conhecimentos transmitidos ao longo das gerações. A ênfase recai sobre a importância de reconhecer e honrar a ancestralidade como uma fonte de sabedoria, força e resiliência.

Nesta aula os participantes tiveram oportunidade de experimentar elementos das heranças desde sua infância até o momento atual, os elementos eram relacionados a: danças tradicionais, músicas, contação de histórias e meditações guiadas para criar uma experiência holística. Essa abordagem não apenas busca fortalecer o corpo físico, mas também nutrir a alma e a mente, proporcionando um espaço para os participantes explorarem sua identidade cultural de maneira mais profunda, buscando adentrar nas experiências vividas a partir de suas heranças e ancestralidades.

Além disso, a aula envolveu discussões sobre a importância do respeito às tradições, o entendimento da história familiar e o impacto da ancestralidade na forma como nos relacionamos com nós mesmos e com o mundo ao nosso redor. Enraizar a ancestralidade no corpo é, portanto, uma jornada de autoconhecimento que reconhece a riqueza das raízes culturais como parte integrante da jornada de cada indivíduo.

A proposta de "enraizar" a ancestralidade no corpo sugere uma conexão profunda e visceral com as tradições e heranças passadas. Isso pode envolver a exploração de gestos, danças, rituais ou formas de movimento que tenham significado cultural e histórico para os participantes. A ideia é que, ao vivenciar essas práticas, os participantes possam sentir uma conexão mais profunda com suas raízes e uma compreensão mais completa de sua herança. Além disso, a aula pode incluir elementos educativos, fornecendo contextos históricos e culturais que ajudam a enriquecer a compreensão dos participantes sobre as tradições de suas origens. Isso pode contribuir para um senso mais amplo de identidade e pertencimento, promovendo o respeito e a valorização das diferentes culturas representadas tendo como foco maior a cultura indígena Potiguara da Paraíba.

A sala estava envolta em uma atmosfera acolhedora, iluminada por encantados que transmitiam uma luz suave e calorosa. O aroma de ervas ancestrais permeava o ar, criando uma conexão imediata com as raízes da história. Os alunos, cada um em seu imaginário vestindo-se de ancestralidades que ecoavam tradições antigas, se acomodavam em círculo no chão. Dei continuidade a aula com uma saudação respeitosa aos antepassados, convidei os alunos a fecharem os olhos e a se conectarem com a terra, respirando profundamente para absorver a energia ancestral ao seu redor presente naquele lugar. Começamos enraizando nossos pés no solo da nossa história, disse-lhes com uma voz suave: "sintam a força da terra, a mesma que sustentou nossos antepassados por gerações. Deixem que essa energia flua através de vocês e que ela possa também atravessar todos vocês".

A aula continuou com uma série de movimentos que homenageavam diferentes heranças em cada corpo ali constituído. Os alunos tiveram a oportunidade de mover, investigar, e dançar ao ritmo das histórias contadas por seus corpos, reconhecendo a sabedoria transmitida através dos gestos e a consciência corporal. No decorrer da aula fui enfatizando a importância de honrar as origens e como isso poderia fortalecer a jornada pessoal de cada aluno como também fortalecer cada vez mais nossa cultura indígena Potiguara, usando sempre esse pertencimento ao nosso favor para que nosso povo sinta-se sempre representado e fortalecido: "ao enraizar a ancestralidade no corpo, vocês se tornam vasos vivos das histórias que moldaram quem vocês são hoje. Cada movimento é um tributo aos que vieram antes de nós, os nossos 'troncos velhos'. Que quer dizer os mais velhos que já morreram".

A aula também incluiu momentos de reflexão, nos quais os alunos compartilharam suas próprias histórias e experiências. Eles descobriram semelhanças nas narrativas de suas famílias e, ao fazer isso, sentiram uma conexão mais profunda entre si. À medida que a aula avançava, exploramos práticas de ancoragem emocional e técnicas de cura ancestral. Descobrimos como podemos incorporar saberes antigos em nosso cotidiano, fortalecendo nossa identidade e compreendendo o papel crucial que desempenhamos na continuidade da história de nossas linhagens

No final da aula, convidei os alunos a expressarem gratidão pelos seus antepassados. Em um gesto simbólico, cada um teve seu momento de partilha para que pudesse falar de sua experiência a partir do que foi vivido naquele de investigação artística e cultural. Após todos compartilharem suas experiências distribuí entre eles uma folha de papel e lápis para que pudessem escrever suas impressões, adotei essa estratégia pelo fato de muitos deles relatarem em aulas anteriores que preferiam escrever do que às vezes falar, pois escrevendo eles conseguiam se expressar melhor, assim, incorporei essa estratégia ao longo de todo processo e após cada aula de investigação os participantes falavam e escreviam seus relatos e impressões.

Ao saírem da aula, os alunos relataram que sentiram uma sensação renovada de identidade e ancestralidade. Eles não apenas haviam aprendido a enraizar a ancestralidade em seus corpos, mas também a compartilhar esse conhecimento com o mundo, promovendo a preservação das tradições e a valorização da rica herança cultural que carregavam consigo.

Segue a baixo alguns registros da aula “Enraizando a Ancestralidade no Corpo”.

*Figura 43: Alunos e alunas do grupo focal em aula de investigação sobre: Enraizando a Ancestralidade no Corpo*



Fonte: Arquivo Pessoal 2022

Figura 44: Registro da aula “Enraizando a Ancestralidade no Corpo indígena Potiguara”.



Fonte: Arquivo pessoal (2022)

*Figura 45: Momento em que os alunos deitam no chão para se conectar com a terra*



Fonte: Arquivo pessoal (2022)

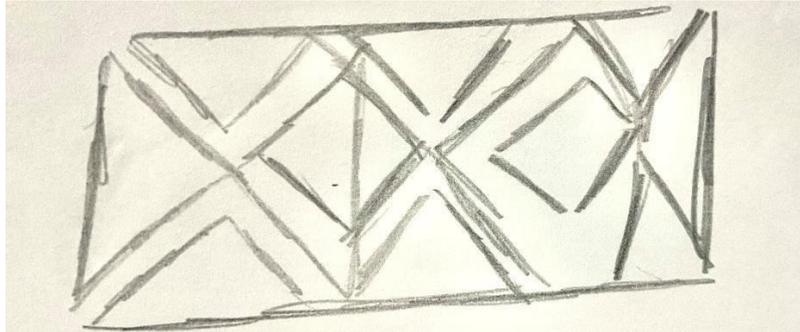
*Figura 46: Momento em que os estudantes buscam relações com as heranças ancestral que o corpo transmite*



Fonte: Arquivo pessoal, (2022)

*“Os corpos-territórios são coletivos, por isso, quando um indígena está ocupando um espaço, junto com ela está todo seu povo”.* (Baniwa et all, 2023, p. 09)

*Figura 47: Grafismo feito pela aluna Maria Laís colaboradora da pesquisa*



Fonte: Arquivo pessoal, 2022.

*Figura 48: Alunos escrevendo suas impressões sobre a aula “enraizando a ancestralidade no corpo Potiguara”*



Fonte: Arquivo pessoal, 2022.

Durante nossos encontros eu pedi para que cada um registrasse através de escrita ou vídeo falando sobre nossos encontros, quais impressões havia ficado, o que sentiram, o que mais havia marcado. Segue abaixo alguns registros de relatos escritos pelos alunos e alunas

sobre esse momento de investigação e vivência artística sobre a aula: “Enraizando a Ancestralidade no Corpo”.

Figura 49: Relato da estudante Maria Clara sobre a experiência na aula

Maria Clara Araújo Fedeardir.  
 DATA: 04/11/2022.  
 Eu achei bom porque eu reachei um pouco  
 deitei no chão com as mãos apagadas e trabalhei  
 no gesso reachei muito amei muito.

Fonte: Arquivo pessoal, 2022.

Figura 50: Relato da estudante ketilly Sofhia sobre a experiência na aula

Arte e cultura Ketilly 6º Ano (A)  
 Hoje dia 02/11/2022 hoje foi o dia  
 mais divertida o que eu mais gostei  
 foi alongamento e lembra da herança  
 dos nossos antepassados potiguaras.

Fonte: Arquivo pessoal, 2022.

Figura 51: Relato da estudante Ruth Vitória sobre a experiência na aula

Nome: RUTH VITÓRIA BARBOSA DA SILVA.  
 Série: 7<sup>ª</sup>A  
 PROF: RAFAEL.  
ARTe e cultura  
 Essa aula foi boa ami só não gosti do exe-  
 rcício de sentar no colo do outro eu ami  
 o do Pícale e queria que fosse todo dia!  
 Ee também ami por hoje e meu aniversário  
 Ami quero volta aqui de novo xx

Fonte: Arquivo pessoal, 2022.

Figura 52: Relato da aluna Maria Gabriela sobre a experiência na aula “Enraizando a ancestralidade no corpo”.

Maria Gabriela P. B.  
 Eu deitei no chão eu fiz exercício e  
 relaxei exercitei a minha coluna e Pireço  
 eu gostei muito do relaxamento lembrei de  
 minha infância e da minha ancestralidade  
 eu senti o chão no meu corpo e também  
 fui muito relaxante

Fonte: Arquivo pessoal, 2022.

Figura 53: Relato da aluna Shâmara kayllane sobre a experiência na aula “Enraizando a ancestralidade no corpo”.

Eu gostei dessa aula eu adorei hoje  
 com meu mãe foi legal eu adorei o  
 professor e o papel e o alongamento que  
 ele fez com os meus amigos um grupo  
 parte o professor eu nunca mais eu vou  
 esquecer esse momento legal. ☺☺☺

com amor

Shâmara Kayllane

Fonte: Arquivo pessoal, 2022.

Figura 54: Relato da aluna Rhyany Vitória sobre a experiência na aula “Enraizando a ancestralidade no corpo”.

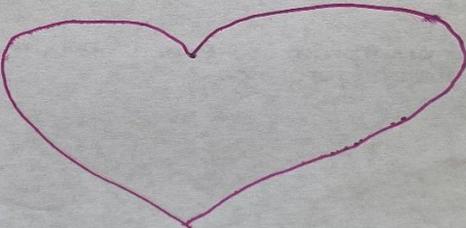
Rhyanny 02/11/22  
 Vitória  
 F.A

Eu achei essa aula muito  
 legal, me senti muito  
 confortável e relaxei bastante,  
 a música é bem calma,  
 a parte que eu mais  
 gostei foi a parte do  
 saravêto, foi muito  
 legal e divertido.  
 gostei também da parte  
 dos alongamentos

Fonte: Arquivo pessoal, 2022.

Figura 55: Relato da aluna Júlia Pereira sobre a experiência na aula “Enraizando a ancestralidade no corpo”.

Eu achei que essa aula foi muito legal,  
 Canção mas gostei muito, eu me senti  
 muito bem e descontraída, omei muito e  
 quero voltar mais vezes :) ☀️  
 A gente se exercitou primeiro, depois  
 nós começamos a evoluir a dança,  
 a dança que nós dançamos era bem  
 calma, gostei muito da dança 😊  
 Fiz uma amiga muito legal e linda 🌸  
 O professor Rafael é muito calmo e legal



Júlia Pereira da Silva ♥

Fonte: Arquivo pessoal, 2022.

Figura 56: Relato da aluna Ludimila de Souza sobre a experiência na aula “Enraizando a ancestralidade no corpo”.

Eu achei a aula muito  
criativa, gente fez  
exercício foi legal,  
eu achei incrível  
A aula de hoje  
eu gostei muito  
mas não deu  
o tempo necessário

Ludimila

Fonte: Arquivo pessoal, 2022.

4.6 5° AULA: EU BRINCO COM MEU MARACÁ NA MÃO: ENTRE A POÉTICA DA MUSICALIDADE E CORPOREIDADE DO TORÉ POTIGUARA

*No pé do cruzeiro jurema,  
Eu brinco com meu maracá na mão  
Pedindo força ao meu jesus cristo  
Que abençoe a os meus irmãos.  
Oh Ana rei, oh Ana rei, oh Ana rei!  
Oh Ana rei, oh Ana rei, oh Ana rôôô!*

Figura 57: Estudantes participando da Aula sobre: Entre a Poética da musicalidade e corporeidade do Toré Potiguara no terreiro sagrado da aldeia mãe (São Francisco) 2022.



Fonte: Arquivo pessoal, 2022.

O Toré Potiguara é uma expressão cultural indígena que combina elementos poéticos, musicais e corporais. Originário do povo Potiguara, que habita a região nordeste do Brasil, mas especificamente no litoral Norte da Paraíba, o Toré desempenha um papel vital na preservação da identidade e na transmissão de conhecimentos ancestrais. Nesta aula, exploramos a rica interconexão entre a poética da musicalidade e a corporeidade do Toré Potiguara, buscando essa relação através dos corpos dos estudantes.

A aula neste dia foi bem diferente das anteriores, por quê? Porque estávamos indo para um lugar peculiar conhecido como terreiro sagrado, a aldeia no qual o terreiro está localizado chama-se Aldeia São Francisco que é considerada a aldeia mais antiga da reserva indígena Potiguara, por essa razão é chamada de “ALDEIA MÃE”. Foi um desafio enorme levar meus alunos e alunas para o terreiro sagrado, embora todos já o conhecessem, pois lá são realizados muitos rituais de Toré. Um dos desafios foi chegar na aldeia mãe, éramos 14 pessoas e só tinha o meu carro para fazer o traslado. Marquei o horário com os estudantes às 13 h em frente à escola, não restando opção coloquei todos em meu carro e seguimos para a aldeia com destino ao terreiro sagrado, uns foram na mala do carro, pois não foi possível acomodar todos nos bancos do carro.

A Aldeia São Francisco é uma comunidade indígena Potiguara localizada na cidade de Baía da Traição. No litoral norte da Paraíba existem terreiros sagrados ou espaços rituais importantes para as práticas culturais e espirituais do nosso povo Potiguara. Vale ressaltar que o termo "terreiro" é mais comumente associado a práticas religiosas afro-brasileiras, como o Candomblé e a Umbanda. No contexto indígena, o espaço pode ter características diferentes, mas, ainda assim, é um local sagrado para suas práticas culturais e espirituais.

A proposta da aula foi levar os alunos e alunas para vivenciar e experimentar a musicalidade e a corporeidade presente nos elementos do Toré. Sendo assim, achei interessante fazer essa aula no terreiro sagrado, pois lá existe a presença de elos encantados, dos nossos troncos velhos, a força da mãe natureza e a força ancestral do nosso Pai Tupã. O terreiro sagrado é o lugar que todos os indígenas Potiguara se reúnem para dançar o ritual do Toré, lugar sagrado onde purificamos nossas forças para mantermos firmes na luta pela identidade e a nossa resistência e permanência em nossa terra.

Sobre a importância do ritual entre os remanescentes de Aldeia São Francisco, Nascimento; Farias & Barcellos (2012, p.43) complementam dizendo que:

Se, todos os povos apresentam uma maneira de se comunicar com o transcendente, logo entendemos que cada sociedade também possui uma maneira própria de manifestar suas crenças, as quais são expressas por meio de diversos modos de materialização das espiritualidades, crenças e tradições, denominadas “ritos.” Por esse motivo, “os ritos são praticados como elo de renovação, celebração, memória,

conservação e transformação de tradições de um povo ou sociedade em uma dimensão temporal e espacial. ” (NASCIMENTO; FARIAS & BARCELLOS, (2012, p.43).

De modo que, “as furnas, a oca, os terreiros são espaços sagrados onde os Potiguara invocam seus ancestrais e praticam o ritual Toré” (Nascimento, Farias; Barcellos, (2012, p .42). Na realidade Potiguara, a natureza e a terra são transcendententes e já vêm munidas de forças espirituais. A terra constitui o espaço sagrado, onde emanam as forças espirituais e,

A natureza é para os índios, lugar poderoso, capaz de renovar e transmutar tudo o que é ruim em energia vital. Quanto mais o índio penetra na natureza, mais solidifica e fortalece sua aliança com a mãe natureza. A sinfonia dos animais, agregada com a fertilidade da natureza, os aromas das plantas e toda a atmosfera espiritual dos ancestrais, dos encantos e dos espíritos de luz, renovam e purificam suas vidas [...] Para os Potiguara, os encantos, os Aliados que protegem a natureza e os lugares dos rituais, fazem parte da cosmovisão indígena. Na mãe terra, existe vida mineral, vegetal; é lá onde moram os espíritos, os ancestrais e os encantados. (Barcellos, 2012a, p.93-124).

A intenção de fazer esta aula investigativa neste lugar sagrado é a certeza de ver e saber que há uma relação de cumplicidade entre o indígena Potiguara e o cosmo, o qual ele atribui significado e valor. É sob essa perspectiva que caminha o Potiguara, percebendo na Mãe Terra, símbolo de fertilidade e de comunhão fraterna entre os remanescentes do lugar ancestral, que é arraigado de forças na natureza, nesta perspectiva o lugar iria influenciar bastante no processo de investigação a partir do debruçar dos estudantes na experimentação artística cultural.

Estruturei uma sequência para ter uma base no decorrer da aula, vejamos a baixo essa estrutura:

**- Contextualização Histórica:**

- Significado e importância do Toré na cosmovisão Potiguara
- A relação entre o Toré e a espiritualidade indígena

**- Elementos musicais do Toré**

- Maracá
- Bombo
- Gaita

**- Cantos e melodias**

- A função narrativa dos cantos na transmissão de histórias e ensinamentos;

- Exploração da diversidade de cantos indígenas Potiguara.

#### **- Ritmo e percussão**

- Discussão sobre a importância do movimento ritmado acionado a partir dos instrumentos do Toré;
- Papel dos participantes na criação de uma atmosfera rítmica

#### **- Poéticas do Toré: Metáforas e simbolismo**

- Análise das letras e dos versos das canções do Toré;
- Identificação de metáforas e símbolos presentes no Toré;
- Exploração da conexão entre o Toré e a natureza;
- Como a poética reflete a relação harmoniosa com a natureza e a relação corpo/mente.

#### **- Corporeidade no Toré**

- Descrição da movimentação apresentadas no Toré;
- Significado dos gestos e passos;
- O corpo como instrumento de expressão cultural;
- A relação entre os movimentos corporais e a música.

#### **- investigação Prática**

- Realização de diálogo ao ouvir as músicas do Toré Potiguara;
- Discussão sobre as emoções e sensações evocadas pelas canções do Toré;
- Experimentação de alguns movimentos específicos da dança do Toré Potiguara;
- Reflexão sobre a importância da corporeidade na transmissão cultural dos corpos envolvidos.

Esta aula visa proporcionar uma imersão na riqueza cultural e ancestral do Toré Potiguara, destacando a interconexão entre a musicalidade, a poética e a corporeidade como elementos essenciais dessa expressão artística indígena dos Potiguara.

Em uma ensolarada tarde de terça-feira dia 12 de novembro de 2022, fomos impulsionados a realizar a penúltima aula do grupo focal no terreiro sagrado, e lá estávamos dispostos a realizar uma aula especial que exploraria a poética da musicalidade e a

corporeidade intrínseca do ritual do Toré Potiguara, chagando no local, o carro não poderia chegar tão próximo do terreiro sagrado, pois tinha uma cerca de arames bem na entrada do local, por isso descemos e fomos a pé até o terreiro, uma distância de aproximadamente 500 metros. Chegando ao local, reuni os estudantes antes mesmo de começar a aula e fiz uma breve reflexão de estar ali naquele lugar e o quanto aquele momento estava sendo importante para a pesquisa, como também para o fortalecimento da identidade de cada um daqueles que estavam ali presentes.

*Figura 58: Descolamento dos estudantes até o terreiro sagrado da aldeia São Francisco para a aula: Entre a Poética da musicalidade e corporeidade do Toré Potiguara no terreiro sagrado da aldeia mãe.*



Fonte: Arquivo pessoal, 2022

No terreiro sagrado há vários pés de cajueiros sobre os quais é dançado o Toré, e bem próximo há também uma oca central na qual também, às vezes, é dançado o Toré. Iniciamos a aula dentro da oca, pedi para que os alunos e alunas guardassem seus objetos pessoais e tirassem as sandálias para que pudéssemos ter um contato mais próximo com a mãe terra. Formamos um círculo em volta da oca e comecei a apresentar aos estudantes uma breve contextualização sobre os elementos que iríamos investigar naquela aula, que seriam os elementos presentes no Toré: a musicalidade e a corporeidade presente neste ritual. Os envolvidos na pesquisa já têm um conhecimento sobre esses elementos, pois a maioria mora em aldeias e são indígenas Potiguara, porém a intenção é fazer com que eles investigassem e buscassem as relações entre o corpo e a materialidade deste ritual que já faz parte do convívio deles.

Após esse momento inicial, no qual relatei como seria a proposta da aula e de ter

contextualizado o assunto, pedi para que eles fechassem os olhos e ouvissem o máximo possível dos sons que a mãe natureza estava emitindo, o som do balançar das árvores, o som dos pássaros, o som do vento e até mesmo o silêncio que circula em alguns momentos. Para aquele momento escolhi duas músicas do Toré e levei o meu maracá para introduzir dentro da investigação. Relatei para eles que a musicalidade do Toré é uma linguagem ancestral que se manifesta por meio de cantos, instrumentos tradicionais e movimentos corporais. Os alunos e alunas puderam sentir a presença do sagrado nas melodias marcantes e nas batidas dos maracás, instrumentos típicos desse ritual.

*Figura 59: Momento inicial da aula no qual peço para que os estudantes fechem os olhos e se conectem com a sonoridade da natureza ali presente*



Fonte: Arquivo pessoal, 2022

Durante a investigação dos alunos sempre enfatizei a importância de compreender a linguagem corporal como uma expressão viva da cosmovisão do nosso povo Potiguara. Pedi para que os estudantes comesçassem a se mover com os olhos ainda fechados de forma livre, os movimentos eram cheios de significado, representando a relação entre o homem, a natureza e o sagrado. Cada passo, cada gesto, era uma narrativa que conectava os alunos e alunas à tradição ancestral dos antepassados que muitas vezes já pisaram ali, dançando naquele lugar.

A atmosfera estava carregada de emoção e respeito, à medida em que os alunos se deixavam envolver pela energia contagiante do Toré. As barreiras entre observadores e participantes desapareceram, criando uma experiência de aprendizado única e transformadora. Ao final da aula, fui conduzindo uma roda de reflexão, na qual os alunos compartilharam suas percepções e sentimentos diante da vivência. Muitos destacaram a importância de

compreender as práticas culturais além dos livros acadêmicos, reconhecendo a necessidade de uma abordagem mais prática para compreender plenamente a riqueza das tradições indígenas.

Assim, aquela tarde de sexta-feira não foi apenas uma aula, mas uma jornada sensorial e espiritual que deixou uma marca duradoura nos corações e mentes dos estudantes, abrindo portas para uma compreensão mais profunda e respeitosa da diversidade cultural brasileira. Abaixo segue alguns registros de nossa aula.

*Figura 60: Momento de investigação sobre: Entre a Poética da musicalidade e corporeidade do Toré Potiguara*



Fonte: Arquivo pessoal, 2022

*Figura 61: Aluna shamara investigando em seu corpo a simbologia da cruz que é sempre utilizada no ritual do Toré*



Fonte: Arquivo pessoal, 2022

*Figura 62: Momento de investigação sobre: Entre a Poética da musicalidade e corporeidade do Toré Potiguara*



Fonte: Arquivo pessoal, 2022

*Figura 63: Momento de investigação alunos e alunas revisitando os elementos do Toré entre a corporalidade e a musicalidade: Entre a Poética da musicalidade e corporeidade do Toré Potiguara*



Fonte: Arquivo pessoal, 2022

*Figura 64: Momento de agradecimento ao pai Tupã e a Mãe natureza pelo momento no terreiro sagrado na aula sobre: Entre a Poética da musicalidade e corporeidade do Toré Potiguara*



Fonte: Arquivo pessoal, 2022

#### 4.7 6º AULA: QUEM PINTOU A LOUÇA FINA FOI A FLOR DA MARAVILHA: TORÉ POTIGUARA, DIALOGO ANCESTRAL ENTRE O CORPO QUE DANÇA

*Quem pintou a louça fina, foi a flor da maravilha  
Pai e Filho e Espirito santo, Filho da virgem Maria...*

*Figura 67: Alunos e alunas participando da ultima aula do grupo focal onde revisatamos todos os processos que investigamos durante a pesquisa aula sobre: Toré potiguara, dialogo ancestral entre o corpo que dança*



Fonte: Arquivo pessoal, 2022

De acordo com Barcellos e Soler (2012, p. 187) “os ritos reavivam os mitos, porque neles são encontradas formas de manter eles sempre vivos na mente do povo de uma determinada etnia”. No caso dos Potiguara da Paraíba, fica evidenciada tal afirmação em seus rituais como o Toré, batismo indígena, ritual da lua cheia, as missas e os cultos. E dentre os rituais acima citados o mais valorizado pelo povo Potiguara devido a sua importância em relação ao ressurgimento desta etnia, assim os autores destacam:

Falar do Toré Potiguara é falar da vida indígena na sua mais profunda dimensão. O Toré é um dos principais rituais sagrados dos povos indígenas no Nordeste. Trata-se de uma expressão lúdica e organizadora, íntima e emblemática, definida pelos indígenas como tradição, união e crença, que é atualmente uma prática conhecida e presente na maioria das coletividades que se reivindicam como indígenas. Entre os Potiguara, o Toré é uma das principais práticas religiosas como também um dos mais importantes sinais de diacriticidade e de referência paradigmática de etnicidade.

O diálogo ancestral entre o corpo que dança no Toré Potiguara pode ser entendido como uma comunicação profunda com as tradições, a natureza e os antepassados. Cada movimento, cada batida do bombo, no maracá, cada passo na dança carrega consigo a força da ancestralidade, a história e a sabedoria do povo Potiguara. Essa prática fortalece a identidade cultural, promove a conexão espiritual e mantém vivas as tradições transmitidas de geração em geração, a exemplo dos estudantes que vivenciam momentos como este que fortalece cada vez mais suas raízes indígena potiguara.

Nosso último encontro do grupo focal foi no terreiro sagrado da aldeia Brejinho localizado no município de Marcação que faz parte do território indígena potiguara. Durante o período letivo de 2022 tivemos alguns atropelos no nosso calendário, houve as eleições e a copa do mundo, o que impactou um pouco no nosso cronograma de atividades do grupo focal, dessa forma, só foi possível realizar apenas seis encontros durante o segundo semestre do ano letivo, tendo em vista que existem muitas particularidades nos calendários de uma escola pública que deixa a desejar no cumprimento dos dias letivos. Assim, conseguimos finalizar nosso roteiro de aulas programadas.

Nosso objetivo neste último encontro foi relacionar todas as experiências vividas que tivemos durante todo o processo investigativo, fazer uma junção de tudo que experimentamos em cada aula neste percurso de processo artístico. Os alunos e alunas buscaram desenvolver um diálogo entre a dança do Toré, na intenção de investigar a musicalidade, a coreografia, a espacialidade os elementos da natureza, e rememorar as vivências ancestrais, com seus antepassados.

De início fizemos uma roda de conversa para recapitular os elementos constituídos no ritual do Toré Potiguara, para que assim cada um pudesse lembrar da particularidade de cada um desses elementos que foram investigados durante o processo de pesquisa. Na Musicalidade temos: Maracás, flautas e percussões como bombo e a caixa, que são usados para criar uma melodia única e envolvente durante o ritual.

As canções são essenciais no Toré, transmitem mensagens espirituais e histórias do dia a dia do povo Potiguara, essas letras são frutos de uma riqueza transmitida oralmente, de geração em geração; na dança podemos destacar que cada movimento tem um significado específico, representando aspectos da natureza, rituais de caça, guerra ou celebração da vida. A dança na sua maioria ocorre em círculo, simbolizando a unidade e a continuidade da vida e vai seguindo o sentido anti-horário.

Para o povo potiguara o corpo que dança no Toré não é apenas um veículo físico, mas um meio de expressão que transcende o individual para se tornar uma manifestação coletiva da cultura e espiritualidade do povo. É uma forma de honrar e manter viva a herança cultural, enquanto simultaneamente proporciona uma ligação profunda entre a comunidade e suas raízes. Esse diálogo ancestral representa uma conexão espiritual e cultural única, onde o corpo, a música e a tradição se entrelaçam para criar uma expressão artística que vai além do entretenimento, sendo uma parte fundamental da identidade e da continuidade cultural do povo Potiguara.

A seguir pode-se observar a proposta de aula que foi elaborada para realização de investigação no grupo focal sobre Toré potiguara, dialogo ancestral entre o corpo que dança a partir das vivências de cada estudante no seu convívio cultural e ancestral durante todo o processo de investigação.

**Objetivo da aula:** Explorar e compreender os elementos sagrados e culturais e espiritual do Toré Potiguara, destacando a importância do corpo como meio de expressão na transmissão de conhecimentos ancestrais a partir do corpo que dança.

**Introdução:** Breve explicação sobre o povo Potiguara, Destacar a relevância do Toré como uma manifestação cultural ancestral que vem sendo repassada de várias gerações até os dias atuais.

**Desenvolvimento:** Significado do Toré Potiguara: Explicar o Toré como uma dança ritualística que envolve música, canto e movimento, destacar a importância espiritual do Toré, ligado à comunicação com os antepassados e à celebração da natureza.

Elementos do Toré: Discutir os principais elementos, como os instrumentos musicais (maracás, caixa e bombo), as vestimentas tradicionais e as pinturas corporais. Mostrar como cada elemento contribui para a experiência única do Toré. Elementos tradicionais envolvidos na prática do Toré (música, canto, dança, rituais) conexão entre o Toré e a espiritualidade do povo Potiguara e dos sujeitos envolvidos na pesquisa.

Dialogo ancestral entre o corpo que dança: Explorar os movimentos corporais, gestos e posturas a partir da experiência investigativa de cada estudante, estruturando movimentações com base nos elementos estudados do Toré Potiguara.

**Atividade prática:**

Propôs uma atividade prática em que os alunos possam experimentar alguns dos movimentos e expressões do Toré, e incentivar a experimentação dos instrumentos musicais. Os alunos e alunas foram observados com base na participação na discussão, na compreensão dos elementos culturais e espirituais envolvidos no Toré e na execução dos movimentos durante a atividade prática. O objetivo é que os alunos compreendam e respeitem a riqueza cultural do Toré Potiguara e reconheçam a dança como um meio de diálogo com a ancestralidade e fortaleça a cultura potiguara por meio do fazer artístico a partir do componente curricular de arte.

**Dialogo sobre a experiência:**

Promovemos uma discussão sobre as sensações, sentimentos e reflexões dos alunos durante a atividade prática.

**REGISTRANDO OS RELATO DO NOSSO ULTIMO ENCONTRO DO GRUPO FOCAL**

*Figura 68: Alunos e alunas participando da ultima aula do grupo focal onde revisatamos todos os processos que investigamos durante a pesquisa aula sobre: Toré potiguara, dialogo ancestral entre o corpo que dança*



Fonte: Arquivo pessoal

Naquela tarde ensolarada, adentramos no solo sagrado da aldeia Brejinho os alunos e alunas estavam ansiosos pela experiência que estava prestes a vivenciar, tendo em vista que seria nosso ultimo encontro do grupo focal, ali iriamos fazer uma aula de finalização e partilhar o que ficou de importante nos encontros e na investigação artistica da nossa pesquisa. O tema do dia era o "Toré Potiguara", uma dança ancestral que conecta os participantes com a espiritualidade e a história do povo indígena Potiguara. Eu, um pesquisador ávido por conhecimento, estava pronto para mergulhar nas sensações e impressões que meus estudantes estavam dispostos a vivenciar naquele momento, mediante a minha observação.

Neste dia pedi para que cada aluno e aluna levasse para a aula um adereço que fizesse parte dos trajes ou dos instrumentos que compõem o ritual do Toré, uns levaram maracás e outros cocar e saias, esses adornos fazem parte das vestimentas do ritual do Toré. Como seria nossa ultima aula eu sugeri que eles e elas fossem com seus trajes para sentirmos a representatividade no todo. O terreiro sagrado ecoava a atmosfera mística da tradição Potiguara e as forças dos encantados permeavam aquele lugar a todo instante. É importante salientar que quando chegarmos neste lugar pedimos licença a mãe natureza, aos encantados e aos nossos ancestrais para assim nos conectar com esse ambiente sagrado.

A aula começou com uma breve introdução de todas as aulas que tínhamos experimentado durante o processo de investigação, contextualizamos sobre a origem do Toré Potiguara e os seus elementos e sua relevância nas práticas espirituais da ancestralidade de nossos antepassados. A dança era vista como uma forma de se conectar com a natureza e invocar os elementos sagrados para garantir a resistência e o fortalecimento de nosso povo.

Os alunos e alunas se espalharam pelo espaço uns com maracá e outros com cocar e saias, coloquei uma musica instrumental do Toré e pedi para que eles e elas começassem a rememorar todas as movimentações e simbologias envolvidas no ritual do Toré, o importante era deixar que eles e elas se sentissem livres e deixassem conduzir pela força da acentralidade que cada um carregava em seu corpo/território. Esse exercício onde cada movimento, cada batida do tambor, e do maracá e cada expressão facial tinham um significado profundo. Era uma forma de comunicação com os espíritos e uma celebração da conexão intrínseca entre o corpo e a espiritualidade.

Durante o processo fui dando comandos utilizando pausas como estratégia para uma percepção corpórea mais apurada, como uma maneira de investigar como se comportava a agitação que dentro dos alunos e alunas se fazia presente, mas que por fora se continha e isso mantinha-se ligado aos nossos ancestrais. Essas pausas também foram de grande valia como momento para respirar e preparar para uma nova sequência de movimento. De acordo com Godard (2003) podemos perceber a relação com as imagens evocadas que aparecerem a todo momento durante a investigação do processo artistico.

[...] É por essa razão que os profissionais do movimento, os dançarinos em particular, sabem que, para melhorar, modificar ou diversificar a qualidade do gesto, é preciso atingir todas as suas dimensões, inclusive o pré-movimento que somente o acesso ao imaginário permite tocar. (GODARD, 2003 p 19)

Usamos o som do maracá como estímulo para pulsação que movia todos os corpos dos envolvidos, inicialmente como uma imagem sonora e corporal apenas evocada, como se ele estivesse invisível com os alunos apenas sentindo o ritmo em seus corpos. Depois pedi para eles ir pegando o maracá que estava espalhados pelo chão, usei o instrumento experimentando sua sonoridade e materialidade, eles percorreram com ele por várias partes do corpo, assim percebendo novos meios e possibilidades para a descoberta de outras movimentações.

Durante esta investigação trabalhamos com os instrumentos existentes no ritual do Toré, como maracá, bombo e caixa. Fui entrelaçando no processo de investigação entre os estudantes buscando relações entre a musicalidade e a dança e os padrões de movimentos que são constituídos no Toré Potiguara. Desta forma, fez-se necessário entender cada um dos instrumentos e suas sonoridades: o bombo com um som mais grave e a caixa com um som agudo, o maracá, com seu som ainda mais agudo que mantém o pulso existente nas canções do ritual do Toré.

Tais investigações se tornaram composições de uma dança de observação e sentidos onde cada experimento foi um mergulho nas memórias corporais acessadas, nas percepções de metáforas vindas do corpo em movimento. Neste contexto é possível afirmar que:

Reforçamos a ideia que esta estrutura estará mais explicitada na medida que o indivíduo estiver integrado às manifestações rituais. Os símbolos através dos quais a pessoa interliga-se ao sagrado, impulsionam para reagir simbolicamente. Percebemos que a qualidade da estrutura física possibilita o recebimento do campo simbólico, bem como a sensibilidade na apreensão dos símbolos faz com que o corpo chegue a ganhar estrutura. (RODRIGUES, 1997, p. 43)

Percebo que conseguimos alcançar um dos principais propósitos dessa pesquisa, que é contar através da Arte as histórias não contadas, explicar que é diversa as formas de ser e viver dos povos indígenas e que o povo Potiguara tem conseguido resistir no seu território desde a invasão em nossas terras, mesmo diante dos duros fatos acontecidos durante tantos anos. Sei que meus alunos e alunas não sairão deste processo da mesma forma que entraram, o corpo, a ancestralidade e afirmação de sua identidade enquanto indígena Potiguara estará mais forte e presente na sua trajetória de vida.

A Participação dos estudantes nesta aula com foco no "Toré Potiguara" pode proporcionar uma experiência rica em termos de conexão com a cultura indígena, entendimento das tradições ancestrais e apreciação das formas de expressão artística que incorporam elementos do corpo em movimento e foi possível revisitar todo o percurso que traçamos desde o nosso primeiro encontro até o aqui.

Conseguimos finalizar esse momento valioso no qual compartilhamos suas próprias experiências, destacando como a prática do Toré Potiguara contribuiu para a sua compreensão da cultura indígena e como o diálogo entre o corpo e a tradição ancestral que se manifestou na prática investigativa. Para finalizar Fizemos uma roda de conversa sobre as impressões que cada um sentiu durante o momento da aula. Segue a baixo alguns relatos dos alunos e alunas em links do youtube e registros fotograficos.

Relato da aluna Kemily Feliciano: <https://youtu.be/pwWPRPA8leU>

Relato do aluno Pedro Lucas: <https://youtube.com/shorts/IJvhKktPOb4>

Relato da aluna Lais Fernandes: <https://youtube.com/shorts/Aq6-vdH6ual>

Relato da aluna Rianny: <https://youtube.com/shorts/o0neahn4jBE>

Relato da aluna Shâmara: [https://youtube.com/shorts/q\\_7M3hZ2YyM](https://youtube.com/shorts/q_7M3hZ2YyM)

Relato da aluna ketye sophia: <https://youtube.com/shorts/aNYzeopFinM>

Relato da aluna Ruth: <https://youtube.com/shorts/0G9v6jHxwDg>

À medida que os ritmos se intensificavam, os corpos começaram a se mover em harmonia com a música e a pulsão rítmica da musicalidade do Toré. O chão se transformou em um espaço ainda mais sagrado pois tinha indígenas pisando naquele lugar, onde os estudantes eram conduzidos por uma força invisível que nos conectava com a terra e o céu. Cada passo, cada gesto, era uma expressão de reverência pelos elementos e uma homenagem aos antigos Potiguara e a força dos nossos antepassados.

O diálogo entre o corpo que dança e os espíritos se desdobrava diante dos nossos olhos, e eu sentia uma sensação única de pertencimento a algo maior. Era uma experiência transcendental, uma fusão de movimento, som e espiritualidade que tocava a essência de quem éramos como seres humanos. Exploramos como a dança do Toré Potiguara é um verdadeiro diálogo com os ancestrais, transmitindo tradições, histórias e saberes por meio do movimento do corpo. Reflitimos sobre como essa prática mantém viva a conexão com as raízes culturais e promove uma continuidade entre gerações passadas e a atual.

A aula "Toré Potiguara: Diálogo Ancestral entre o Corpo que Dança" explora a rica tradição cultural dos Potiguaras, uma etnia indígena brasileira. O foco principal é o Toré, uma dança ritualística que desempenha um papel crucial na expressão cultural e espiritual

desse grupo. Durante a aula, são abordados aspectos como a origem histórica do Toré Potiguara, suas significativas conexões com a natureza e espiritualidade, além de sua importância na transmissão de conhecimentos e valores entre gerações. O corpo, como instrumento central da dança, é analisado como um meio de comunicação ancestral, onde movimentos e ritmos carregam mensagens simbólicas profundas. A aula destaca a relevância de preservar e valorizar essas práticas culturais, reconhecendo o Toré Potiguara como um diálogo vivo entre o passado e o presente, enriquecendo a compreensão da diversidade cultural dos povos indígenas em especial os Potiguaras.

Ao final da aula, os estudantes relataram que estavam preenchidos de energias e cheios de gratidão pela oportunidade de ter participado desse diálogo ancestral. Mencionei que esse momento não era apenas uma dança ou uma vivência qualquer, e sim, uma maneira de manter viva a conexão com as raízes culturais e espirituais de um povo que resistiu ao tempo, e fortalecendo nossa identidade tanto cultural como artística. Segue abaixo os registros fotográficos desta aula:

*Figura 69: Alunos e alunas participando da última aula do grupo focal onde revisamos todos os processos que investigamos durante a pesquisa aula sobre: Toré potiguara, dialogo ancestral entre o corpo que dança*



Fonte: Arquivo pessoal

*Figura 70: Aluna Rafaely investigando os elementos do Toré com o instrumento Maracá na aula sobre: Toré potiguara, dialogo ancestral entre o corpo que dança*



Fonte: Arquivo pessoal

*Figura 71: Aluna kemily investigando os elementos do Toré com o instrumento Maracá usando os níveis e a espacialidade na aula sobre: Toré potiguara, dialogo ancestral entre o corpo que dança*



Fonte: Arquivo pessoal

*Figura 72: Aluna Shâmara investigando os elementos do Toré com o instrumento Maracá na aula sobre: Toré potiguara, dialogo ancestral entre o corpo que dança*



Fonte: Arquivo pessoal

*Figura 73: Aluna Ryane investigando os elementos do Toré na aula sobre: Toré potiguara, dialogo ancestral entre o corpo que dança*



Fonte: Arquivo pessoal

*Figura 74: Aluno Pedro Lucas investigando os elementos do Toré com o instrumento Maracá na aula sobre: Toré potiguara, dialogo ancestral entre o corpo que dança*



Fonte: Arquivo pessoal

*Figura 75: Aluna Ruth investigando os elementos do Toré na aula sobre: Toré potiguara, dialogo ancestral entre o corpo que dança*



Fonte: Arquivo pessoal

Figura 76: Alunos e alunas participando da ultima aula do grupo focal onde revisatamos todos os processos que investigamos durante a pesquisa aula sobre: Toré potiguara, dialogo ancestral entre o corpo que dança



Fonte: Arquivo pessoal

*Figura 77: Alunos e alunas participando da ultima aula do grupo focal onde revisatamos todos os processos que investigamos durante a pesquisa aula sobre: Toré potiguara, dialogo ancestral entre o corpo que dança*



Fonte: Arquivo pessoal

*Figura 78: Alunos e alunas participando da ultima aula do grupo focal onde revisatamos todos os processos que investigamos durante a pesquisa aula sobre: Toré potiguara, dialogo ancestral entre o corpo que dança*



Fonte: Arquivo pessoal

*Figura 79: Alunos e alunas participando da ultima aula do grupo focal onde revisatamos todos os processos que investigamos durante a pesquisa aula sobre: Toré potiguara, dialogo ancestral entre o corpo que dança esse momento estavamos experimentando vários deslocamentos pela espacialidade*



Fonte: Arquivo pessoal

*Figura 80: Alunos e alunas participando da última aula do grupo focal onde revisamos todos os processos que investigamos durante a pesquisa aula sobre: Toré potiguara, diálogo ancestral entre o corpo que dança esse momento estamos experimentando vários deslocamentos pela espacialidade*



Fonte: Arquivo pessoal

*Figura 81: Alunos e alunas participando da ultima aula do grupo focal onde revisatamos todos os processos que investigamos durante a pesquisa aula sobre: Toré potiguara, dialogo ancestral entre o corpo que dança esse momento estavamos experimentando vários deslocamentos pela espacialidade*



Fonte: Arquivo pessoal

*Figura 82: Alunos e alunas participando da última aula do grupo focal onde revisamos todos os processos que investigamos durante a pesquisa aula sobre: Toré potiguara, diálogo ancestral entre o corpo que dança*



Fonte: Arquivo pessoal

*Figura 83: Alunos e alunas participando da ultima aula do grupo focal onde revisatamos todos os processos que investigamos durante a pesquisa no terreiro sagrado*



Fonte: Arquivo pessoal

*Figura 84: Aluna que participaram do processo durante a pesquisa*



*Figura 85: Alunos e alunas que participaram do processo durante a pesquisa*



Fonte: arquivo pessoal

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após percorrer todas essas páginas é chegado o momento de tecermos algumas considerações sobre o trabalho em questão deste percurso realizado, fazer uma avaliação sobre a pesquisa e atrevermo-nos a levantar possíveis questionamentos que o campo empírico aponta com relação ao objeto de estudo. Aliás, não há considerações finais nesta pesquisa, pois ela não finda com este trabalho; ao contrário, aqui se inicia.

Termina-se esta pesquisa, mas se iniciam perspectivas de vidas mais conscientes e atentas à necessidade de rompimento com a animosidade e a passividade diante dos determinismos impostos dentro de uma estrutura de poder injusta e desigual, que nossos povos originários tiveram que passar durante anos, e mesmos assim permanecemos aqui no mesmo lugar onde nascemos e iremos morrer na certeza que outras sementes irão germinar aqui, frutos de nosso trabalho e resistência.

No começo da pesquisa, o nosso objetivo foi estabelecer diálogos entre a prática do ritual do Toré Potiguara e a investigação, tanto do ensino quanto da criação em dança no componente curricular Arte, buscando estabelecer relações entre os elementos que compõem esse ritual sagrado. Uma vez tomada a decisão de adentrar na esfera sagrada do meu povo, aprendemos que, podemos transformar a nossa própria história que por muito tempo foi contada por colonizadores que tentaram nos apagar. Desta forma é importante entender que essa pesquisa é referencial para meu povo, para a academia e/ou para interessados sobre o assunto.

O percurso da pesquisa foi bem desafiador por vários motivos, um deste foi não ter um espaço apropriado para as aulas práticas, tendo em vista que a estrutura da escola não dispões de uma sala para práticas de dança, mas não desistimos conseguimos e buscamos soluções para que a pesquisa pudesse ser realizada. Outra questão foi a sobrecarga das demandas geradas pelas escolas em que leciono, da conta de uma pesquisa de mestrado e lecionar em duas instituições escolares é bem cansativo, e ter que lher dá com as questões da vida pessoal. Uma outra dificuldade foi encontrar referencias de autores indígenas que abordassem a temática em estudo.

Embora houvessem desafios, foi muito forte e tocante desenvolver esse projeto. Grande parte dessa alegria em ter alcançado os objetivos iniciais da pesquisa, foi devido a participação e toda a colaboração dos meus alunos e alunas que tinham sede de conhecimento, queriam saber, fazer, experienciar, tocar, sentir e conhecer mais sobre a história e da cultura do seu povo indígena potiguara.

Nossos estudantes não são recipientes vazios. Apesar destes adolescentes virem com todos aparatos imposta pelas relações estabelecidas em seu meio social e pelas ações midiáticas que fazem parte de suas vidas, são adolescentes criativos, conseguem entender e transformar em conhecimento o que lhe é oferecido, são essas gerações atuais que formarão outras gerações, que para o povo potiguara será o futuro do amanhã cultivando sempre nossos costumes.

Essas experiências foram possíveis a partir do que foi proposto nos objetivos, o objetivo geral consistiu em, desenvolver aulas artísticas sobre os elementos da dança do Toré Potiguara da paraíba de forma integrada ao currículo de arte e assim fortalecer a cultura indígena potiguara, sendo assim, foram realizados alguns encontros com alunos e alunas que se comprometeram em participar deste processo.

A partir das nossas ações como docente, percebo a necessidade de nós educadores sermos pontes para mediar temáticas tão importantes, que possam contribuir na formação de seres críticos. Desenvolver um ensino a partir de uma metodologia artística e cultural se faz necessário, é urgente. Mas, para isso, é preciso que os docentes tenham formação necessária para desenvolver ações desse caráter.

As práticas pedagógicas empregadas nesta pesquisa foram direcionadas para desenvolver um trabalho de investigação sobre o rito do Toré potiguara a partir de uma perspectiva com base nos seus elementos durante as aulas, e buscando aproximar os(as) participantes da cultura indígena, para que eles e elas aprendessem, refletissem e vivenciassem a cultura indígena, e assim intensificar em cada um deles o fortalecimento desta cultura que vem sobrevivendo durante anos. Desta maneira precisamos sempre trabalhar com base nestes assuntos e pesquisa no ambiente escolar, lugar esse que conseguimos ter vez e voz e ser protagonistas de nossa própria história.

É possível dizer que o objetivo geral foi atingido a partir das aulas desenvolvidas ao longo do processo investigativo, nas quais foram explorados os elementos constituídos no ritual do Toré de forma integrada ao currículo. A partir destas experiências foi possível perceber o fortalecimento da cultura potiguara, enquanto povo originário deste país. Tendo em vista que os alunos e alunas demonstraram interesses na pesquisa e compartilharam seus conhecimentos e experiências, foi possível evidenciar a aproximação que cada estudante tinha com sua relação pessoal enquanto indígena potiguara e suas heranças culturais foram despertadas a partir destes encontros. Portanto, construir conhecimentos e memórias em seres que se tornem capazes de desenvolver a criticidade, que entendam e respeitem as diversidades, culturais, políticas, estéticas e éticas dos povos originários.

O primeiro objetivo específico foi elencado nos seguintes termos: contextualizar historicamente e socialmente o Povo Potiguara, assim, foi apresentado para os alunos e alunas uma reflexão sobre a história marcada do povo potiguara, de forma lúdica nas aulas investigativas, conforme já foi demonstrado ao longo do capítulo anterior.

O segundo objetivo foi compreender e descrever a movimentação, os aspectos espaciais, musicais e simbólicos do Toré. No período de investigação deste processo os principais aspectos cênicos foram o estudo com base nas canções e da movimentação do Toré Potiguara, buscando melhor entendimento e assim fazendo relações com a investigação prática. Durante o processo investigativo, as canções e a movimentação do Toré Potiguara, são riquezas transmitidas oralmente de geração em geração, assim esses elementos são milenares e não passam despercebidos entre o povo potiguara. Essas letras e coreografias do ritual do Toré são metafóricas e trazem consigo uma forte ligação com o passado.

Os alunos puderam imergir nas canções e movimentações do Tore de forma livre e autônoma, sentindo a musicalidade e podendo experimentar em seu corpo as sensações causadas pelo resgate das suas ancestralidades, heranças que a dança do Toré traz enquanto simbolismo e religiosidade potiguara.

O último objetivo consistiu em explorar corporalmente, a partir da dança do Toré, a sua estrutura e os elementos estudados. Sendo assim, os estudantes tiveram a oportunidade de experienciar o Toré dentro de um terreiro sagrado, isto é, vivenciar de forma integral no espaço que, de fato, faz a conexão com a ancestralidade. O chão do território sagrado diferencia-se do chão da escola ou de outros espaços, pois nele estão contidas as riquezas culturais e espirituais que dão sentido a razão de ser sagrado e, portanto, único.

Finalizo essas considerações tecendo algumas reflexões importantes a serem consideradas. O fato desses alunos e alunas se reconhecerem indígenas já é uma grande conquista, ainda que eles e elas não entendam com grande profundidade a importância desse autorreconhecimento para o fortalecimento cultural e identitário. Se reconhecer e dizer que faz parte deste povo, é reconhecer-se pertencente à história do povo Potiguara e pertencente a um território que carrega em sua história as lutas dos nossos antepassados. Durante a pesquisa, esses e essas estudantes puderam reconhecer e aprender um pouco mais da história e da cultura que também lhes pertence. Neste sentido, as experiências vivenciadas pelos alunos e alunas foram mais do que aulas, foi uma jornada sensorial e espiritual que deixou uma marca duradoura nos corações e mentes deles e delas, abrindo portas para uma compreensão mais profunda e respeitosa da diversidade cultural indígena brasileira, em especial a cultura potiguara.

## REFERÊNCIAS

- AMORIM, Paulo Marcos de. **Índios Camponeses: os potiguaras da Baía da Traição**. 1970. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Museu Nacional. Universidade Nacional do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1970.
- BARCELLOS, Lusival. **Práticas educativo-religiosas dos índios Potiguara da Paraíba**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2012.
- BANIWA, Braulina; KAINANG, Joziléia; MANDULÃO, Giovana. Org. Kassiane Schwingel. **Mulheres: corpos-territórios indígenas em resistência!** Fundação Luterana de Diaconia: Conselho de Missão entre Povos Indígenas, Porto Alegre: 2023. Disponível em: <https://comin.org.br/publicacao/semana-dos-povos-indigenas-2023/> . Acesso em: 01 jul de 2023.
- BRASIL. Presidência da República Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Brasília. DF. 1998. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm) Acesso em: 01 de out de 2022.
- CARDOSO, Thiago Mota; Guimaraes, Gabriella Casimiro. (Orgs.). **Etnomapeamento dos Potiguara da Paraíba**. Brasília: FUNAI/CGMT/CGETNO/CGGAM, 2012.
- CARLINI, A. L. R. S. **Cante lá que gravam cá: Mário de Andrade e a Missão de Pesquisas Folclóricas de 1938**. 1994. Dissertação (Mestrado em história) – universidade de São Paulo. São Paulo, 1994.
- BONIN, Iara Tatiana. **Povos Indígenas & Educação** / Maria Aparecida Bergamaschi, Maria Izabel Habckost Dalla Zen, Maria Luisa Merino de Freitas Xavier (organizadoras). Porto Alegre: Mediação, 2012.
- BRASIL. **PARECER 14/1999**, Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Escolar Indígena Conselho Nacional de Educação, Câmara de Educação Básica. Relatores: Kuno Paulo Rhoden, S.J.(Pe.), aprovado em: 14/09/99. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/sesu/arquivos/pdf/leis2.pdf>, Acesso em: 19mai2019
- GODARD, Hubert. **Gesto e Percepção**. Lições de Dança 3. Rio de Janeiro: UniverCidade Editora, 2003. p. 11- 35.
- IBGE - Instituto Brasileiro De Geografia E Estatística. **Estimativas da população**. Disponível em: [www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br) Acesso em: 08 de fev. 2023.
- LARANJEIRA, Carolina. **Estados Tônicos como fundamento dos estados corporais em diálogo com um processo criativo em dança**, Revista Brasileira de Estudos da Presença, Porto Alegre, v. 5, n. 3, p. 596--621, set./dez. 2018. Acesso em: setembro de 2023. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/presenca>
- LUCIANO, Gersem dos Santos. **O Índio Brasileiro: o que você precisa saber sobre os**

povos indígenas no Brasil de hoje. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; LACED/Museu Nacional, 2006.

MUNDURUKU, Daniel. **O caráter educativo do movimento indígena brasileiro** (1970-1990). São Paulo: Paulinas, 2002.

NASCIMENTO, José Mateus (Org.). **Etnoeducação potiguara**: pedagogia da existência e das tradições. João Pessoa: Ideia, 2012.

OLIVEIRA, João Pacheco De (ORG.) **A Viagem da Volta**: Etnicidade, Política e Reelaboração Cultural no Nordeste Indígena (Territórios Sociais, 2) Rio de Janeiro: Contra Capa, 1999, 350 pp.

MOONEM, Frans; Maia, Luciano Mariz, (Orgs.) **Etnohistória dos índios Potiguara**. João Pessoa: PR/PB;SEC/PB. 1992.

PALADINO, Mariana. **Educação escolar indígena no Brasil Contemporâneo: entre a “revitalização cultural” e a “desintegração de modo de ser tradicional”**. Dissertação de mestrado apresentada ao PPGAS/MN-UFRJ. Rio de Janeiro, 2001.

PALITOT, Estevão Martins. **Os Potiguara da Baía da Traição e Monte-Mór**: história, etnicidade e cultura. 2005. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal da Paraíba, 2005.

PALITOT, Estevão Martins. **Todos os pássaros do céu – O Toré Potiguara**. In: GRÜNEWALD, RA (org.). **Toré: Regime encantado dos índios no Nordeste**. Recife: fundação Joaquim Nabuco. Editora, Massangana. 2014

RODRIGUES, Graziela. **Bailarino, Pesquisador, Intérprete**: Processo de Formação. Rio de Janeiro: Funarte, 1997.

SILVA, Edson. Índios. Instrumento: **Revista de Estudo e Pesquisa em Educação**, v. 21, n. 2, 2019.

SIMAS, Hellen Cristina Picanço. **Letramento indígena: entre o discurso do RCENI e as práticas de letramento da escola potiguara de Monte-Mór** (Dissertação de mestrado). João Pessoa, 2009.

SOLER, Juan. BARCELLOS, Lusival Antonio. **Paraíba Potiguara**. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2012.

VIEIRA, José Glebson. **Festas e brincadeiras**: A vida Cerimonial dos Potiguara. Ariús, Campina Grande, v. 14, n. 1/2, p. 40–50, jan./dez. 2008.

VIEIRA, José Glebson. **Amigos e competidores política faccional e feitiçaria nos Potiguaras da Paraíba**. São Paulo 2010.

